



Acerca de este libro

Esta es una copia digital de un libro que, durante generaciones, se ha conservado en las estanterías de una biblioteca, hasta que Google ha decidido escanearlo como parte de un proyecto que pretende que sea posible descubrir en línea libros de todo el mundo.

Ha sobrevivido tantos años como para que los derechos de autor hayan expirado y el libro pase a ser de dominio público. El que un libro sea de dominio público significa que nunca ha estado protegido por derechos de autor, o bien que el período legal de estos derechos ya ha expirado. Es posible que una misma obra sea de dominio público en unos países y, sin embargo, no lo sea en otros. Los libros de dominio público son nuestras puertas hacia el pasado, suponen un patrimonio histórico, cultural y de conocimientos que, a menudo, resulta difícil de descubrir.

Todas las anotaciones, marcas y otras señales en los márgenes que estén presentes en el volumen original aparecerán también en este archivo como testimonio del largo viaje que el libro ha recorrido desde el editor hasta la biblioteca y, finalmente, hasta usted.

Normas de uso

Google se enorgullece de poder colaborar con distintas bibliotecas para digitalizar los materiales de dominio público a fin de hacerlos accesibles a todo el mundo. Los libros de dominio público son patrimonio de todos, nosotros somos sus humildes guardianes. No obstante, se trata de un trabajo caro. Por este motivo, y para poder ofrecer este recurso, hemos tomado medidas para evitar que se produzca un abuso por parte de terceros con fines comerciales, y hemos incluido restricciones técnicas sobre las solicitudes automatizadas.

Asimismo, le pedimos que:

- + *Haga un uso exclusivamente no comercial de estos archivos* Hemos diseñado la Búsqueda de libros de Google para el uso de particulares; como tal, le pedimos que utilice estos archivos con fines personales, y no comerciales.
- + *No envíe solicitudes automatizadas* Por favor, no envíe solicitudes automatizadas de ningún tipo al sistema de Google. Si está llevando a cabo una investigación sobre traducción automática, reconocimiento óptico de caracteres u otros campos para los que resulte útil disfrutar de acceso a una gran cantidad de texto, por favor, envíenos un mensaje. Fomentamos el uso de materiales de dominio público con estos propósitos y seguro que podremos ayudarle.
- + *Conserve la atribución* La filigrana de Google que verá en todos los archivos es fundamental para informar a los usuarios sobre este proyecto y ayudarles a encontrar materiales adicionales en la Búsqueda de libros de Google. Por favor, no la elimine.
- + *Manténgase siempre dentro de la legalidad* Sea cual sea el uso que haga de estos materiales, recuerde que es responsable de asegurarse de que todo lo que hace es legal. No dé por sentado que, por el hecho de que una obra se considere de dominio público para los usuarios de los Estados Unidos, lo será también para los usuarios de otros países. La legislación sobre derechos de autor varía de un país a otro, y no podemos facilitar información sobre si está permitido un uso específico de algún libro. Por favor, no suponga que la aparición de un libro en nuestro programa significa que se puede utilizar de igual manera en todo el mundo. La responsabilidad ante la infracción de los derechos de autor puede ser muy grave.

Acerca de la Búsqueda de libros de Google

El objetivo de Google consiste en organizar información procedente de todo el mundo y hacerla accesible y útil de forma universal. El programa de Búsqueda de libros de Google ayuda a los lectores a descubrir los libros de todo el mundo a la vez que ayuda a autores y editores a llegar a nuevas audiencias. Podrá realizar búsquedas en el texto completo de este libro en la web, en la página <http://books.google.com>



Vet. Port. II A. 25

Bought from Rosenthal,

Oxford

**ENGANOS
DO BOSQUE,
DEZENGANOS DORIO,
Em que a Alma entra perdida, e
sahe dezenganada.**

Digitized by Google

**ENGANOS
DO BOSQUE,
DEZENGANOS DO RIO,
Em que a Alma entra perdida , e sa-
he dezenganada.**

Com outras muitas obras varias , e admiraveis ,
todas por sua verdadeira Autora

A M. R. MADRE SOROR

MARIA DO CEO,

*Religiosa , e duas vezes Abbadessa do
Religiosissimo Mosteiro da Esperança
de Lisboa Occidental da Provincia
de Portugal.*

Dadas à estampa pelo zelo , e diligencia
do
P. FRANCISCO DA COSTA ,
do habito de S. Pedro.



LISBOA OCCIDENTAL ,
Na Offic. de MANOEL FERNANDES DA COSTA ,
Impressor do Santo Officio .

Anno de M. DCCXXXVI.

Com todas as licenças necessarias.

Vende-se na Rua nova na logea de Joaquim Rodrigues de Carvalho.





PROLOGO.



AS obras da muito Reverenda Madre Soror Maria do Ceo, Religiosa, e duas vezes Abbadeffa do Religiosissimo Mosteiro da Esperança de Lisboa Occidental da Provincia de Portugal, saõ hum thesouro de tantas riquezas, que parece inexhaurivel, pois tendo-se já repartido com todos por meyo da estampa em cinco tomos de oitavo, muita parte delas, cada dia apparecem novas ri-

quezas para repartir, porque sem-
pre se descobrem mais obras para
communicar: e como muitas pes-
soas espirituas, e curiosas sabem
conhecer o valor, e estimaçao,
que as taes obras merecem, cada
hora, e com impaciencia mani-
festaõ os dezejos de que se lhes
continue a posse destas riquezas;
sendo eu o mais empenhado em
que naõ fiquem algumas escondi-
das, com a minha costumada di-
ligencia alcancey as que neste sex-
to tomo te offereço, naõ só em
mais quantidade que nos cinco
antecedentes; mas tambem com
mais subidas, e proveitosas idéas
de todos os assumptos, que em va-
riedade gostosa discorre, e pro-
poem, com que igualmente re-
creya

creya o entendimento, e inclina
a vontade a todos os actos de per-
feição , a que devem aspirar os
Catholicos de todos os estados,
achando na liçaõ destas obras em
que empregar o tempo sem deli-
to , evitar a ociosidade com pro-
veito , e gastar as horas , que de
suas occupações lhe ficarem li-
vres, em aprender o como podem
salvar as suas almas. No Index ,
que vay adiante , conhacerás pe-
los titulos das obras , como te in-
clina o desejo para veres a subti-
leza , e espirito, com que discorre
em cada huma dellas , variando
nas idéas , mas sempre encami-
nhando ao sequito das virtudes.
Muitas riquezas estaõ ainda por
descubrir neste thesouro , e nelle

se vaõ ajuntando tada vez mais,
porque a mina , donde se criaõ , e
o entendimento , em que se fór-
maõ , naõ paraõ em compor ou-
tras obras , que por suas saõ avalia-
das pelas melhores riquezas : se
me continuar , a felicidade de as
alcançar , prometto , dando-me
Deos vida , de as offerecer à tua
curiosidade , e bem ordenado de-
zejo , e appetite.

Vale.

LI-



LICENÇAS DO SANTO OFFICIO.

O Padre M. Fr. Manoel Coelho, Qualificado dô Santo Officio veja o livro, de que se trata, e informe com seu parecer. Lisboa Occidental 23. de Agosto de 1735.

Fr. R. de Lancastro. Teixeira. Sylvá.
Cabedo. Soares. Abreu.

EMINENTISSIMO SENHOR.

M Anda-me Vossa Eminencia ver o livro intitulado: *Enganos do Bosque, Dezenganos do Rio*, em que a alma entra perdida, e sahe dezenganada. Autora a M. R. Madre Soror Maria do Ceo, Religiosa, e duas vezes Abbadeffa do Religiosissimo Mosteiro da Esperança de Lisboa Occidental da Provincia de Portugal. Li, Eminentissimo Senhor, com toda

teda a attençāo este livro , e naō achey
nelle couſa alguma contra noſſa Santa
Fé Catholica , ou bons costumes ; antes
ſim muitos dictames , de que ſe podem
aproveitar muitas almas para o dezenga-
no da vida ; e affim me parece digno de
ſe maniſteſtar aos olhos de todos por
meyo da eſtampa. Vossa Eminencia
mandará o que for ſervido. S. Domingos
de Lisboa 14. de Setembro de 1735.

Fr. Manoel Coelho.

O Padre M. Dout. Fr. Manoel da Ave
Maria, Qualificador do Santo Offi-
cio veja o livro, de que ſe trata , e infor-
me com ſeu parecer. Lisboa Occidental
16. de Setembro de 1735.

*Fr. R. de Lancastro. Teixeira. Cabedo.
Soares. Abreu.*

EMINENTISSIMO SENHOR.

E Sta obra , que com o titulo de *Enga-
nos do Bosque, e Dezenganos do Rio,*
compoz a M. R. Madre Soror Maria do
Ceo, Religiosa , e duas vezes Abbadeſſa
no

no seu Convento da Esperança , he taõ conforme à nossa Santa Fé , e bons costumes , que sobre o ser digna de imprimirse , he dignamente merecedora de se estampar nos corações de todos. Assim , o julgo , e me parece o julgarão assim os que com a reflexão que devem , se dignem de reparar no que fendo dotes , posto que raros , da natureza se animaõ , e parecem mais impulsos da graça , com a qual fortalece tanto , e de tal forte suaviza , e recrea para bem das almas a erudição , noticia , e naturalidade , com què discorre , e falla assim nisto , como em todas as mais obras , que se reconhecem , e veneraõ por suas , que a naõ serem todas taõ singulares como esta , poderia esta só pela recomendação de sua merecer o credito de singular entre todas. Isto o que me parece. Vossa Eminencia mandará o que for servido. Convento da Santíssima Trindade em 26. de Setembro de 1735.

Fr. Manoel da Ave Maria.

Vistas as informações , pôde-se imprimir o sexto tomo das Obras da Madre Soror Maria do Ceo , e depois de impresso

presso tornará para se conferir , e dar licença que corra , sem a qual não correrá. Lisboa Occidental 27. de Setembro de 1735.

*Fr. R. de Alancastro. Teixeira. Sylva.
Cabedo. Soares. Abreu.*

DO ORDINARIO.

OMuito R. P. Dout. Fr. Martinho do Amor de Deos veja o livro , de que se trata , e informe com seu parecer. Lisboa Occidental 28. de Setembro de 1735.

Miranda.

REVERENDISSIMO SENHOR.

MAnda-me V. S. ver esta obra com o titulo de *Enganos do Bosque* , e *Dezenganos do Rio* , que escreveo, e quer imprimir a Madre Soror Maria do Ceo, e o Reverendo Francisco da Costa, Clerigo do habito de S. Pedro , e muito teria que admirar , que fendo duas vezes Prelada a Autora desta obra , lhe desse lugar o governo, para que se empregasse tanto no dezafogo do seu espirito ; mas quiz

quiz assim mostrar dezempenhado o seu nome , e o seu Mosteiro , senão he que tudo he o mesmo ser do Ceo , e Religiosa da Esperança , aonde tem a Corte huma grande parte da sua Fidalguia , e vemos cá na terra hum pedaço de Ceo com digna morada do Rey da Gloria , Espozo seu , que enipregando-se na vida contemplativa , e religiosa , entraõ a provar nos seus escritos , que daõ ao Mundo a melhor liçaõ para os dezenganos , e aos aproveitados a mais segura regra para perseverarem na sua melhora , dezafogo precizo , emprego necessario de hum coraçao , que arde no Divino Amor , pois ainda que o Index deste livro o naõ declarára , arto se chega a entender , porque estes saõ os effeitos de semelhante causa , e propriamente me lembra o em que no profano rompeo o nosso Camões . Jà me dezenganey , que de queixarme naõ se alcança remedio , mas quem penha , forçado lhe he gritar , se a dor he grande . Deve-selhe dar a licença , que pedia , e provera a Deos , que este fosse o emprego do estudo religioso de hum , e outro sexo ; porque na liçaõ de taõ santas obras teriaõ os curiosos mais , e melhor fruto , do que tiraõ de outias , que se dei-

deixaõ imprimir. Este o meu parecer,
V. S. mandará o que for servido. Santo
Antonio dos Capuchos hoje 29. de Se-
tembro de 1735.

Fr. Martinho do Amor de Deos.

PO'de-se imprimir o livro, de que se
trata, e depois de impresso tornará
para se conferir, e dar licença que cor-
ra, sem a qual não correrá. Lisboa Oc-
cidental 30. de Setembro de 1735.

Miranda.

D O P A C, O.

OPadre M. Fr. Lucas de Santa Catha-
rina, da Ordem dos Prégadores, ve-
ja o livro, de que se trata, e interpon-
do seu parecer o remeta a esta Mesa.
Lisboa Occidental 3.de Outubro de 1735.

Pereira. Teixeira. Rego.

S E N H O R.

VI o livro, de que trata a petiçaõ in-
clusa, e não tendo couça, que en-
contre o Real serviço de Vossa Mage-
stade,

tade , me parece digno de que a voz da estampa o participe à curiosidade discreta , como parto de hum engenho , e gênio , que fecundos , e versados , assim no metro , como na proza , souberaõ com singular industria morigerar a natureza . Assim se acha todo o livro taõ redundante de agudezas , e elegancias ; de moralidades , e allegorias , que servindo para recreyo , pôde tambem contribuir para o ensino . Estas as justificadas adherencias para a licença , que se pede , Vossa Magestade ordenará o que for servido . S. Domingos de Lisboa Occidental em 7. dc Outubro de 1735.

Fr. Lucas de Santa Catharina.

Que se possa imprimir vistas as licenças do Santo Officio , e Ordinário , e depois de impresso tornará para se conferir , e taxar , e dar licença para correr , sem a qual naõ correrá . Lisboa Occidental 11. de Outubro de 1735 .

Pereira. Teixeira.

Ef-

E Stá conforme com o seu original. S.
Domingos de Lisboa 27. de Abril de
1736.

Fr. Manoel Coelho.

VIsto estar conforme com o original,
pôde correr. Lisboa Occidental 27.
de Abril de 1736.

*Fr. R. de Lancastre. Teixeira. Sylva.
Cabedo. Soares. Abreu.*

VIsto estar conforme com o original,
pôde correr. Lisboa Occidental 27.
de Abril de 1736.

Gouvea.

Que possa correr , e taxaõ em cento
e oitenta reis. Lisboa Occidental
28. de Abril de 1736.

Teixeira. Benicho.

IN-



INDEX

DAS OBRAS, QUE SE CONTEM
neste Livro,

ENGANOS DO BOSQUE,
dezenganos do Rio ,

Em que a alma entra perdida , e sahe
dezenganada.

CAP. I. Mostrarão-se à alma significada na Peregrina dous caminhos , o do Ceo , e o do Mundo ; as virtudes a chamaõ para o Paraíso Vergel do Pastor , os vicios para o Mundo , do Caçador Bosque , pag. I.

CAP. II. Resoluta a alma a seguir o conselho de Christo
** -fi

Index das obras,

figurado no Pastor , dá os primeiros passos pelo caminho da virtude; porém logo o mimo de seu amor proprio lho reprezenta impossivel de vencer, e destina ao Bosque do Caçador, a onde bebendo de suas aguas lhe rouba o Mundo o coraçaõ ; alli he cortejada de suas lizonjas symbolizadas nas Nynfas , pag. 13.

CAP. III. Descrevem-se as condiçoes do Mundo significadas no Bosque , neste he mostrado à Peregrina o primeiro Idolo Nobreza , e namorada de sua soberania, corre o dezengano significado no Rio a dezenganalla , pag. 28.

Dezengano primeiro , p-

Que se contém neste livro.

CAP. IV. He a alma levada ao segundo Ídolo do Mundo Formosura , e indo a cegar-se em suas luzes, a soccorre o dezengano com suas vozes, p.45.
Dezengano segundo , p. 52.

CAP. V. Passa a alma ao terceiro Ídolo Discripção humana , torna a enganar-se, e o dezengano a dissuadilla , pag. 62.
Dezengano terceiro , p. 66.

CAP. VI. A esperança do Mundo Ídolo quarto chega a alma , primeiro a olha reverente , e logo a deixa dezenganada , p. 74.
Dezengano quarto,p.77.

CAP. VII. Em que a Peregrina passa ao Ídolo Riqueza, leva-se primeiro de suas vozes , e logo piza seus poderes , pag.85.

Index das obras,
Dezengano quinto, pag.
89.

CAP. VIII. Em que a alma he levada ao culto do amor proprio , primeiro , e ultimo Idolo , pag. 96.
Dezengano sexto , pag.
100.

CAP. IX. Em que dezenganada a alma resolve deixar o Bosque , symbolo do Mundo , procuraõ detella as suas lizonjas na voz do Caçador , vence seus enganos com o favor das inspiraõens significadas nos avizos das Pastorais , pag. 108.

CAP. X. Em que vacilante a alma nas sombras do Mundo , penetra ao Ceo com sua oraçaõ , e allumeadas com hum rayo de luz em suas escuridades , sahe do Bosque seguindo a Christo , pag. 114.
A Es-

Que se contém nesse livro.

- A** Esposa dos Cantares, doença, e febre de amor, pag. 121.
Dor, pag. 123.
Defimayos, pag. 126.
Gemidos, pag. 131.
Sede de amor, pag. 136.
Sono, pag. 139.
Retrato de Christo Menino, pag. 141.
Pranto, pag. 145.
Retrato de Christo homem, pag. 147.
Retrato de Christo morto, pag. 151.
Retrato de Christo resuscitado, pag. 158.
A' Samaritana, pag. 161.
Vilhancico para a Circuncisão, pag. 173.
Ao Santissimo Sacramento, pag. 181.
Passos de Christo, Hora, prizaõ, e bofetada, pag. 181. e 182.
No tribunal de Herodes, e açóites, pag. 183.
Coroa de espinhos, e Ecce Homo, pag. 184.
Ao lavar Pilatos ás mãos, ao encontro da Senhora na rua da amargura, e à Veronica, pag. 185.
A' Cruz de Christo, pregado nella, e à lança, pag. 186.

A Christo

Index das obras,

A Christo morto, e sepultado , pag.
190.

Soledade de Nossa Senhora, pag.191.

Resurreição de Christo , apparecimento a Nossa Senhora, e à Magdalena , pag.193.

A's lagrymas de David , e ao cego que pedio vista a Christo , p.195.

A nosso Padre S. Francifco, pag.196.

Vilhancico à Magdalena , pag. 197.

Significações das flores moralizadas, pag. 199.

Significações das frutas moralizadas, pag. 218.

Significações das ervas aromaticas moralizadas, pag. 239.

Clavel, e Rosa ; breve Comedia alludida aos despozorios de Maria, e Jozé , pag. 249.

OBRAS



OBRAS VARIAS, E ADMIRAVEIS
DA M. R. MADRE SOROR

MARIA DO CEO,

Religiosa, e duas vezes Abbadessa do Mosteiro da
Esperança de Lisboa da Província de Portugal.

ENGANOS DO BOSQUE, dezenganos do Rio.

P A R T E P R I M E I R A, Em que a Alma entra petida, e sahe desenganada.

C A P I T U L O I.

Mostraõ-se à Alma significada na Peregrina dous caminhos, o do Ceo, e o do Mundo; as virtudes a chamar para o Paraíso Vergel do Pastor: os vícios para o Mundo, do Caçador Bosque.

R A M da manhã as auroras despedidas do dia, crescidas as luzes, da tarde não entrad as sombras, quando às primeiras jornadas de seu caminho se achou huma Peregrina sedenta; buscava com a vista o crystallino

A

tallino

tallino objecto , em que satisfazer sua sede ; mas nem os olhos encontravaõ as aguas , nem o ouvido alcançava o murmurido , e já eraõ duãs as sedes , huma de achar a fonte , outra de a esgottar ; apressava o passo a descobrilla , quando se lhe offereceráõ douis caminhos , ambos iguaes à esperança do remedio , mas encontrados ao agrado dos olhos ; hum parecia Corte da Primavera , o outro esquecimento de Abril , este todo espinhos , todo sylvas , todo abrolhos , aquelle todo flores , todo rosas , todo gala ; hum era capella de aves musicas , ao outro se arrojavaõ voos tristes , em hum se ouvia o canto , de outro se podia fazer o lamento , de hum só se viaõ verdes mansões , de outro se avistavaõ asperas subidas , este offerecia tudo tropeços , aquelle mostrava tudo seguros , hum convidava a fadigas , o outro chamaya a lisonjas , hum era horror à planta delicada , o outro alegria aos olhos descuidados : tæs os caminhos , nelles vacillava a Peregrina duvidosa , sem determinar a qual arrojarse ; a pressa da sua sede naõ lhe dava vagares , sua irresoluçao pedia-lhe esperas . A que vere-
da

da (dizia ella) alentarey meus passos, que
ache mais apressado o remedio a seus de-
signios ; aqui me convidaõ conformes
dous caminhos oppostos ; se me arrojo
aos rigores de hum , sepulto as esperan-
ças , que em tanto verde me promette o
outro , que naõ crescem nos desvios da
agua os favores de Flora : se me levo
deste ás lisonjas , fujo daquelle aos impos-
siveis , pois ha fonte , que rompe na du-
reza de huma pedra , naõ a criar o mimõ
das flores , mas á abater a dureza dos pe-
nhascos ; aonde pois me chamará o cryſ-
tal escondido com mais brevidade , se na
diffimulaõ destes espinhos , se na ostenta-
çao daquellas rosas ? Haja luz , que me
guie, Estrella, que me conduza , voz , que
me responda. Aonde irey ? Aqui foy sua-
ve melodia oraculo prompto , que diz
assim.

Al Vergel , al Vergel ,

Que en sus flores se aviva el incendio ,

Y en sus aguas se aplaca la sed .

Passeou a Peregrina os othos pela ca-
pacidade daquelle sitio , para avistar quem
nelle respondia a suas ansias , e encon-
trou olhando huma companhia de Pasto-

A ji

ras,

Obras da Madre Soror

ras, que do caminho , cuja aspereza res-
tratamos, se conduziaõ ao lugar, em que
ella se suspendia , taõ leves no passeyo,
taõ seguras no passo , taõ alegres na mu-
sica , como se fora o caminho outro , e
continuavaõ sua cantiga , dizendo.

Al Vergel las aldeanas

Se conduzan esta vez ,
Porque ansi miren las rosas
Las finezas del clavel.

Cupidillo de las flores

Entre las flores se vé ,
Que el hizo Rey a Cupido ,
Y Cupido Amor a el.

Estuvo por el partido

Gustozo el clavel, porque
Entre el arder, y el luzir
Más que luzir, quizo arder.

Viste purpura abrazada

De tan fino rocicler
Por el incendio de amante ,
Nó por la color de Rey.

Y en tanto fuego , Pastoras ,

Si es que lo quereis saber ,
Hay crystal contra el incendio ,
Que queda calor por el.

Al Vergel pues , aldeanas ,

Por-

Porque en su fuente vereis
Estrellas como a parar,
Y perlas como a correr.

Al Vergel, al Vergel, (cendio,
Que en sus flores se aviva el in-
Y en sus aguas se aplaca la sed.

Acabáraõ as Pastoras a musica, che-
gando a Peregrina, que reparando
em suas perfeições, se admirou del-
las; eraõ todas bellissimas, na cor
retratavaõ ao crystal das fontes, nas
faces as rosas do campo, nos cabel-
los aos rayos do Sol, nos olhos as
luzes do Firmamento; vestiaõ a pu-
reza dos arminhos, toucavaõ a gra-
ciosidade das flores, admittiaõ a fi-
neza dos cõraes. Alegre a Peregrina
em taõ agradaveis objectos lhes
disse.

Belle-
za das
Vir-
tudes.

Pastoras, por quem melhor, que *As*,
por Clymene podia o Sol tornar a *Vir-*
fer pastor, já que vossa belleza fa- *tades*
*tisfez a meus olhos, satisfaça vos-*facili-**
sa noticia a minha sede; conduzi- *taõ a*
me a esse Vergel florido, aonde es- *Alma*
tá a fonte desejada, que eu agrade- *ao ca-*
cerey à vossa belleza quanto dever *minho*
do Cea.

a seus crystaes; acho-me neste paiz Peregrina, só, e sedenta, e virey a morrer de minha sede, se me não valer vossa compayxaõ. Peregrina, respondérao as Pastoras, se quereis seguirnos, alestaçãos a pizar desse caminho as afperezas, porque vencido o seu trabalho, entrareis no Vergel do Pastor, aonde achareis huma fonte pura, perenne, e saudavel, cujas aguas naõ só satisfaçem a sede, mas tambem seguraõ a vida ao sequioso; porém, se vosso melindre fizer espanto do que nós conveniencia, e tomardes por essa vereda, para onde as rosas vos convidaõ com lisonjas, sabey que a poucos passos encontrareis outra fonte crystallina aos olhos, mortifera ao coraçao, clara à vista, enganosa à experienca, prata advertida, bensdo veneno proyada; em suas perolas Mun-dissimula peçonha, em suas flores acautela serpentes, em suas sombras esconde espantos: esta tende-la a passos de rosas, mas como a tendes? Aquella achareis a rigores de espinhos

*Enganos
dos
bensdo
Mun-
do.*

nhos, mas como a achais? Duas saõ,
e só duas, de ambas vos avisámos
as condições; huma está no Vergel
do Pastor, que encontrareis sem
mais guia que a de seguirdes o ca-
minho aspero; a outra no Bosque do
Caçador, que descobrirete sem mais
luz que a de vos cegardes na belleza
das flores: à nossa nobreza esteve o
aviso, ao vosso alvidrio está a esco-
lha; e poiis naõ tendes o perigo da
ignorancia, valeys-vos do seguro do
desengano.

Diletaõ as Pastoras, e seguirão
seu caminho sem que as vozes da
Peregrina bastassem a detellas; mas,
como em sua advertencia lhe dei-
xassem a mélhor guia para seus pas-
fos, dava os primeiros para a esca-
broza Vereda, aonde a convidava
fonte benigna; mas atrazou sua re-
foluçaõ prompta voz, que do op-
posto caminho cantava suave.

Al bosque, al bosque, (tan
Que en su fuente las Nymphas se pa-
A mirar se en las perlas, q corren.

Os vi- Al bosque, que en sus crystales
 cios Venus su aliño compone,
 per Siendo olvido para Marte
 sua El cuidado para Adonis.
 dem d Alma Al oro de sus cabellos
 a que Fragante tocado pone,
 siga o Donde el uno toca espinas
 Mun- Quando el otro coge flores.
 do. Jove, que ve su fatiga,
 De su cuidado sintio-se,
 Que al mirarla como Dios
 Tuvo zelos como hombre.
 Al dia arroja una sombra,
 Que sus desgracias estorve,
 Que para cegar al Sol
 Empeñò toda la noche.
 Al bosque, al bosque, (ran
 Que en su fuente las Nymphas se pa-
 A mirarse en las perlas, q corrent
 Voltou a Peregrina o rosto, e vió
 descer pela florida estancia huma-
 esquadra de Caçadoras, que ao de-
 pois de cantarem a suspendella, che-
 gando a ella, que reparou em seu
 traje, ihes admitou a gala; vestiaõ
 à ligeira para o desembaraço, que
 pedia o officio, de varias primaye-
 ras,

ara, roupas curtas, o calçado guarnecido de perolas, arcos nas mãos, frechas nos olhos, gala no andar, liberdade na ver, efficacia no persuadir, e confiadas nesta differaõ à Peregrina. Aonde, inocente belleza, te despenha tua ignorancia a ferir nas plantas o que não podes curar no Vergel, pois primeiro que a elle chegues, serás sacrificio ao trabalho, victima ao tormento, e as pedras, que pitazas para o remedio, te daraõ sepultura para o cadaver; teu delicado pé magoada flor naquelles espinhos, quando te conduzirá aquellas aguas, que te não deixe no caminho a beber só por ellias os ventos, e só dellas os desenganos. Torna, muda o passo & buscar as perolas, que no Bosque te convida a fonte com hum já, a tua sede não está para hum logo. No Bosque do Caçador, ò Peregrina, acharás agua tão clara como o teu rosto, tão lisonjeira como teus olhos, tão risonha como tua boca, tão de perolas como teus dentes, tão aprasivel como teu semblante, tão de neve como tua garganta, tão de prata como tuas mães, tão peregrina como teu nome, e tão salutifera como to-

toda tû. Esta he a verdade , as outras informações saõ bacharelices : nôssa fidalgia te tem avisado generosa , tua resoluçâo fará o que quizer destemida. Disserão , e seguirão seu caminho , sem que as vozes da Peregrina bastassem a detellas , e parada em sua duvida dizia : Que dano me podem fazer as aguas do Bosque , que ao depois naõ possa curar nas do Vergel ? Beberey dellas huma vez , tempo me fica para goistar das outras muitas , buscando-as sem as ansias da sede , e com os commodos do vagar : a singeleza pastoril sim he verdadeira , mas tambem he cobarde , e só as sombras daquelle malquistaraõ a pureza dos crystaes , tanto ferá seu medo ; vamos pois a pizar nas flores os receyos , e pôde ser que sejaõ fantasticos os perigos. Resoluta a Peregrina começou o caminho pela deliciosa estancia , aonde a festejavaõ as aves com o canto , as rosas com a alegria , as flores com a fragrancia , e já a fonte com o murmurinho. Poucos passos tinha dado sua mal tomada resoluçâo , quando clara voz lhe penetrou o ouvido , dizendo .

Adonde corres , ovelha , q vaz perdida ?

Le-

Levantou os olhos, e avistou ao longe hum Pastor pastoreando hum rebanho de ovelhas taõ brancas, que podiaõ ser opo- siçao ao Arminho, todas com capel- las de rosas nas cabeças, fazendo o nacar com a neve huma graciosa mistura: já mais ao perto reparou no Pastor, naõ que lhe pudesse ver o rosto, porque a es- te fez sua cautela sombra com a mão, e tambem dissimulaõ com os cabellos, podendo a maõ ser vidraça pelo crystal- lino, e os cabellos vista pelo luzente: vestia hum pelote de pelles cor dourada, e ainda sem ser esta a cor, elle fizera lus- troso o pelote, porque era seu passo ay- rosissimo, seu corpo delicado, animadis- sima sua acção. Pastor, lhe disse a Pere- grina, fallais comigo perdida, ou com a ovelha desgarrada? Com a ovelha des- garrada, respondeu elle, que sois vós perdida. Já que, Pastor, me fazeis aviso, tornou ella, day-me o conselho do que hey de fazer para ganharme; trocar os caminhos, respondeu o Pastor, que nem sempre he melhor o que melhor parece. Advertiz bem, disse a Peregrina; mas des- cobri o rosto, que de quem me deu o con- selho

selho quero ver o semblante. Caminhay, respondeu elle, para o Vergel do Pastor, que ahi matando a sede, me vereis a face, disse; e tomado o caminho para o Vergel, se apressou tão ligeiro, que a poucos passos se fez desapparecido, deixando a Peregrina confusa. Se será, dizia ella, este Pastor o do Vergel, de cuja fonte me contaráõ as aldeanas taes maravilhas? Elle he sem duvida, pois para o Vergel me chama, que ainda que em sua capacidade assistão mais o brio de sua pefsoa, o ar de seu passeyo, e o magestoso de sua voz, não pôde conhecer superioridade a outro. Desandemos pois, cobardes plantas, os errados passos a vencer a via, que nos assombra, caminhemos com fadiga ao Vergel, aonde já me levaõ duas sedes, huma de provar suas aguas, e a outra de ver seu Pastor.

CA-

CAPITULO II.

*Refoluta a Alma a seguir o conselho
de Christo figurado no Pastor.*

DA' os primeiros passos pelo caminho das virtudes, porém logo o mimo de seu amor próprio lhe representa impossível de vencer; e se destina ao Bosque do Caçador, aonde bebendo de suas águas, lhe rouba o Mundo o coração, alli he cortejada de suas lisonjas symbolizadas nas Nymphas. Obedecendo à imperiosa voz do Pastor, desandou a Peregrina os errados passos, que da belleza das rosas a levavaõ à serpente do perigo, começou a seguir animosa pela segura, se desabrida estancia duas vezes chamada ao Vergel, huma a ver suas perolas nas águas da fonte, outra a ver suas flores no resto do Pastor, de quem a memoria lhe facilitaya o trabalho. Caminhou primeiro enganada a fadiga no desejo, mas logo entibando

122 *Obras da Madre Soror*

do o desejo na fadiga , o coração pulsava ao compasso , sem que bastasse a esperança para adoçarlhe a queixa : a sede do vestido padecia ultrajes nos carrascos , o ouro dos cabellos prisões nos espinhos , a perola do pé mágoa nos penedos , sem que a concha do calçado bastasse a seguardalla do punçante das sylvas ; os penascos se alguma vez arrimo , hiaõ muitas a ser despenho , e já a ser arrependimento à Petegrina , que tendo aos olhos o rigor desta via , e nos ouvidos a murmuracão daquella fonte , o que deixou com a execucao , tornava a abraçar com o desejo : aonde vou , dizia ella , aonde me leva a saudade de hum Pastor , que naõ vir , e a saude de humas aguas , que naõ vejo , se primeiro que chegue ao ansiado Paraíso , perderey a memoria nos trabalhos , e a vida na sede , que caminho he este taõ desabrido ao ver , taõ pavoso ao intentar , taõ cruel ao seguir , aonde se contam pelos passos os desalentos , perdendo-se nos desmayos as esperanças , a meu vestido despedacão as asperezas , a meus cabellos quebraõ as esquivanças , a meus olhos cegaõ as sombras , à minha voz

voz prendem os assombros , a meus pés
ferem as crueldades , e sente mais a mi-
nha vaidade os desalinhos , que os des-
commodos , mais se doe que das penali-
dades, dos desmanchos : eu entregar meu
adorno à grossaria dos espinhos , meus
cabellos à inconstancia dos ventos , meu
caraõ às invejas do Sol , e ficar a huns
olhos lastima , a outros zombaria , quan-
do hontem tudo era zombaria a meus
olhos, eu quebrar na delicada planta, por
conculcar até na dura pedra , eu penetrar
arrastada as asperezas , por fugir ligeira
às lisonjas , eu deixar as rosas , que pisava ,
por ser pisada dos espinhos, que bus-
quey, naõ, naõ he possivel : perdoay-me,
Pastor , que algum dia tornarey a buscar-
vos com mais commodo para o caminho ,
e com menos pressa para a sede, que, ain-
da que vos repudio na inconstancia , vos
immortalizo na memoria , tivera vosso
Vergel outra via , que eu só bebera as
aguas da sua fonte ; mas já a do Bosque
murmura minha ingratidaõ , pois quando
me convidava com lisonjas , vê que a
deixava com porfias : vamos pois , sabo-
rosas, ainda que mal prognosticadas aguas ,
a pro-

a provar vossos crystaes, naõ me pa-
gueis com o desengano à confiança.
Disse, e desandando os seguros
passos, se tornou a atrojar aos pra-
ticados perigos, que dissimulados
aspides na lisonja das flores contra-
a noticia dos ouvidos enganaraõ os
olhos. Trocou os caminhos, pizou
as rosas, medio à distancia, chegou
ao Bosque, em cuja entrada corria
a maliciosa fonte a crescer a ansia,
Lisõ naõ a matar a sede. A's floridas mar-
Jas do gens sahio a receber a Peregrina
Mun- hum tropel de Nynfas, de quem po-
do. dendo o nome ser credito da belle-
za, foy alli a nobreza credito do
nome, tudo de fermosura, nada de-
ser; pareciaõ as Nynfas Divindades
pelo claro feitas do crystal da fon-
te, ou que dellas tomára à fonte
tanto crystal: de muitas eraõ os ca-
bellos luz de rayos, de outras ollios,
e cabellos cor do Ceo, de algumas
cabellos, e olhos cor do campo, e
nesta diferença, em que a natureza
as particularizou mais, naõ as en-
graçou menos. Era sua gala lô de
ouro,

ouro, menos braços, e peito, que estes
só vestiaõ de perolas; os cabellos borri-
fados de aljofar, os pés calçados de flo-
res, as mãos occupadas de conchas, e bu-
zios, em cuja madre perola traziaõ à Pe-
regrina a desejada agua, sendo offerta
de todas a que havia de fer aceitação de
humana: entoavaõ triavissima musica, cal-
mando os ventos, e desatando os montes
nestas coplas.

Parabien estas aguas,

O' soberana Dea,

Alcancen de tu boca

Rubies, corales, marfiles, y perlas.

Recibante las Nynfas

En su orilla serena,

Siendo embidia, y festejo

Naiades, Sirenas, Dryades, Napeas.

Para besar tus plantas

De sus margenes bellas

Corran a suspenderse

Girgeros, favonios, crystales, arenas.

En tu pie se transformen,

Quando a pizarlas llegas,

En su punto de ambar

Hazares, amores, jasmines, violetas.

B. Veas

Veas en sus espejos,
 Quando en ellos te veas,
 Narcizo de tu Cielo,
 Candores, luzeres, faroles, estrellas.
 Por este verde bosque
 En venatoria guerra
 Rindes de amor, y embidia
 Cupidos, Beldades, Apolos, Minervas.
 Sus flores te consagren,
 Por si assi no las dexas,
 Siendo prizion, e imperio,
 Cadenas, coronas, laçadas, diademas.
 Sus arboles frondozos
 En sus sombras amenas
 Te adormescan suaves
 Passiones, cuydados, sentidos, ideias.
 Del nido de una rosa
 Te cante, a un que sin lengua,
 La Sirena del ayre
 Motetes, canciones, tonillos, endear.
 Para texerte alfombras,
 Si a easo te paseas,
 Soplen los ayrezillos
 Almendros, naranjos, rosales, moscas.
 Mirente desde lejos,
 Blandos en tu belleza,
 Partidos en tus rayos
 Escollos, peñascos, montañas, y fieras.

Calhou o canto das Nynfas, e naõ houve
 Pastor taõ grosseiro, Fauno taõ sylvestre,
 Tritao taõ bruto, que por ouvillas
 de mais perto naõ deixasse cabana, cova,
 e rio. Chegáraõ todos á Peregrina a offre-
 recerhe agua em buzios, e conchas, de
 quem as mãos pareciaõ as perolas, e ella
 namorada de taõ apparente belleza, e
 obrigada de tanta cantada lisonja, quize-
 ra que as ansias da sua sede pudessem ef-
 gottar o todo de seu offerecimento, mas
 na capacidade de cada concha cabia mais
 de huma sede de agua. Naõ sey, nobilis-
 simas Nynfas, lhes dizia a Peregrina, se
 por attenta ao vosso sacrificio me deixarey
~~mores~~ de meu desejo, e excluindo
 o de todas, por naõ aggravar a de ne-
 nhuma, que melhor que com vosco ser
 ingrata, acabarey comigo ser cruel; to-
 das me offereceis agua, e eu só de huma
 posso admittilla, e já padeço mais na du-
 vida, que na sede; e pois só bebendo na
 fonte, bebo de todas, sendo a fonte vos-
 sa, me arrojo sem mais ceremonias a seus
 crystaes, e agradeceey-me a sede, que me
 fica de vossas mãos. Disse, e chegando
 à fonte bebeu seus perigos, taõ segura,
 que

que naõ houve mister mais aqua contra o susto , e hydropica daquelles crystaes ao depois de bebellos ficava a desejallos, com que não acabava de bebellos : nesta satisfaçāo repetida , e nesta ansia continuada levantou os olhos ao Bosque , dilatando-os por sua capacidade , e namorada delle em virtude de sua fôte dizia assim.

Oh que arvores taõ soberanas por altivas , que flores taõ maravilhas por fermosas , que frutos taõ appedo , se tecidos por excellentes , que sombras taõ aprasiveis por seguras , que luzes taõ estrellas por ditosas , que ares taõ mansos , que zefyros taõ brandos , que aves taõ musicas , que fragrancias taõ suaves , oh quem ficará perpetua destas flores , Nynfa destas aguas , Diana destes Bosques , aura destas sombras , Venus destas luzes , e destes ares Filomena ! Naõ passe daqui minha peregrinaçāo , que esta he a Patria do gosto , senão do ser; aqui Caçadora quer ferir ao bruto com as frechas , ao racional com

OS

os olhos ; aqui Nynfa quero refrescar as flores com os crystaes, e abraçar os penhascos com a belleza ; aqui livre quero seguindo aos cervos na carreira fazer parar os rios na suspensaõ ; aqui altiva quero pincar as maravilhas por soberba , e coroarme de rosas por galantaria ; aqui prática persuadirey as pedras com a eloquencia , polirey as corticas com o concerto , e finalmente aqui fico a lograr delicias do Bosque até que busque nas asperezas ao Vergel.

Vai-
Assim arrezoava a Peregrina, quâ-
do arrojado tiro lhe arrancou o co-
raçâo só com a voz, sentio que lho
tiravaô do peito, já lho dizia a dor,
já o susto, já a afflicçâo, que em hum
instante pode affligilla, e deixalla;
e cobrada de taô repentinio sobre-
salto olhou, e vio a hum Caçador
mancebo de galharda presença, sem-
blante aprasivel; olhos lisongeiros,
gentil parecer; fazia gala o abrigo
de hum cazaçâo verde o panno na
cor, vario no forro, que delle era a
B iii **feda**

feda furtacores, os botões, que brillantes o favoreciaõ, feriaõ na luz do ouro a luz da vista, a carapuça coroava de flores, e de plumas, que a vaidade, e a inconstancia trazia sua estimaçãõ sobre a cabeça; fez-se objecto aos olhos da Peregrina, qual reparou que descansando ao hombro o instrumento do seu tiro, prendia nelle a hum ferido coraçãõ. Que he isto, disse ella assustada, foy por ventura aquelle tiro vosso; e he por desgraça esse coraçãõ meu, que conforme ao sobressalto, que dei xou seu grito em meu peito, pois naõ podia sentir mais; naõ posso cuidar menos? Cuiday tanto, respondeu ellé, que para valer á fineza, me he forçoso confeçar o delicto: avistey-vos neste Bosque, Peregrina, e defejando-vos nelle natural, vos roubey o coraçãõ para o Bosque, porque assim naõ pudesseis deixallo, que he grande penhor o coraçãõ; se foy rigor contra vossa belleza, foy piedade para meus olhos; perdoay, do. Senhora, a grossaria de querer pri-
Listas do Mun-
meiro

meiro morrer a vossas inas , que à minha saudade , e se attendeis ao que vos usurpey , lá vos fica coraçāo por coraçāo .

Caçador , respondeu a Peregrina , taõ satisfeita me tem a fermosura deste Bosque , que antes de vertos lhe dava meu affecto o coraçāo ; mas depois de ouvir-vos lhe déra minha vaidade ás costas ; porém naõ sey que impulso , se benigno antes , violento agora , me obriga a ficar nelle , será estrella desta verde esfera , que melhor que vossa setta , me podia inclinar seu astro . Neste Bosque , disse o Caçador , eu só sou o destino , naõ ha fera , naõ ha ave , naõ ha bruto , naõ ha racional taõ obediente á outra estrella , que naõ fique sujeito a meu impulso . A coroa da cabeça do Leão segue arrastada neste Bosque meu imperio , a timida condiçāo do Cervo se faz ira aos fogosos exemplos do meu brio , ficando desta sorte o Cervo Leão , o Leão Cervo ; a voracidade do Lobo se aqui executa os estragos , aqui tambem acha em meu poder os castigos , à paz da Ovelha ao sumo de meu alento faço colera , deixando assim

Ovelha com as condições do Lobo; ao Lobo com os perigos da Ovelha; à candida pureza do Arminho, se não nos dezaceyos do lodo, faço manchar nas sombras do Bosque, por não izentar a meu poder o seu melindre, e por riso das flores tal vez obrigo a ascarosa condição do Javali a que faça empenho de huma fonte, ficando o Arminho maculado na sombra; e purificado o Porco no crystal, da ave o remontado voo abate as azas à minha sujeição, trocando sua inclinação a meu domínio; a Filomena, que em outro lugar cantava a huma tragedia desenganos, aqui à belleza das flores canta lisonjas; a Aguiia, que nos fumos de penetrar o Sol levantava o voo, aqui escondendo-lhe o Sol, a cego nos fumos; ao Chamariz, que chama em seu favor aos arés, aqui não deixo liberdade para os voos; ao Solitario, que estuda a não falar em seus retiros, aqui o faço cantar em minha esfera. Assim dos brutos sou, à Peregrina, destino fero, e assim dos rationaes sou fatal Estrella; à Nynfa, que nestas aguas quando escondida congela o peito, faço que nestes Soes quando manifesta

nifesta abraze o coraçāo ; sendo perigo a luz , seguro o pego ; o Satyro, que sylvestre ou he tronco com alma , ou parece que fez a alma de hum tronco , naq tendo ser para entenderse , abre áqui os olhos para namorarse , e perdido na beleza das Nynfas não faz memoria do que foy , por fazer vontade do que he; ao Pastor simples mando estudar enredos nos labyrinthos , à Fé lavradora incons tancias nas flores , e finalmente ao passageiro estranho naturalizo neste paiz , taõ proprio , que só da sua patria parece alheyo ; com que às feras , às aves , às Nynfas , aos Satyros , aos homens sou destino , guiando meu poder sua fortuna , e coroando hoje todas estas grandezas meu rijo com vosso coraçāo . Falava o Caçador , e a Peregrina às memorias do Pastor desnatural a furto de tanta izençāo professada , o escutava com huma attenção affectuosa , admirada das suas razões , credula a suas grandezas , e namorada da sua gala , introduzindo-se por ouvidos , e olhos veneno , que sobrava a hum sentindo para huma morte , e dissimulando o accidente lhe respondeu :

Do-

Dominárdes, ò Caçador, os Bosques he superioridade do vosso ser, trocardes aos racionaes he arte de vossa fortuna ; mas roubardes meu coraçaõ foy só estrella do vosso Bosque. Cheguey a este lugar Peregrina , e logo fiquey do lugar namorada , e achando-o natural do affecto , me fiz enteada da patria, e como dey ao Bosque o coraçaõ , consenti me guardasseis o coraçaõ como morador do Bosque. Não quero , disse o Caçador , arguir poderes meus à vista de soberanias vossas , fique embora para o Bosque a presumpção do que confeçais , que a mim me basta a fortuna do que alcancey , e quando as flores me peçaõ conta do que guardo , tambem lhes responderey com o que perco. Não cuideis , disse a Peregrina , que haveis de tratar as flores como sem alma , que eu lhes darey espinhos para vencervos , quando lhes falte vida para porfiarvos , porque vos não façais tyranno daquillo , de que sois só thesoureiro. Pois nem assim , tornou o Caçador , me quero trocar pelo Bosque , pois todo elle , ainda entrando as feras , não basta a tirarme a preza , por mais que vós me tireis a presumpção.

fumpçao. Hia a responder a Peregrina, mas atalháraõ-na as Caçadoras, que avisando a Nynfa da sua fonte, vinhaõ a festejalla nella. Passados os primeiros obsequios da sua adulaçao, a convidáraõ a passear com ellas o Bosque, e a ver nas Divindades delle do Caçador os Idolos; aceitou a Peregrina gostosa o que rogara a naõ ser persuadida; e respeitando as Caçadoras o desdem das Nynfas, pediraõ ao Caçador se retirasse, para que todas de companhia pudessem ajudar ao divertimento da Peregrina naquelle passeyo, sem que sua presençã embaraçasse as facilidades do festejo: obedeceu elle mais attento com a hospedajem da Peregrina, a que foy prevenir, com a causa que o mandava desterrar, e dando-lhe esta razão para o defvio, se despedio até tornar a buscalla.

CA-

C A P I T U L O, III.

Descrevem-se as condições do Mundo significado no Bosque, neste bem mostrado à Peregrina o primeiro Idolo Nobreza, e namorada da sua soberania, corre à desengano significado no rio a desengenalta.

Teatro verde de fingidas esperanças , fatal entredo de traições dissimuladas , opaca sombra de cuidados adormecidos , tarefa incansável de divertimentos loucos , apparente Ceo de Estrelas caducas , fragil Paraíso de flores envenenadas , mappa de labyrinthos , capa de fingimentos , aonde toda a flor falava lisonjas , toda a fonte ensinava murmurações , toda a ave cantava enganos , toda a arvore mentia altivezas . Alli fazia o Alemo escola de inconstâncias , aonde queria aprender até o Carvalho , e houve penha visinha , que se temeu ao contagio dos ares , como se achariaõ as firmezas aonde as pedras receavaõ as mudanças ; alli a Palma negando ao agricultor o fruto , quando lhe devia a pompa , da-

dava exemplo de ingratidão, sendo simbolo de vitoria, porém não lhe estudavaõ a vitoria, e só lhe imitavaõ a ingratidão, tal era a condição deste paiz; alli a Faya elevava sua altiveza até as nuvens, e tendo na terra as raizes, queria ser no Firmamento a coroa; plantas humildes já à sua imitação desvanecidas ainda sem se poderem medir com as flores, já se queriaõ levantar com as Estrelas, e desta soberba da Faya fez gala toda a capacidade do dêstricto; alli o Limoiro nas entradas do mesmo pomo manifestava o agro, e o doce da sua condição, não sendo hum mesmo, nem no mesmo que era hum, e à sua imitação todos alli pareciaõ outros; alli a Oliveira, porq vivia de pacifica, se motejava de cobarde, à arvore do Paraíso lhe desconheciaõ o nome da patria, e só lhe conheciaõ a lisonja da flor; alli o Acipreste fazia sombra à alegria das rosas, mas nem assim lhe fazia desengano, mais de sua presumpção que de seu aviso fiavaõ das cores, o que não desconfiavaõ da duração; alli a Murteira era adorada por prenda de Venus, e não aborrecida por mágoa

goa del Flora , que como idolatravaõ a Faya , naõ temiaõ a dor ; alli a Aveleira , a quem lhe pedia huma folha , rendia to-
da a gala ; e atè as Nynfas espreitando-
lhe o exemplo lhe tomavaõ a liçaõ , taes
eraõ daquelles crystaes as Nynfas ; alli a
Romeira para coroar as soberbas conser-
vava as coroas , e com tudo lhe faltavaõ
as coroas , porque eraõ mais as soberbas ;
alli o Freixo fugindo à constancia das pe-
dras , buscava assento junto à inconstan-
cia das aguas , deixando huma liçaõ de
eternizarse , por naõ perder huma occa-
siao de verse , ignorante Narciso , que por
olhar a gentileza descuidava a vida ; alli
o Loureiro por favorecido do Sol era
inveja das sombras , sendo aquelle rayo ,
que o naõ feria , o incentivo , que o mal-
quistava ; alli o Espinheiro se mostrava
armado não a defender as flores , mas só
a lastimar as vidas ; alli a Giesta men-
tia esperanças , e produzia desesperações ;
alli a Mosqueta era cuidado , o Cravo
guerra , o Jasmin perigo , a Rosa engano ,
o Amor mentira , o Gyrasol idolatria , o
Lirio delirio , a Chaga dor , a Margarita
falsidade , o Goyvo hypocrizia , a Violeta
pai-

paião, o Jacintho ciume. Este era o Bosque do Caçador, vejamos quem he o Caçador do Bosque.

Era o Caçador hum homem de *Tam-*
pouco ser, e de muita soberba, *de bem o*
muita lisonja, de nenhuma verdade, *Mun-*
do.
de muito estrondo, de nenhum fun-
damento; na apparencia tudo, na
realidade nada; seus divertimentos
eraõ loucuras, suas resoluções in-
constancias, suas promessas menti-
ras, suas liberdades enganos, seus
extremos fatalidades. Deste Bosque,
que a elle de poufada, e aos mais
servia de labyrintho, sahia a enga-
nar já ao descuidado peregrino, já
ao innocent passageiro, desvian-
do-os do caminho do Vergel, para
perdellos nos entredos do Bosque;
alli os deixava a adorar seus Idolos,
e fazer gosto da idolatria com o es-
quecimento da jornada, parando
miseraveis os que caminhavaõ ditó-
fos: já a estes enganados duplicava
nossa Peregrina o numero, que dos
enganados o numero sempre se du-
plica, e entregue às lisonjas, e aos
des-

despenhadeiros do Bosque, Nynfas, e Caçadoras, começou a discorrer por aquelas estancias floridas, aonde mais que as folhas havia enganos, porém alli até dos enganos se fazia folha. Levaraõ-na a ver a primeira Divindade do Bosque, e chegando reverentes a seu culto, prostradas as Caçadoras adoráraõ com affecto verdadeiro a Divindade fingida; era o Idolo huma-mulher magestosa, grave, severa, no olhar taõ arrogante, que parece lhe sahia a soberba pelos olhos, mas tornava-lhe a entrar pelo coração: vestia de huma delicadissima tela cor de purpura, tecida a partes em coroas de prata, o toucado rematava em altissimas plumas, no peito prendia hum Pelicano de diamantes, não como em outras partes jeroglífico do amor dos pays, que aqui só dava o sangue aos filhos para darlhes a entender com o sangue que só da sua nobreza podiaõ sustentar os seus alentos: fazia culto à falsa Deusa do que humas Romeiras faziaõ sitio, e à sombra destas contava pelas coroas das romans as da sua ascendencia; logo de mulher vaidosa passava a Deusa mentida, ficando assim indigna

digna de mulher , e só capaz de vaidade. Quem he , disse a Peregrina , esta Deusa, que lhe respeito a Divindade, e lhe ignoro o nome ? Quando for a invocalla minha fé , não quero deixar queixosa minha voz. Aqui soltou a sua o apparente Idolo , e respondeu assim à Peregrina.

Yo la Nobleza soy ,

Que en folio sacro (los años.

Doro los Segres,luzo los dias , lustro

Queda con mi esplendor

Por más espanto (el Sol opaco.

La Luna impura , la Estrella turbia,

No llega a mi altives

Por encumbrado (ave bolando.

Monte creciendo , humo subiendo ,

Es para mi grandeza

En sus espacios

(el mar un átomo.

La tierra un punto, el ayre un soplo,

Para assentar mis huellas

Miro muy baxos (elevado.

Celeste cumbre, altivo folio , throno

Para adornar mi templo

Es poco fausto (do.

Hilada seda, texida plata, oro labra-

A guarnecer mis plantas

Llegan varios (manteclaro.

Rubi precioso, perla custosa, dia-

No se esconde a mi antojo,

Aunque liviano, (pez en lago.

El ave en nido, el bruto en cova, el

Por servir mi Deidad

Gimen sudando (sabio.

Guzano util, rustico simple, maestro

Aromatico culto

Es mi olfato, (Abril cortado.

Nardo esprimido, ambar molido,

Para elevarme estatua

Fragil hallo (ro alabastro.

Constante bronze, robusto azero, du-

Y al fin a mi obediencia

A los humanos (no Astro.

Sugeto Reyna, obligo Diosfa, incli-
Callou a falsa Deusfa, deixando à Pere-
grina hum reverente obsequio a seu cul-
to, o altivo affecto a seu trato; eia No-
breza, que ainda sem ser Divina lhe adi-
vinhava os pensamentos, se h̄e que lhos
não vio pelo crystal da testa, quiz pagar-
lhos, offerecendo-lhe huma coroa das
flores de mais gala, e mayor soberba:
foya Peregrina alegre a pegar della, mas
bus-

buscou coroa , e tocou nada , vista era coroa , palpada era ar, aos olhos facil , à mão impossivel , e porfiando a Peregrina em vencer este , advertio que do mais alto do Olympo se despenhava às inferioridades do Bosque huma rio taõ claro em suas aguas , que as pode converter em desenganos , e fazendo-se em pedacos por lograr avisos , murmurou assim.

D E S E N G A N O I L

Quem es tu , ò Nobreza de ser humano , fendo de humano ser; como te levanta tua soberba às Estrellas , quando no lodo podes manchar o Firmamento , pois nem o aço de tua arrogancia bastou à gastar o aço de teu principio ; porém tu tiras os olhos do que começaste , e por isso te persuades a que creceste ; aonde está esta grandeza , de que te jactas , se para a duraçao cabe em hum instante de tempo , se para o lugaz caberá em douis palmos de terra ? Responde-me que te alargas em quem te deixas , e em quem te deixas , já que me respondes ? Deixas-te em quem por her
C ii darte

darte ser tão pouco, não pôde passar de tão pouco ser, deixas-te em quem por herdarte os perigos, se hade estreitar às fragilidades; deixas-te em quem por herdarte tão pouca vida não pôde desaggravarte das injuriias da morte; deixas-te em quem por herdarte as condições de barro, te não pôde satisfazer as queixas da duração, e finalmente deixas-te em outra tu, que quando mais, não pôde ser menos; pois, se isto he assim, ò Feniz de miserias, quanto melhor te estava ser matiposa de luzes? Melhor te estava, ò mulher Nobreza, acabares tua vaidade às luzes de teu desengano, que renascerem tuas presumpções à custa de teus es-
carmentos. Dize-me aonde fazes teus fumos, se he que os não levantas de teu pó, pois tal he teu desvanecimento, que até do pó levantarás os fumos, e nem à tua vileza perdoará assim tua vaidade, e fendo esta vento para despenharte, a fa-
zes azas para subirte. Dize ao nobre que nasça como nenhum, que cresça como só, que acabe como unico; mas se o no-
bre nasce pranto, cresce perigo, acaba desengano, de que se desyanece o nobre?

Olhay

Olhay para o seu berço , achareis lagrymas , para o seu palacio , vereis sobrefaltos , para o seu sepulchro , descobrireis horrores , e ainda que ao sepulchro levantem marmores , ao palacio enobreçaõ titulos , ao berço cubraõ purpuras , dizey-lhe que isto he o que tem de seu , e aquillo he o que tem de si , mas esquece-se elle do que tem de si por se lembrar do que tem de seu .

Se choras , Nobre , ao nascer as miseras , para que nasces , porque te naõ lembras destas miseras quando vives ? Lamentas teu mal quando sem entendimento , descuidas-te de reu mal quando com razão , e não advertes que este he o mayor mal ; ao nascer choras tua fragilidade , ao viver procuras tua adoração : se perguntares ao que choras pelo que procuras , primeiro choras-te perigo , ao depois fazes-te Divindade , sem advertires que ficou desmentida tua Divindade em teu perigo ; como queres cultos de Divino ao durar , se trouxeste sentimentos de humano ao nascer ? Mal pôde tua soberba endeosarte , se tua mortalidade hade consumirte ; não porfies .

ó Grande, em ser Idolo ; que o que hoje
he sacrificio, à manhã será fogo, e assim
te abrazaraõ teus sacrificios, fumos em
tua vida para a presumpçao, incendios
em tua alma para o castigo ; entraste no
Mundo chorando-te, e cresces no Mun-
do desvanecendo-te, quando ignorante
como quem sabe, quando sabio como
quem ignora, mas tu fizeste de tua ra-
zaõ malicia, por isso fazes de teu pran-
to innocencia ; bem sabes, ó miseravel
Soberano, que choraste ao nascer como
menino, porém que de menino não cho-
raste, olha, e teme que nasces pranto
para durar suspiro ; mas tu descuidas-te
de teu lamento passado, porque despre-
zas teu perigo presente, sendo aquele
lamento este perigo ; nasces com fragili-
dade de vidro, vives com confiança de
bronze, dize, ó Grande, quem te deu
tanta confiança ? Que queira fazer tua
culpa o que não pôde fazer tua nature-
za ! Se vives para viver, trata-te como
eterno, se vives para morrer, ve-te co-
mo mortal, não procures encobrir com
as vaidades os desenganos, que isso he
querer dourar as sombras, e esconder as
lu-

luzes , olha que desenganos diffimulados saõ enganos conhecidos. Todos teus borcados não podem encobrir tua vileza , todos teus diamantes não podem desmentir tua fragilidade , toda tua arrogancia não pôde affugentar teu riso , todo teu ouro não pôde dissuadir teu pô , toda tua prata não pôde esquecer teu lodo , todas tuas perolas não podem desviar tuas lagrymas , todo teu fausto não pôde dissimular tua miseria , todo teu titulo não pôde dourar teu fer , todo teu palacio não pôde escusar tua tumba , toda tua purpura não pôde desterrar tua mortalha ; como fazes logo tua soberania do que não podes desfazer tua baixeza , levantando-te em cabeças de ouro , quando te não podes segurar em pés de barro , que importa , ò Nobre , que a vida te trate como grande , se a morte te ha de tratar como pequeno ?

Descuidas-te do teu fim , quando para teu fim caminhas ; quem continuando a jornada , se pôde esquecer do temo della , senão aquelle , que delirante perdeu o entendimento na jornada ? Portem tu , a quem tua vaidade tem louco ,

esqueces-te do termo , porque perdes a razaõ; sabe pois que cada passo, que dás, ainda fendo para teu divertimento , o dás a teu sepulchro , cada Sol, que se põe, te diminue as luzes da vida , cada sombra, que se te passa , te avisinha às sombras da morte , e finalmente cada respiração, que tomas para viver , te põe mais perto de acabar , persuade-te , ò Grande, a que chegas , e não a que sobes ; mas tu nem a que sobes , nem a que chegas te persuades , cuidas que paras a não poder ser mais , e corres, miseravel , a não poder ser menos ; à tua fantastica grandeza responda Alexandre , que não coube no Mundo , e coube na sepultura. Se o fingido Deos da Monarquia aerea se lembrára da sua presumpçaõ , muito dilatára seu imperio, trinta e douz ventos contou em sua Regiaõ , trinta e douz mil acharia em tuas vaidades , e o peyor he que fias do vento. Os Gigantes fabulosos levantáraõ montes sobre montes para subir , mas tu levantas montes sobre ares para estar , com que he mayor tua loucura que a dos Gigantes.

Fazes teu merecimento de teu nome,
quan-

quando só devias fazer teu nome de teu merecimento ; tuas obras haviaõ de ser tua nobreza , que não ha mayor nobreza , que a de bem obrar , mas fidalguias no sangue , e vilezas na alma , he querer ser tudo na terra , e nada no Ceo , assim escolhes cego fazendo-te fidalgo de tempo , e vil de eternidade , tua soberba naõ passa de tua vida , e he maior desgraça de tua soberba ; neste Mundo fazes fantasia de ser mais , no outro não fazes descredito de ser menos , aqui queres exceder aos maiores , lá naõ tratas de te igualar aos grandes , aqui desejas tocar com o dedo nas Estrellas , lá não reparas tocar aos abyssmos , tão pequeno es , ó Soberano , que ainda em tua soberba naõ pudeste ser grande . Nobreza , nobreza , naõ está teu ser em ascendencias passadas , está tua realidade em virtudes presentes ; se se ensoberbece a Magestade de teus maiores , levanta as pedras a seus munumentos , e alli verás quem foraõ teus maiores , e os que tem sido engano , fiquem teu espelho . Se te desvanecem teus titulos , saõ para a vaidade nomes dourados , porém para a valia

lia não podem ser ouro de nome : se te ensoberbecem teus Estados , saõ muitas leguas para o cuidado , e mais dous palmos de terra para a soberania , se te endeosa tua estimaçāo , he huma adoraçāo , que te mente idolo , mas não he adoraçāo , que te desminta humano ; se te enlouquecem tuas galas , saõ tarefa de bichos tecida em vaidade de homens , se te elevaçō tuas riquezas , saõ cabedal , que te não pôde comprar mais duraçāo , e só te pôde valer mais fantasia ; e finalmente , se as riquezas , as galas , os Estados , os titulos , a estimaçāo , e a fidalgaria te ensoberbece por ser da vida o melhor , olha que o Sabio dos homens chamou a tudo o melhor da vida vaidade de vaidades ; a virtude he , ò Nobre , a que pôde eternizar tuas coroas em melhor Reyno , fazer perpetuar tuas memorias em melhor fama , levantar teu mausoleo em melhor pyra , elevar tua estatua em melhor nome , dilatar tua soberania em melhor dominio , duplicar teus titulos em melhor Corte , conservar tuas riquezas em melhor erario . Queres ser grande , ò Nobre ? Sê Santo , que só sendo Santo serás

rás grande. Callou o Rio e fatal desengano não voluntario , mas respectivo , vendo que do Olympo atè o Boique media os ares Orfeu de penha com corpo de ave , voz doce , gala de neve , conceito de luz , e cantou assim.

Vana deidad Nobleza ,
Solo de verte está
Democrito a reir ,
Heraclito a llorar.

Tu pompa con el viento
Hey hé visto pezar ,
Y siendo el viento nada ,
El viento pezò más.

Si tan poco , Nobleza ,
Vale tu vanidad ,
De lo que hazes tu ayre ,
Puedes hacer tu ay.

Mas tu locura es tanta ,
Que en tal fatalidad ,
Viviendo entre suspiros ,
No sabes suspirar.

Que es tu lustre de Estrellas
Sobervia informarás ,
Y robas lo Celeste ,
Por luzir lo mortal.

Espe-

Espera un poco , y mira ,
 Mas ay dolor fatal ,
 Que esse poco no sé
 Si puedes esperar.

Tu ser , y fantasia
 En ti luchando estan ,

El humo por subir ,
 La tierra por baxar .

Si sorda al dezengaño
 Dudas de la verdad ,
 Pregunta a lo que fuiste ,
 Y ve lo que serás .

Y tanto me lastima

Tu loca ceguedad ,
 Que , si llorar supiera ,
 No bolviera a cantar .

Vanidad , vanidad ,
 Falsa nobleza , prevencion fatal ,
 Si no puedes ser menos ,
 Como puedes ser más ?

Vanidad , vanidad .

C A P I T U L O . IV.

*Em que a alma be levada ao segundo Idolo do Mundo Famosura, e indo a ce-
gar se em suas luzes, a socorre o
Desengano com suas vozes.*

A Peregrina, que já adorava reverente a primeira Divindade do Bosque Nobreza, trocando o náda da sua coroa na que se lhe ofereceu, ouvindo o menor de seu sen no que se lhe mirmiou, advertindo-a córtida no que fugio, de todas estas circunstâncias fez hum motivo para desestimalla, deixando-a para fantazia, sem buscalla para Divindade, e querendo arguir de sua falsidade as Caçadoras, e Nymphas, se achou só com a queixa, porque não vio a quem fizesse o queixume: adiantou o passo, passeou os olhos a ver se as encontrava, e a pouca molestia da planta, e menos fadiga da vista as descubrio devotas ao segundo culto de taõ indigna Deussa. Era esta huma bellissima mulher, com quem as tres Graças eraõ huma inveja, sendo seus

seus olhos huma esfera de luzes , sua boca hum thesouro de rubins, sua brancura huma alva de açucenas , suas faces hum Abril de rosas ; seu composto hum todo de perfeições ; vestia cor celeste , porque em tudo se fingisse Celestial, de prata em corações partidos guarnecia a gala , que esta mulher fazia gala de partir corações ; o toucado brinava em mariposas de ouro , que se chehiaõ queimar ás luzes dos cabellos ; no peito prendia hum espelho , de donde a espaços o trasladava aos olhos saudosa de verse ; porém não tinha saudades de presumirse ; fazia esfera de hum bellissimo rosal, luzes , e flores mostravaõ tanta fermosura , que aqui se desdenhavaõ de servir ás Estrelas , sendo da Magesta de a melhor purpura , do coral a melhor folha , do sangue de Adonis a melhor tinta , e à Divindade, a quem teciaõ solio de tanto nacar , a melhor perola.

A Peregrina , que escarmentada ao primeiro Idolo dava costas , agora namorada já ao segundo fazia rôsto perdida pela belleza que via, já naõ formava idéa no desengano , que deixava , e mariposa das quellas

quellas luzes caducas fe arrojava a tocallas persuadida da sua devoçao , quanto esquecida da sua fé. Quem es, ò soberana Deusfa , lhe perguntava ; cuja belleza faz Paraiso deste Bosque , Ceo deste verde , luz d'esta sombra ? Respondeu a endosada humana , sendo partido cravo fragrancia aos Zefyros , prisaõ aos ventos , noticia à Peregrina .

Yo soy aquella Deidad ,

Que al Cielo hurtó las Estrellas ,
Al campo robó las flores ,
A los mares las perlas ,
A Jupiter los rayos ,
Al Amor las saetas .

Soy madre de amor por Venus ,
Hija de amor por belleza ,
Reyna de amor por imperio ,
El mismo amor por fuerça ,
Que el por mis ojos tira ,
Y yo veo por sus flechias .

De mi belleza en las luzes .

Aciende amor sus hogueras ,
Porque el mismo amor no arde ,
Sien ellos no se quema ,
Incendio , incendio , adonde
El fuego es la materia .

Bai-

48 *Obras da Madre Soror*

Baxan los Dioses por verme
De las esferas supremas,
Y aquel que llega adorado,
A adorarme se queda,
Que a merecerme humana
La misma Deidad rüega.

Soy el Cielo de la vista,
Quando a mirarme se eleva,
Mas si de los ojos gloria,
Tambien del alma pena,
Que lo que es luz a ellos,
Es solo fuego a ella.

Soy el incendio de Troya,
Porque quando se fomenta,
No fuera Troya cénizas,
Si yo las luces no fuera,
Y en ellas arden Paris,
Y renacidas Helenas.

Soy el desvelo de Apolo,
Quando pastor galantea,
Que el Sol por andar en mi,
De abrazarse en si dexa,
Y duplica los rayos;
Trocando las esferas.

Soy quien al Leon Thebano
Afeminò la braveza,
Mudando valor de roca

En

En el uso de rueca,
Quando amor hazer supo
Hilo de la cadena.

Soy quien a moverte fiero
Quebranto la resistencia,
Azero, que es a Cupido
Espejo de sus fuerças,
A do Venus se alina,
Y Vulcano se afrenta.

Soy quien al tonante rayo
Transmuto la luz severa,
Quando el oro servid sombra,
Que la luz le acautela,
Fino con la Deidad,
Falso con la belleza.

Soy quien al lobrego Dios
Aclaro la sombra averna,
Quando de una Luna hurtada
Hizo una luz perpetua,
Que hay luz, que hasta el Infierno
Alumbra quando quema.

Soy la herida de Cupido,
Quando de Siques se acuerda,
No hallando en su essencia misma
Fayor contra su essencia,
Porque quando amor mata,
Tambien de amores muera.

D

Soy

Soy la Anaxarte de Ifis,
 Impenetrable dureza,
 Adonde hermosas embidian,
 E ingratas escarmentan,
 Mas luego bolvi fuego,
 Si alli feneci piedra.

Soy de las Diofas los zelos,
 De Jove la ardiente empreza,
 A donde Juno se abraza,
 Y Càlisto se yela,
 Y alli Deidad suspira
 Lo que muger desdeña.
 Y al fin la hermosura soy,
 An si declararlo puedo,
 Porque a la belleza solo
 Decifra la belleza,
 Que el Cielo solo puede
 Del Cielo ser idèa.

Callou a bellissima, se bem mentida; Deu-
 fa a metrica voz de sua soberba informa-
 ção , e tirando dò Ceo de sua esfera hu-
 ma Estrella de suas rosas , lisonjeou com
 ella a Peregrina , deixando-lha , quem o
 d'vida , por retrato de sua fermosura ,
 taõ bella a rosa , que se atreveu a fingir-
 se copia daquelle original ; pegoù della
 a Peregrina , e levantando os olhos a Dea
 pa-

para agradecerlhe o florido favor, ao tornallos com brevidade à Rainha do prado, achou sua gala murcha, sua belleza affeada, seu nacar cardeno, e finalmente flor cadaver, que alli já se via sómente o cadaver da flor, fendo só a hum virar de olhos o mayor escarmento do campo a que foy a mais garbosa rosa do Abril: admirou a Peregrina na pouca duraçao da sua belleza a brevidade da sua morte, e querendo comunicar este reparo com o Idolo, achou as rosas, que guarneciaõ seu culto, cuja cor prometia vida de muitos Soes, participada a mudança da primeira em tão poucos instantes, todas desengano, rosas nenhuma, neutral a Jovem vacillava entre os agrados da fermosura, e os avisos das flores; quando segundo despenho do Olympo no mesmo rio, se em outro desengano, assim murmurou com linguas de prata, aonde se não introduzio liga de lisonja.

DESEN G A N O . II.

Quem te elevou, ó pedaço de terra, a mentirte verdade do Ceo, que tens do Ceo para competillo, ou que tem o Ceo de ti para assemelharte? Não es Sol, porque o Sol nasce do seu occaso, e tu não hasde tornar do teu sepulchro; não es Lua, porque a Lua padece seus eclipses por accidente, e tu a qualquer accidente verás final eclipse: não es Estrella, porque hasde cair antes do dia do Juizo, e pôde ser que seja teu juizo neste dia; não es regozijo, porque quando gloria de quem te vê, es logo Inferno de quem te ama: não es Serafim, porque ainda sem medir as mais desproporções os Serafins vivem de amar, e tu vives de amante; não es paz, porque da guerra alheia fazes a vitoria propria: não es bem, porque nasques a crescer mal: não es seguro, porque vives perigo; não es eternidade, porque só duras inconstância: se pois, ó fermosura, não es Sol, Lua, Estrella, Serafim, gloria, paz, bem, seguro, eternidade, que tens de Ceo se-
nao

não o nome , que te deu teu desvanecimento : este chama-te Ceo , o desengano chama-te flor , e certo que nem o desengano te acertou o nome : a efímera mais cíduca da Primavera , ou já preza à esfera propria, ou já lisonja na mão alheia, tem de vida a idade de hum dia , e tu na incerteza de hum dia não tens de seguir nem huma respiração ; a flor aquella pouca duração tem-na de posse, a fermosura nem duração tão pouca pôde ter senão em esperança ; a flor logra hum seguro breve, a fermosura nem hum engano dilatado; a flor sabe quanto vive, a fermosura não sabe quando morre ; a flor corre as suas horas sem sobressalto , a fermosura nem os instantes piza sem susto ; a flor olha para o seu tempo como seu , a fermosura para todo o tempo deve olhar como alheyo , com que excede muito a flor à fermosura ; senão es pois nem o que te chama o desengano , como serás o que te chama a vaidade : consultas com teu espelho teu ser , e não advertes o que te dissimula teu espelho ; tu perguntas-lhe o que es, elle diz-te o que pareces , e tu cuidas que o que pareces he o que es;

D iii

mos-

mostra-te as boas cores de tua belleza,
esconde-te o achaque de tua fragilidade,
e correndo tua fermosura a morrer , te
persuade que para a matar; se o buscareš,
fermosura, como desengano , não te fa-
lará como espelho : bellezas do Muudo,
até dos espelhos fazey os desenganos , e
se vos não tratarem como crystaes, que-
bray-os como vidros ; fayes pois de teu
espelho huma Divindade presumida, aon-
de a idolatria te deixa huma Divindade
lisongeada , sem advertir que te busca
humana o mesmo , que te appellida Di-
vina ; só Deos foy' Deos , e homem, e tu,
fermosura, queres ser mulher , e Deus ,
o que pôde unir seu poder , quer aqui
vincular tua presumpçao , grande pre-
sumpçao a que se atreve ao poder de
Deos , essa foy a que lançou a Lusbel no
abyssimo ; tem-te , fermosura , que elle
tambem era Anjo de luz.

Naõ dás credito à tua realidade , por
dar ouvidos à tua lisonja , e quizeras des-
fazerte de teu ser , por te fazeres de teus
hyperboles ; teu ser he hum pouco de pô,
teus hyperboles hum muito de menti-
ras , e melhor te está, à fermosura , que
tua

tua mentira tua terra , esta cuidada pôde valerte hum desengano , aquella ef- cutada pôde levarte a hum precipicio ; cerra pois os ouvidos à lisonja , que te despenha , abre os olhos à miseria , que te compõe , e porque primeiro que em tua apprehensaõ a vejas , em minhas vo- zes ouve qual he tua miseria : sabe , bel- leza , que toda a cor de tua fermosura não he mais que huma dissimulaçao de cáveira , essa graça , que representa tua vida , he só hum veo , que esconde tua morte , desengano cuberto de flores , hor- ror embuçado de luzes , e que estando tua cáveira por alma de tua fermosura , te esqueças por tua fermosura de tua morte , isto he adorar o engano sobre o cadaver , quanto melhor te fora adorar a verdade debaxo do engano . Se tua bel- leza em sua luz attrahe tanta borboleta errante a consumirse , a manhã em seu occaso chamará bicho faminto a susten- tar-se ; se agora a mariposa rodea a cham- ma , ao depois o bichinho buscará a cin- za , senão podes renascer da cinza , por- que fazes , ô fermosura , caso da cham- ma ? Viver com estimação de Feniz , e

D iv

com

com perigo de belleza he passarfe a belleza à ignorancia do Feniz , e não à duraçao , e tomas assim da ave o bruto , e não o perduravel ; desprezas pela fermosura a razaõ , com que fazes sem razaõ a fermosura , isto he fazer da graça culpa , pois a tornas culpa , quando a recebeste graça , e porque não premeditas , ó belleza , que naõ podem as estimações da vida livrarte das injurias da sepultura , e que se hoje não basta tanto racional a adorarte , à manhã sobrará qualquer bichinho a offenderte ; dize pois àquella idolatria que te livre desta fatalidade , e se o seu affecto te naõ pôde valer na morte , de que te serve o seu affecto na vida ? Quando , ó fermosura , te excluas das fadigas da Parca , como te hasde izentar dos estragos do tempo , se passada a primavera de tua perfeiçao , o que hoje he em tua belleza saude , à manhã será em teu espelho saudade , e os mesmos dias , que gastas em desvanecerte , saõ os proprios , que gastas em diminuirte , o tempo consome-se em desenganarte , e tu em enganarte consomes o tempo ; mas nesta encontrada porfia hade ceder tua tei-

deixar a seus rigores , ficando por despojo tua fermosura : faze pois escarmento de tua razão , não esperes a fazer teu desengano de teu desengano , que o primeiro he voo do entendimento , e o segundo vagar da ignorancia , e se tua beleza porque hade ser nada ao depois he nada agora , se a vês agora , seja contemplando-a como ao depois , busca-lhe as luzes só para lhe penetrares as cinzas , e assim no que te encontrares feia , te farás sabia . Bellezas humanas , desenganay-
vos , antes que vos desenganem , fazey já por vontade o que hade ser logo por força , olhay que está a vossa vida ameaçada de duas mortes , e que saõ muito duas mortes para huma vida : quem , ò fermosura , te chama luz , bem sabe que foges como sombra , quem te nomea maravilha , bem sabe que duras como roça , quem te appellida diamante , bem sabe que estalas como vidro ; quem te invoca Estrella , bem sabe que influes desgraça ; quem te compara gloria , bem sabe que te desvaneces suspiro , e quando não tiveras mais mal que o de fazeres mentirosos , eras , ò fermosura , grande mal . Que

Que deixas aos seculos vindouros desfa tua perfeiçāo presente , por ventura podes repartir o thesouro de tuas graças às idades futuras ? Não , que com tigo sepultas tuas graças : a belleza mais celebrada nas Historias Sagradas foy a de Raquel, a fermosura mais memoravel nas narrações profanas foy a de Helena , e se de Raqual não ficou huma luz, se de Helena só ficou huma cinza , que valeu a Helena o abrazar com suas chammas a Troya , de que servio a Raquel o alumiar com seus Soes a Mesopotamia ? Bem que se não communica aos tempos , não tem tempo , fermosura , de ser bem ; aquella gloria , que se deixa , he a mayor gloria , que se possue , mas tu só podes deixar huma compaixaõ , ainda quando logres huma memoria. Fermosuras humanas , se quereis eternizar a perfeiçāo , descuiday-vos da belleza , quebray vosso espelhos , e componde-vos de vossos desenganos , que esses alinhos agora destrocados ao depois vos feriarão luzes tecidas ; se vossa soberba deseja arrancar as Estrellas do Firmamento para as fazer alfinetes do toucado , o que não pôde

de fazer a vaidade presumida, poderá fazer a vaidade pizada, se hoje vos despirdes de enfeites, à manhã vos toucareis de Estrellas; olhay que a ambiçaõ de vossas galas só podem satisfazer os cortes das saffiras, e que na terra naõ vos podeis vestir do Ceo, que para alcançardes huma gala do Ceo he preciso repudiardes os adornos da terra; que dera voso vaõ appetite a quem lhe talhasse huma roupa do Sol? Sem duvida que a poder o Sol ser tecido, já farieis cara ao ouro fiabo; pois só com ter valor para despresárvos, tereis mais luz, que a de sete Soes para vestirvos; mas ah miseral fermosura, que todo o teu desvelo he fazer galas para o valle, aonde ainda que adornada de perolas o hasde achar de lagrymas; todo o teu descuido he esqueceres-te dos luzimentos para a Corte, aonde até das lagrymas podias fazer perolas, tanto desmancho para os olhos do lince, tanto enfeite para as attenções dos cegos, isto, belleza, peza huma loucura, e tal lie a tua loucura, que a não peza; mas se não tens juízo para o pezar, olha que se hade pezar em teu juízo, e
alli

alli o ouro , que arrastaõ tuas vaidades, fará carga à balança de tuas culpas; sem que batte a izentarte sua fineza tanta ambiçaõ de ser fermosa a tua vida, tanto interesse de ser fermosa a tua eternidade , só tinhas desculpa a poder fazer eternidade de tua vida ; para a esfera de hum instante queres ser muito para a capacidade de hum sempre , adquires ser nada , cá que te singularizem como assombro , lá mas que te excluaõ como sombra , e es de taõ máo gosto , ferrosura, que te estimas caduca , para te despresares immortais. Entendey , fermosas, que não está a belleza em fello , senão em haver de fello ; vossas luzes não podem ressuscitar de vossas cinzas , que só podem renascer de vosso desengano: defenganay-vos pois se quer ao interesse de melhorardes as luzes, e assim se hoje sois fermosas de accidente , à manhã sereis fermosas de eternidade. Callou o rio para cantar a ave , que descendo do soberano ninho à inferior esfera do throno funebre de hum elevado acipreste disse assim.

- O' tu beldad caduca
En esta humana esfera,
Si vives como rosa , (Estrelia?
Que importa, di, que alumbres como
- O' tu , que diamante
Las luces reverberas ,
Si duras como vidrio , (dra ?
Que importa,di,te estimen como pie-
- O' tu lisonja infauta
De maripozas ciegas ,
Si huyes como sombra , (brera?
Que importa,di,que estés como lum-
- O' tu mortal hermosa ,
Tu celestial terrena ,
Si corres como agua , (perla?
Que importa , di , que nascas como
- O' tu de amor armado
La más rara potencia ,
Si mueres como blanco , (flecha?
Que importa , di , que mates como
- O' tu de aprehension loca
La más ardiente idéa ,
Si buellas como humo , (hoguera?
Que importa , di , que abrazes como
- O' tu deidad mentida
De muger verdadera ,
Si achacas como humana,
Que importa,di,te adoren como Dea?

Y finalmente ô tu
 Vanissima sobervia,
 Si eres como accidente, (lleza?)
 Que importa, di, que estes como be-
 Poz-se o Sol, fugio a fermosura no Idolo,
 nas Caçadoras, e Nynfas, que he taõ
 grande a forsa do desengano, que valida
 do Ceo a não espera nem o melhor da ter-
 re; a Peregrina vencendo as saudades
 com o escarmento, e por fugir à menti-
 ãa das flores, fixava os olhos na belleza
 das Estrellas, mal satisfeita da fermosu-
 ra, que quando tomou da rosa a semie-
 lhança, foy para lhe tomar a duração.

C A P I T U L O V.

*Passa a alma ao terceiro Idolo distrição
 humana, torna a enganarse, e o de-
 sengano a dissuadila.*

NYnfas, e Caçadoras tornab à igno-
 rante Peregrina, e intraduzindo-se
 cantelosas, já com o affavel da conversa-
 ção, já com o suave da musica, fizeraõ
 se achasse com ellas à vista do terceiro
 Idolo, cujo culto era hum domicilio de

frondosas arvores, aonde tudo flor, e
nada fruto; aqui se idolatrava huma mu-
lher de animado semblante, vivissimos
olhos, gravissima presençā; sua gala era
branca, cujas guarnições formavaõ de
ouro varias letras, diverfas cifras: ao
peito prendia huma Agua de diamantes,
na maõ sustentava huma penna de pre-
ciosos esmaltes. Venerou a Peregrina es-
te Idolo, que lhe influhio affectos em
instantes, e vendo que tocando com a
penna as arvores, lhe duplicava as flores,
conheceu serem todas aquellas flores
produzidas da sua penna; admirou o va-
lor de tal penna no primor de taes letras,
e aqui começou a idolátrar ao Idolo, mas
ignorando o nome à Divindade, assim co-
mo o ser, perguntando quem era às Nyn-
fas, lhe respondeu a Deusas.

Yo soy la fabia Deidad,

Que en este ameno paiz

Subtilezas enseño a los ayres,

Quando flores debuxo al Abril.

El Abril, y el ayre,

Si se mitan aquí,

Ni uno tan florido,

Ni otro tan futil.

A *What's your name?* **Soy**

- Soy del Parnasso la Diosa,
 Porque sin mi aliento, oíd,
 Ni su fuente se obliga a correr,
 Ni su Musa se atreve a influir.
- Las aguas, las Musas
 Del sabio pensil,
 Si por mí no fueran,
 No fueran sin mí.
- El AgUILA por volante
 Al Sol se atreve gentil,
 Sin mi vista no llega a mirar,
 Sin mis alas no llega a subir.
- Sus alas, sus ojos
 Son, que ansí los vi,
 Mi luz perspicaz,
 Mi pluma gentil.
- La Deidad de la hermosura
 En competencia venci,
 Y a quien la hermosura se prostra
 Hasta el Cielo se puede rendir.
- Beldad, hermosura
 Es conmigo vil,
 Que yo de mi renasco,
 Ella acaba en si.
- De Grecia a los siete Sabios
 La Rhetorica les di,
 De fama de Athenas soy alma,
 Que immortal no se pude morir.

A Sabies , y Athenas ,
Que tanto applaudis ,
Su mente ilustrè ,
Su penna movi .

Thezoros son mis concetos ,
Porque exceden , si advertis ,
Quanto va de hermosura a la perla ,
Quanto tratan de amor al rubi .

Rubies , y perlas ,

Thezoros medi ,

Y dexan grossero

Al oro de Ofit .

Y al fin tanto es mi poder ,
Si lo llegas a advertir ,
Que he vencido con quattro palabras
Lo que se prostra con hazañas mil .

Palabras , hazañas ,

Que vencee inferi

El esfuenço nò ,

La discrecion si .

Callou a presumida Rhetorica os soberbos metros , sendo seus conceitos instantan attractivo para o coraçao da Peregrina ; a quem ella em prendas do que a festejava lhe deu a penna , que na maõ tinha ; mas ao querer pegar della agradecida , a Deusa voou ligeira , deixando-a corrida ,

e ao levantar os olhos mais desenganada , vendo que o mesmo ar , que levára da sua mão a penna , roubára das arvores as folhas ; taõ leves eraõ daquella discriçāo os conceitos , taõ vã daquella penna a gala ; assim o meditava a Peregrina , quando a murmuracāo do rio lhe ajudou as vozes do pensamento , dizendo assim

DESEN G A N O . III.

Que sabes, discriçāo humana , sabes para teu aplauso , ou sabes para tua importancia ? Mas eu vejo que fazes de tua importancia teu aplauso , e por isso não sabes ; fazes de teu entendimento tua vaidade , e deixas de fazello tua razaõ ; razaõ tiveras a não teres entendimento , que culpa será tornares as luzes em sombras , quando he culpa o não tornares as sombras em luzes ; pois esta he , discriçāo , a tua culpa : logo aonde está a discriçāo , se está erro ? Os cegos quizeraõ fazer sua claridade de sua cegueira , e tu fazes tua cegueira de tua claridade , bem podes suspirar pela luz dos cegos ; elles conhecem-na para desejarla , e tu

e tu possuella para destruilla , e assim fi-
caõ de melhor luz , se de peyor vista ;
deraõ-ta para saber , e tu sabes para pre-
sumir , e trocando a condiçao da dadiva,
desestimas a obrigaçao da divida, tornan-
do ingratisdaõ por entendimento. Todo
o teu estudo he saber viver a tua fama
na vida , nada de teu desvelo he sabet
viver a tua eternidade na morte , fican-
do assim idiota de tua salvaçao por le-
trada de tua vaidade; sayba o Mundo que
sabes , mas que Deos veja o como desat-
tendes , que tu fazes ponto em ser dis-
creta da terra , e não fazes dezar em fi-
car ignorante do Ceo : façaõ os homens
conceito de tetis conceitos , mas qte os
Anjos façaõ delles murmuracão , que tu
fizes-te dezententida com os Anjos, por
sicares por entendida com os homens;
aonde pois está o levantado de teu jui-
zo , se não passa de Estrelas asima, aonde
está o sublime de tua sabedoria , se só
comprendes de tellias abaixo , que pene-
tra tua agudeza , se te não revela o se-
gredo de tua importancia , que faz tua
viveza , se não faz de tua morte tua vida,
que ~~faz~~ tua prudencia , se não faz de tua

vida tua morte , que faz tua delicadeza ; se não lima tua vontade , que fazem tuas palavras , senão ensinaõ tuas obras , que fazem teus escritos , se só saõ obras de palavras , que fazem teus equivocos , se te não aclaraõ , que fazem teus trocados , se te não trocaõ , e finalmente que faz teu entendimento , se se não aproveita de teu entendimento ? Saber para viver , ne scia discricaõ ; até o sabem os brutos , que a Providencia para a vida lhes fez graca contra a irracionalidade ; se sabes só pa ra viver , sabes como todo o bruto : logo de que presumes , se não sabes mais ? Se nasceras bruto , e entenderas como racional , podias desvanecerte , mas se nascendo racional alcanças como bruto , de que ficas a vangoliarte ? Saber para morrer he a verdadeira discricaõ , estu dar na vida para não errar na morte he a verdadeira sabedoria , esta intelligentia he entendimento de racional , a ou tra he instinto : Saber na vida para a vi da he huma sciencia , que forsosamente he de sepultar acabando , saber na vida para a morte he huma discricaõ , que sem duvida he de eternizar renascer do

do , saber em quanto vivo, he saber pouco , perguntay-o à duraçāo humana, saber para quando revivo he alcançar muito , perguntay-o à infinitade eterna; saber para este instante he o ponto da tua vaidade , ignorar para aquelle sempre he a fatalidade de teu engano ; e nem a ambiçāo de ser mayor tua sabedoria te abriga a fazer menor tua presumpçāo , porque só em tua presumpçāo estudas. Se estudardes , discretos , em vossos desenganos , alli em voso ser aprendendo os nadas, de tudo sabereis melhor o como tudo he nada ; alli na terra de vossa composiçāo premeditando vos não cegaria o pó de vossa vaidade presumindo, alli na vileza de vossa condiçāo conhecerieis a soberba de vossas condições, alli no vidro de vossa fragilidade repararieis o constante do vosso perigo; alli olhando para a sepultura como casa propria, não olharieis para a morte como pensaçāo alheia , alli pezando a brevidade do vosso tempo , farieis em quantidade de instantes negociaçāo de eternidade, alli em vosso juizo futuro saberieis condenar vosso juizo presente , alli no conhecimento

E iii

de

de vossa miseria descobririeis o embuçado de vosso engano , e finalmente alli saberieis , porque alli só se sabe. Estuda pois , discriçāo , neste livro para fello , que não entender letras taõ claras ainda para ignorantes he necedade.

Ser discriçāo , ò Sabio , e ser etro não pôde combinarse , pois eu sey que sois erro , e não devo cuidar que fejais discriçāo ; sois erro quando naõ fazeis só do Ceo conceito , sois erro quando não fazeis só de Deos estudo , sois erro quando não fazeis da graça sabedoria , sois erro quando naõ fazeis só da Glória gloria , sois erro quando não fazeis do desengano papel , da dor penha , das lagrymas tinta , das firmas seguros ; sois erro quādo não fazeis do Parnazo Olimpo , da fonte desengano , do Apollo luz , das Musas Illustrações ; e resolutamente , entendidos , ou sois Santos , ou sois erro , que não se une poder ser sabios sem fazer por ser Santos : só o Santo , discretos , he fabio , ha mayor engenho que saber hum ajuntar as misferias da terra às superioridades do Ceo , ha mayor subtiliza , que em hum valle de perigos se mear

me ar seguros , ha mayor capacidade, que em huma terra de loucos sustentar razão , ha mayor tino , que em hum Labyrintho de trevas não perder o fio , ha mayor entendimento , que fazer o que me está bem , ha mayor discricão , que fugir do que me está mal , ha mayor intelligentia , que conhecer o engano , ha mayor sciencia , que alcançar o desengano , ha mayor acerto , que trocar o Mundo pelo Ceo , ha mayor habilidade , que gostar do Ceo ainda no Mundo , ha maior saber , q̄ saber salvarme ? Pois esta hé a sabedoria dos Santos , & quando , o ignorante sabio , fosse discreto , p̄dias negarme que eras discreto de não gosto ? Gostas de tua validade , que he hum pouco de fumo , gostas de tua preumpçāo , que he hum pouco de vento , gostas de teus conceitos , que saõ huma mentira , gostas de tua pena , que he huma mentirosa , gostas de teu aplauso , que he huma lisonja , gostas de tua fama , que he huma embusteira , gostas de teu entendimento , que he huma pequena de loucura , gostas de ti , que es hum pedaço de lodo ; vê agora , ignorante , se fendo de

taõ máo gosto , podes ser discreto.

Cuida teu delvanecimento presumido que alcanças a saber tudo na terra , e ainda não alcanças o que só no Ceo se sabe ; tudo queres saber , mas ó discreto , que ainda te falta muito por saber , tem habilidade para ir ao Ceo , e saberás esse muito ; só no Ceo se sabe o que he o Ceo , e quem não sabe o que he o Ceo , não sabe ; alli comprenderás na sciencia dos Anjos a verdade de toda a sciencia , aonde te farás sciente de verdade , alli estudarás no abrazado dos Serafins a arte de amar ; quem quizer aprender esta arte , menos que por hum Serafim não estude ; alli conhecerás na fortuna dos gloriosos a verdadeira fortuna , aonde sem haver roda , que atemorizo , ha Estrella fixa , que assegure , alli na alegria de todos alcançarás que na terra era alegria de nenhum ; finalmente alli verás na luz de Deos que tudo o mais he sombra : faze pois , ó Sabio , por ir ao Ceo , e assim te farás sabio , estuda aquella sciencia , que fez ao simples Mestre , ao truf- tico político , ao humilde Rey , às pe- dras fogo , aos bronzes cera , às flores ma- ravi-

ravilhas, à noite luz, à sombra dia, à nu-
vem Sol, à fera humana, à humana Dea,
ao homem amor, ao amor homem; e sa-
bendo esta sciencia do amor alcançarás
o Ceo, e só no Ceo, o discreto, se al-
cança. Acabou o rio, e começou a ave-
taó musica, que pode fazer doces os de-
senganos com as vozes, que forão estas.

O' tu del ayre symbolo,

Cierto que obliga a lastimas,
Ver que, podiendo solida,
Sólo sábes fantastica.

De la tierra en el ambito

Tus subtilezas parvulas
O' son flores inutiles,
O' son luces incandidas.

Tus obscuros preambulos,

Tus vanissimas clausulas
Són neéedades criticas,
Si no rudezas satyras.

Tu que, podiendo altissima

Beber hazes diafanas,
Te hazes terrestre florida,
Siendo volante Agila;

Tan falsa en tu Rhetorica,

Tan injusta tu maxima,
Que de ti las politicas
Son del Sabio las lagrymas.

74 Obras da Madre Soror

Y al fin, Sabia loquissima,
Llegas a ser tan fatua,
Que pretendes en vida de marmo-
Conservar duraciones de fabulas.
Vou a ave, deixando pelas Estrellas do
Olympo as flores do Bosque, aonde já a
Peregrina não via ao Idolo, nem às ido-
latras, que, como sempre, atemorizadas
do desengano, deraõ costas à forsa da
verdade.

C A P I T U L O VI.

*A esperança do Mundo. Idola quarto che-
ga a alma, primeiro olha para ella
reverente, e logo a deixa desen-
ganada.*

B uscada outra vez de Cacadoras, e
Nynfas a Peregrina, e achada sem-
pre, porque não sabia fugirlhe nunca,
foy levada da tropa infiel ao quarto Ide-
lo do Bosque, a quem faziaõ sombra a-
mendoeras arvores, cujas flores serviaõ
de primavera a esta do Mundo esperan-
ça. Vestia de verde a mentida Deusia, cu-
ja cor guarnecia de varias flores, destas

Y

compunha seu toucado , e adornava seu peito ; era seu aspecto aprazivel , seus olhos lisongeiros , seu semblante alegre , e todos estes attractivos foraõ iman , que leváraõ a si o affecto da Peregrina , e querendo saber quem lhe roubava o coraçâo pelos olhos , lhe perguntou seu nome reverente , ao que respondeu sônora .

Soy la hermosa lisonja suave ,

En que humanos rigores se ablandan ,

Más dulce , más agil , más firme ,

Que el nectar , q endulça , q el ayre , q

La Estrella , que pára . (corre ,

Soy del amor el aliento apacible ,

La que sopla a su incendio las llamas ,

Que esfuerço , q avivo , que acendo ,

La fe que estremece , la llama q buela ,

El yelo que ata .

Soy la fuerça amigable , y risueña ,

La que a si coraçones arrastrá ,

Que lleva , que animâ , que attraye ,

El Colon que surca , el Marte q lidia ,

Adonis que ama .

Soy la Diosa , que el Mundo venera ;

A mi culto sobervio , a mis arás

Se rinde , se prostra , se humilla

El sagrado adorne , la purpura Regia ,

La abarca villana .

Soy

76. *Obras da Madre Soror*

Soy Deidad del consuelo benigna,
Que con migo piedosa, y sin saña
Se acalla, se sufre, se enxuga
El gemido tierno, el tormento duro,
La lagryma blanda.

Soy del bien precurfora dichosa,
Y preludio feliz le adelanta,
Que influyo, que arrojo, que exhalo.
Alientos, si soplo, vidas, si respiro,
Si pronuncio, almas.

Soy al fin la esperança del Mundo,
Mais alegre à apreensiones humanas
Que en bosque, q en prado, q en selva,
Las muzicas aves, las rosas sangrietas,
Las corrientes mansas.

*A es-
pera-
sa do
Man-
do
pro-
mette
mui-
to, e
dá na-
da.*
Callou o Idolo, e alargou sua maõ
a Peregrina ao que esta lhe pareceu
com hum thesouro; porque assim
lho promettia seu semblante, e abrin-
do a maõ para ver o qee nella lhe
deixára, a achou vazia; levantou
os olhos a queixarse, e topou com
a vista as amendoeiras já despidas de
sua flor, que perdida a esperança se
desfolháraõ antes de darem fruto.
Duas vezes advertida a Peregrina
hia apartando-se escarmentada, quâ-
do

do a murmuração do rio a deteve a escutar seus claros desenganos.

DESENGANO IV.

Que promettes, esperansa do Mundo? Riquezas, isso saõ vaidades, honras, isso saõ fantazias, voos, isso saõ precipios, titulos, isso saõ nomes, coroas, isso he pezo, Imperios, isso he terra, mitras, isso he encargo, tiaras, isso saõ obrigações, bastões, isso saõ lidas, vitórias, isso saõ batalhas, laureis, isso saõ folhas, e finalmente todos os bens do Mundo, isso he nada. Que saõ as riquezas, que promettes? Quando ouro, huma pouca de terra, quando prata, huma falsidade de liga, quando perolas, humas gottas de agua, quando diamantes, hum dissimulado veneno, quando esmeralda, humas pedras de melhor cor, quando saffiras, huma cor de melhor semelhança, quando crystal, hú pedaço de caramel, quando coral, o tronco de huma arvore, estas saõ as riquezas para quem as conhece; e q saõ as riquezas para quem as possue? A quem as possue saõ cuidados para a vida, saudades

dades para a morte , cargo para o Juízo ,
embaraço para a conta , a moeda falsa
para o Ceo , moeda corrente para o In-
ferno. Estas são as riquezas.

Que promettes nas honras, promettes
titulos , e que são esses titulos? São hu-
ma excellencia , que me não faz exceil-
lente , porque me deixa miseravel, huma
senhoria, cujo senhorio está na voz alheia,
e não no merecimento proprio; as mi-
nhas obras podem-me fazer excellente,
porque me podem fazer Santo; as minhas
virtudes podem-me fazer senhor , por-
que me podem fazer grande ; mas cui-
dar hum que porque tem huma terra,
ou huma nomeação de mais , fica exceil-
lente , he huma ignorancia, que bem pa-
rece filha da terra. Oh quantas vezes o
que para o Mundo he excellencia, he ini-
solencia para o Ceo ! Fazeis. Títulos, mais
apreço daquelle nome , que vos dão em
vosso estado , que daquelle nome , que
vos deraõ em vosso Baptismo ; pois aco-
dis pelo titulo, e não pelo nome: em cer-
to modo parece que antepones a for-
tuna à graça ; desenganay-vos, Grandes,
que sem graça não há fortuna.

Pro-

Promettes mais , ò louquissima esperança , bastões , e a quem os promettes ? A hum homem , que para alcançar esse bastaõ , passa primeiro por tantos perigos da vida , quantas saõ as occasiões de merecello; hum agonizante passa da morte a sua hora , hum Soldado vê-se na hora da morte quanto tem de vida , com que não só fazes comprar ao triste contendor a honra, que lhe promettes , com a hora da morte , senão com as horas da morte ; e quantas vezes , ah falsissima esperança , lhe chega a morte sem lhe chegar a honra ! Servi , homens , a quem vos promette coroas immortaes , e não a quem vos acena com laureis caducos , que a morte he rayo , que não respeita ao loyro , com que vos hade despojar da vaidade a morte , e se arriçastes a cabeça para merecello , não vos pôde segurar a cabeça para conservallo . Se quereis ser valentes , sede Santos , não está o esforço em aprestar exercitos alheyos , está o valor em dominar paixões proprias , em venceryos a vós , e não a outrem ; olhay que mais faz hum justo em conquistar o Ceo , do que fez hum Alexandre em sugeitar

geitar o Mundo; conquistar o Céo, que
padece farsa.

Promettes mais, falsissima e speratifa;
Imperios, e que vem a ser effes Imperios?
Partes da terra, que he a terra toda
da miserias: logo vem a ser Senhor de
mais miserias o que vem a ser Senhor de
mais Imperios. Dize, Fortuna, nesse do-
mino ao Infante q̄ não naſça chorando; ao
mortal que não viva padecendo, à bel-
leza que se não olhe ameaçada de huma
eáveira, à grandeza que se não veja es-
treitada a huma cova, à flor que dure, à
Estrella que pare, à alegria que fique, ao
pranto que fuja, à vida que não acabe,
à morte que respeite, e se esse pranto for
riso, se esse homen não for miseravel, se
essa belleza não for sombra, se esse gran-
de não for mortal, se essa flor for per-
petua, se essa Estrella for fixa, se essa ale-
gria for duravel, se essa vida for con-
stante, se essa morte for respectiva, eu te
gabarey o Imperio, eu te não desdenha-
rey a Monarquia. Senitorio de mortaes
posse de terra, por isso de miserias do-
mino.

Promette cōroas, e que promette
nessa

nessa soberania ? Para a cabeça coroa , para os olhos venda , para os hombros pezo , para o coraçao lida , para o sono susto , para a vida trabalho , para a alma perigo , para o ser nada . Esta he a coroa , oh enganosa Fortuna , oh miseravel Rey ! Promettes mitras , e que vem a ser esta dignidade ? Obrigações dobradas , cuidado proprio em descuidos alheyos , que he o maior cuidado . Almas , à conta de quem muitas vezes não sabe ter conta com a sua alma , se o homem no Juizo fizera a poder , fizera extremos por poder de huma só alma não dar conta , como se achará o homem em Juizo , tendo que dar conta de muitas almas , o como só o poderá dizer o mesmo homem em Juizo , apertos daquelle tremendo Tribunal , menos que o proprio Tribunal não pôde explicallos , angústias daquelle fatalissimo perigo só as pôde medir a mesma angustia ; quem duvida que alli quizera o homem , antes que na dignidade de huma mitra , ter vivido nas estreitezas de huma cova ? Este he o Fortuna , o aperto , a que condenas o homem quando lhe dás a mitra .

F

Pro

Promettes Tiaras ; e com as Tiaras
hum Principado na Igreja. Princepe da
Igreja, a que estás obrigado ? Sem du-
vida que a meditares nas tuas obrigações,
não ouzásas a aceitar a Tiara ; se de hum
Princepe no temporal saõ as obrigações
taõ crecidas, quaes seraõ de hum Princepe
na Igreja as obrigações ; e sendo
tal a fragilidade humana, que difficulto-
samente pôde corresponder a este em-
penho ! Olha, esperansa, o empenho, em
que pões a quem brindas com a Tiara,
honra mais para temerse, que para lo-
grarse. Se pois, ô esperansa, de tuas
promessas ainda quando verdadeiras saõ
estas as posses, que ha que fiar em tuas
promessas, pois, sendo ansias quando es-
peradas, ainda saõ maior mal quando
possuidas ? Mortaes, que fazeis tanto pe-
lo que he taõ pouco, aonde está a vos-
sa yaidade, que vos não sabe livrar des-
ta miseria ? Mas ah como vejo que da
miseria fazeis a yaidade ! Dais a vida pe-
las esperansas da terra, e não dais hñ passo
pela posse do Ceo, grande injuria fazeis
ao Ceo, grande confiansa fazeis da ter-
ra ; tanto servir ao Mundo pelas honras
do

do Mundo , cujo ser he hum pouco de fumo , que cega , e foje , tanto descuido do Ceo , cuja luz he huma Estrella , que alumea fixa , tanta fadiga para a vida , tanto desprezo para a eternidade , tanta meditaçao para viver , tanto estudo para acabar , como se nunca acaba reis de viver : mostras , mortal , que tens grande fé , ou que tens fé nenhuma ; se esperas salvarte , fazendo nada pela salvaçao ; tens muita fé , mas olha que nessa fé te não podes salvar , e se havendo Ceo te lembras da terra , parece que não chega a tua fé a cuidar que ha Ceo ; homem de taõ grande fé , não te fies em tua confiansa , homem de fé taõ pouca , não te segures em tua duraçao , abre , ignorante , voluntario os olhos , e verás as luzes , olha , confiado infiel , para o fogo , e temerás os rayos , medita o que vay de posse a posse , e logo deixarás esperansa . Callou o rio , cantou a ave , e ouvio à Peregrina .

Viendo tus esperanças

Alva , y Aurora ,

Quanto una las rie ,

Otra las llora .

F. ii

En .

En ayre se fian

Para dezayre,

Quien del ayre se fia,

Es como el ayre.

Por el viento esparcieron

Varias colores,

Y el viento las deshoja,

Porque son flores.

Quien del Mundo las mira,

A dizir oza

Que mas que la esperança

Vive la rosa.

Ala flor del almendro

Es comparada,

Mas las flores dan frutos,

Ella dá nada.

De mentiras componen

Todas sus yozes,

Pues nos muestran el oro,

Y dan las fezes.

Y siguiendo este estylo,

En tal fatiga

A la plata prometten,

Y dan la liga.

Esta si , Mundo loco,

Es tu esperança,

Quien la alcança , me diga

Que es lo que alcança?

Tas

Taõ suave cantou a ave , que fez a verdade doce , cujos ecos nos ouvidos da Peregrina passáraõ ao coraçao , e buscando a companhia para lhe comunicar o efeito , se achou sem ella , que os desfenganos tem poucos , que os ouçaõ , e muitos , que lhes fujaõ .

C A P I T U L O VII.

Em que a Peregrina passa ao Idolo riqueza , eleva-se primeiro de suas vozes , e logo piza seus poderes.

C Obradas do susto Caçadoras , e Nynfas tornáraõ à empreza , que a malicia quando porfia he muy teimosa ; cor-tejando a vacillante Deusa , a conduzi- raõ a novo domicilio , que se formava do thesouro , que as Hesperides guardáraõ em seus jardins , transplantados pois neste Bosque , crecerão as maceiras a fazer Templo , que douravaõ suas maçans ; o Idolo , que aqui se venerava , era huma mulher de luzidos olhos , prateado caraõ , dourados cabellos ; vestia de tela de prata , e assim manto ; como

roupa bordava de botões de ouro , gala,
que estudar-se-lhe o ser fora injuria : a
cabeça era hum thesouro de joyas , e
quanto mais leve na consideraçāo , mais
capaz se fazia para o pezo. Allucinados
os olhos da Peregrina nas falsas luzes
de tanta terra bem illustrada , chegou a
dar ambiciosa adoraçāo ao Idolo , que-
rendo tirar de sua devoçāo seu interesse ,
e namorada de tanto ouro o desejava pro-
prio quando o venerava alheyo. Quem
es , ó poderosa illustraçāo deste Bosque ,
exclamou a innocent belleza , que já te
imagine Aurora pelas perolas , Alva pe-
la prata , Sol pelas luzes , e mal deter-
minada no que te cuide , só te venero pe-
lo que vejo. Respondeu em arrogantes
vozes a falsa Serea.

*A ri-
gueza* Soy de la tierra el Idolo ,
be o I- Que adora , porq attiendas sin pre-
doloda ambulos ,
terra. Desde la Regia pyramide
Pelas Hasta el desierto , hasta el humil-
*rique-
zas ar* de paramò.
rifca o Por mi belleza unica
homē Se arroja el hombre sin tener ob-
avida, taculo

En

En las entrañas lobregas,
En los profundos crystalinos am-
bitos.

Alas Zoras incognitas

Huella por verme a los occultos
platanos

Tanto cothurno tremulo

De hombre estranjeiro, no de pro-
pio Satyro.

A mi poder magnifico. (tue

No es imposible a mi valor no fa-
Hazer suban no esfericos

Para dorar el Sol altos pinnaculos.

A mi imperio los Principes

Piden sugetos para ser magnanimos,

Porque fin mi la purpura

No fuera lustre, porque fuera ef-
candalo.

A la adoracion valida

No escapa mi Deidad de anciozo

Tantalo

Ni en los terrestres concavos,

Ni en los senos , escuchame , dia- *Pelos*
do
Mundo
guer-
rea o
homæ.

Por mis bienes altissimos

Guerrea el Mundo con ardiente
animo,

F iv Quan-

Obras da Madre Soror

Quando en su furor belico

Rie Democrito , quando llora Heraclito.

O ou- Quanto el humano circulo
ro tu- Rodea mi poder manda infantil
do tico
man- Desde el hombre maritimo
da. Hasta el terreno , hasta el estable
ambito.

Al fin mi Deidad dorica
No pueden explicar afectos can-
didos

De continuos hyperboles ,
De repetidos , de incessables can-
ticos.

Callou a Riqueza , e alargando a mão
naõ sempre liberal , tinou de suas arvo-
res huma macã de ouro , que deu à Pere-
grina , a qual quando hia a avaliar o que
julgava preeioso dom , se lhe desfez em
terra : taes eraõ do Bosque as riquezas ,
vistas luz , tocadas lodo ; aos reparos da
Peregrina nesta transmutaçao atalháraõ
os despenhos do Rio , que com claras
vozes disse assim .

DE-

que a alma é a alma humana?

DESEN G A N O V.

Que vales; riqueza; vales huma alma? Não, que a condenas; vales huma vida? Não, que a arriscas; vales hum socego? Não, que o destroes; vales hum alivio? Não, que es pezo; vales hum descanço? Não, que es cuidado; vales huma respiração? Não, que es affogo; arriscas a vida de quem te busca, condenas a alma de quem te guarda, destroes o socego de quem te conserva, fazes do sono cuidado, do alivio carga, da respiração receyo, e es thesouro? Aonde pois está o teu valor, que se o achou á estimação, eu o não descubro na realidade? Comigo poderá o homem comprar mais Mundo, porém não poderá o homem comprar mais vida: logo para que quer o homem que o que lhe falte de vida lhe sobeje de Mundo? Duplicarllie as conveniencias para viver, e não dilatarllie os alentos para durar, não he darlle mais seguros, e he deixarllie mais saudades para a morte, com que compra contigo para a morte outra agonia. Sonha

nha o ambicioso com o thesouro , esper-
ta , e acha-se com o desengano ; logra o
homem breve sono de sua duraçao , a
mentida posse de sua riqueza , acorda na
eternidade , e desapparecelhe o thesou-
ro ; com que quantas perolas cria o mar ,
quanto ouro a terra , quanta prata as
minas , saõ hum thesouro sonhado , que
só val hum desgosto verdadeiro ; tudo o
que contigo , o riqueza , se faz na vida ,
he para a vida ; he a vida hum compo-
sto de annos , os annos de mezes ; os me-
zes de dias , os dias de horas , as horas
de minutos , os minutos de instantes ,
com que de instantes se vem a fazer to-
da a vida , e cabes , riqueza , em hum
composto de instantes , servindo só pa-
ra dourar minutos ?

Que tem o homem em teus banque-
tes , senão huma demasia para o gosto ,
hum achaque para a vida , huma injuria
para a racionalidade ? Que tem em teus
adornos ? Na feda huma lisonja de me-
nos dura , na prata huma vaidade mais
clara , no ouro huma terra mais bem pa-
recida ; que tem em teus palacios , senão
mais dois palmos de chão para o trope-
ço ,

ço, quatro pedras mais levantadas para a soberba, quatro torres de vento para a ruina; que tem em tuas preciosidades? Humas pedras, a quem a terra deu o ser, e a opiniao o valor, melhores para atirarem loucos, que para estimarem feudos; que tem nos divertimentos, que lhe compras, senao huma tarefa de ociosidades, hum labyrintho de loucuras, hum theatro de desatinos: isto he que tem em ti o homem, que te logra, e só huma chave tem em ti o homem, que te guarda; se foras, o miseravel riqueza, precisa para conservar a vida, ainda sendo a vida coufa tão pouca, tivera alguma desculpa quem por ti fizera muito; mas, se ao homem lhe basta para seu abrigo huma cabana, para seu sustento huma arvore, para seu vestido huma pelle, para seu desafogo huma fonte; que dás ao homem no que lhe sobeja, se sem ti tem o homem o que lhe basta? O mortal, se só com armaz quattro troncos te podes guardar das inclemencias, para que levantas em teu reparo tantos marmores, para que estremeces tantas pedras, para que fazes trabalhar tanto arti-

92. *Obras da Madre Soror*

artifice , sem que escape à tua fantasia nem a pedra de mayor firmeza , nem o cedro de mayor duraçāo , sendo injuria ao Libano no que te atreves , e ao mesmo Paraíso no que te atrevéras , pois sem duvida que a poder , lavráras de suas arvores tua morada ; se só com despir a hum bruto podes vestirte , para que cortas tanto Abril em cores , para que apuras tanta fineza em ouro , para que manchas tanta pureza em prata , para que arrastas tanta soberania em purpura , para que teces tanta variedade em galas ? Mas he , ò mortal , porque não consideras que basta huma pelle na vida a quem sobra huma mortalha na morte : se huma fruta pôde sustentarte , para que alteras os mares por seus peixes , a terra por seus brutos , o ar por suas aves , o fogo com aves , peixes , e brutos , cansando o sustento de huma só vida a quatro Elementos ; que dirá o ar de lhe darem trabalho por hum suspiro ; se basta à tua sede agua pura , para que injurias a clareza da fonte , e a Providencia de quem a creou para a tua sede , conficionando bebedas , de quem tua vaidade he a hy-

a hydroperica , e não teu calor o necessitado , e sem duvida que a haver Deuses , tu lhe roubáras de sua menza o nectar , porque em teus copos não faltasse a ambrosia . Dize-me pois , ó inutil Riqueza , e de que serves , se sem ti estava provida a natureza ? Mas já sey que só serves de injuriar as condições dessa mesma natureza . Sabes , ó homem , quando farás thesouro da riqueza ; quando a pizze teu desprezo como terra ; quando a arrojares teu desinteresse como todo , quando a olho teu conhecimento como nada . Taes vos vejo , ó riquezas do Muudo , que sois melhores para despresadas , que possuidas . Mortal , que surcas os mares , que rogas a terra por seus haveres , como não advertes que está em ti o teu thesouro com menos duvidas na posse , com menos trabalho na esperansa ; se com as potencias de tua alma te podes fazer rei co de eternidades , para que com tuas diligencias te queres fazer dourado de instantes ; se tens em ti cabedal para comprar o Ceo , para que buscas cabedal , que hasde deixar na terra , arriscando-te a que te falte pela peregrinação a patria ; — O (i) — põe ,

põe, mortal, teu cuidado em não perdela, e assim terás em teus afectos teus thesouros. Vontade bem sacrificada he o ouro de melhores quilates, lagrymas bem choradas, as perolas mais preciosas, pensamentos do Ceo as saffiras mais celestiaes, esperansas da Glória as esmeraldas de melhor cor, finezas por Deos os diamantes de melhor lustre, zelo da salvaçao o rubim mais ardente, desengano do Mundo o crystal mais verdadeiro: chora tua culpa, sacrifica tua vontade, levanta teu pensamento, abraza teus afectos, melhora tua esperansa, exercita tua fineza, achará teu conhecimento, e acharás, à homem, o teu thesouro; e se atègora esteves em ti como em campo escondido, de hoje por diante aproveitate delle, que ainda he tempo de o fizes achado. Callaráo do Rio os desenganos, e começou assim da ave a musica.

M O T E

O Ro, y tierra todo es uno,
Pero tanto el Mundo yerra,
Qué adora la tierra tierra.

GLO-

G L O S A.

LAs verdades, que athesoro,
Mortal, aqui podrás verlas
A tantas Alvas de perlas,
A tantos Soles de oro.
Todo esse fatal thesoro
Está de valor ninguno,
Sabe, ò rigor opportuno,
Porque salgas de tu abysmo,
Que agua, y perlas son lo mismo,
Oro, y tierra todo es uno.
Eres tierra en tal espanto,
Oro, y tus rayos serenos,
Y si pudiera hallar menos,
No te juzgarás por tanto.
Hombre, tu encanto, tu encanto
En esta verdad destierra,
Porque tu valor encierra
Tanta fineza uzurpada,
La tierra es para pizada,
Pero tanto el Mundo yerra.
A todo el mortal humano
En adoraciones hallo
Del Príncipe hasta el vassallo,
Del ilustre hasta el villano.

Tan-

Tanto affecto soberano,
 Dizid, que mysterio encierra?
 Su intencion ie dezenterra,
 Que busca el hombre humillado,
 Que idolátra el Rey prostrado,
 Que adora? La tierra tierra.

Callou a ave, desenganou-se a Peregrina, fugio ao culto, conhecendo nelle por Idolo o para que tinha olhado como Divindade.

C A P I T U L O . VIII.

Em que á alma he levada ao culto do amor proprio, primeiro, e ultimo Idolo.

PELOS perigos do Bosque deixou outra vez a Peregrina da ave os voos, que pudera seguir com o pensamento; conduzida como sempre de Caçadoras, e Nymphas chegou ao ultimo, e mais venerado culto daquella esfera, cujo Idolo era hum mancebo de assennado rosto, lisongeiros olhos, alegre aspecto, delicadissimo talhe; vestia de hum finissimo nacar forrado de cambray, guardado

necido de aljofar ; era sua esfera de narcisos , que lhe faziaõ culto , altar , e templo : ollava-se em hum dolo-^{O ma-}
rio , que lhe servia de espelho , e era he o a-
o mais perdido . Narciso nestas aguas mor-
poz-lhe a Peregrina os olhos com pro-
affecto , e ac perguntarlhe quem era
com cuidado , respondeu com me-
lodia .

Yo soy el Fuego ,
Yo soy el Agua , oy soy la Tierra , yo
soy el Viento ,
Y de todos los quatro hago un com-
puesto ,
Con que quedo a nombrarme quin-
to Elemento .

Soy Fuego , que soy amor ,
Pero tan blando , tan lento ,
Que son tisonjas las llamas ,
Son halagos los incendios .
Pero mortales , tenedme miedo ,
Que aunque tan tibio , aunque tan
quieto ,
Todo el Orbe es ruina à mi llama ,
Todo el Mundo es esclavo à mi im-
perio ,
Aunque tan dulce , y tan tierno .

G

Ha-

- Amor pro-prio extra em tu-dos sub-tiles-mo.* Hago rostro al incendio más noble,
Y a su fuego le traga mi fuego.
Soy ayre, porque subtil.
Entro a todo, y tan adentro,
Que no hay coraçon humano,
Que escuze de mi sus senos.
Pero vivientes, mirad mi esfuerço,
Que aunque ayre blando, benigno
Zefyro,
- Amor pro-prio arrui-na as almas mais cons-tutes.* Arranco del Olympo las Estrellas,
Estremesco del Libano los cedros,
Favonio manso, suave aliento.
Quando soplo, dezayro a las peñas,
Si respiro peligran los leños.
Soy tierra, porque al fin soy
Hijo de tierra soberbio,
Que al oro no es menos lustre
Tener la cuna en su centro.
Pero Viadores mirad mi aspecto,
Porque aunque humano, aunque
terreno,
- Faz guer-ra ao Ceo o amor pro-prio.* Con mi ser hago sombra al Empyreo,
Y de tierra me atrevo a los Cielos;
Señor de Mundo, hijo de suelo,
Soy el Dios, que habitante en las
almas
Comunica su glosa a los cuerpos.
- Hoy

Soy agua, porque mi fuerça
 Mata de otro amor el fuego,
 Recien nacido el calor,
 Amortigo los incendios.

Enti-
bia o
amor
de
Deos;

Pero mundanos ved mi dezeno,
 Que aunque de nieve, aunque de
 yelo,

O a-
mor
pro-
prio
bata-
lha c
o de
Deos,
e mu-
tas ve-

Hago guerra de amor al amor,
 Rino lides de incendio al incendio,
 Dormido rayo, callado estruendo,
 Soy assombro, que ciega las luzes,
 Fuerça soy, que arrebata los pechos.

Callou o lisonjeiro Narciso, e taõ zes
 doce suavizou os ouvidos, que po- vencé.
 diaõ persuadirse a que era

O el Orfeo de las aguas,
 O el Ruiſenor de los hombres.

A Peregrina mais que à dos outros sacri-
 ficada a seu culto, mudamente lhe be-
 bía os agrados pelos olhos, pouco em si,
 toda nelle advertio lhe offerecia hum
 cestinho de flores, de que se fazia seu
 solio, que eraõ symbolos de seu ser; pe-
 gou dellas, quando (oh horrendo susto!)
 saltou venoso aspide, que acordado
 ao toque, se não ferio a mao, assombrou
 o o

os olhos ; tremeu a Peregrina , e conhecendo no perigoso das flores o cávil-loso de quem as offerecia , hia a exclar- mar desenganada , quando o rio lhe rou- bou assim as vozes.

DESENGANO VI.

Que amas em ti , amor de ti ? Amas o teu pó , isso he cegueira ; amas tua terra , isso he vileza ; amas tua vaidade , isso he loucura ; amas teu descan-ço , isso he priguiça ; amas teu commo- do , isso he perigo ; amas a tua saude , isso he achaque ; amas tua estimaçāo , isso he injuria ; amas teu regalo , isso he vēno , e finalmente amas-te a ti , isso he nada ; amar-te , e enterder-te . O tu a quelle , que te amas , não parece possi- vel , assim o creyo , que te amas , porque te naõ entendes ; se alcānçāras que aquel- le cuidado , com que estremeces teu cor- po , he ruina , que pôde estremecer tua alma , quem ignora que dos medos de tua alma fizeras tambem hum coco pa- ra tua vida . Eu digo que a ti te amas , porém só quero dizer que por ti te per- des ,

dés, pois neste affecto proprio ficas bem perdido, e máo amante, que a fineza, com que te estimas, he o delicto, com que te condenas, e tanto, que só fazendo de teu amor teu odio, virá teu odio a ser teu amor: quererte bem, e fazer-te mal implica, o Narciso, contradicção, e tu traçando de teu querer teu mal, cuidas que he querer bem; que lastima tiveras amando-te, se te viras conhecendo-te: adoras a vontade, quando com ella havias de adorar, o de que havias fazer sacrificio, fazes Idolo, ficando assim idolatria de teu gosto, se ainda para teu gosto era vil, qual será para teu Deos; se hum bruto soubera levantar templo, esta fora a adoração do bruto; não digas, o radíssimo querer, que es racional: os outros fazem de seu amor seu mimo, e tu fazes de teu mimo teu amor, e he este affecto intruso, se huma fineza para teu corpo, huma grossaria para tua alma, e es taõ grosseiro, que amando em ti, amas o peyor, que tens em ti.

Naceste só para querer, e vives só para quererte, se não vives para o que nasces, melhor te estivera o não haver

nacido , e neste desmentir o ser usante com quem te deu o ser da mayor desnaturalidade ; aquelle affecto , com que puderas pagar a tua dívida , esperdiças na tua affeição , fazendo assim do amor furto , quando do amor podias fazer desempenho . Toda a moeda se pôde pagar em outra , mas a do amor he tão fina , que só tem paga na mesma moeda ; entriste no Mundo devedor do mayor amor , que he o de Deos , deixoute em tua vontade cabedal para satisfazer a dívida : gastas com tigo o thesouro , esperdiças com tigo o affecto , logo que te fica para pagar a Deos essa dívida ? Mes- tendo-se por valia o amor , não só o amor de Deos para contigo , mas o amor de ti para com Deos : logo , se este amor está empregado em ti , quem tomas por valia para o perdaõ ? Contas de amor , cego Narciso , saõ muy miudas , e quanto no Mundo saõ arriscadas nos extremos , para com o Ceo saõ perigosas nas quebras ; perdoa Deos a quem o desfama , mas não perdoa a quem o desfama , que elle he amante do arrependimento , e não da culpa ; a sua misericordia não está em ex-

excluir a paga , que isso sem queixa da
 sua justiça não cabe nem na sua misericordia , está sim a esperar por ella , e
 esperar quem ama pela satisfaçao do
 que ama , deixa na detenção tão grande a
 penalidade , que esta he a maior fineza ,
 que por ti faz sua misericordia : olha ,
 Nareiso , que te espera Deos , e que pa-
 deces em tua demora mais do que pade-
 ceu em sua Cruz , pois alli tolerava a
 dor , e cá retarda-selhe da dor a satisfa-
 ção ; huma ferida atormenta o corpo ,
 huma ingratidão lastima a alma , com que
 o que vay da alma ao corpo , sente Deos
 mais o esperar , que o padecer : deixou
 Deos por ti a sua casa , descendo do seu
 Céo , deixou a sua soberania , vestindo-se
 de servo , deixou a sua vida , soffrendo
 a sua morte ; mas só o seu amor não quer
 Deos deixar por ti ; julga pois que coufa
 tão estimavel ferá aquella , que prefere
 Deos à sua grandeza , à sua casa , à sua vi-
 da . Pois este he o teu amor , e empre-
 gas em hum pouco de lodo aquillo , que
 só reservou para si Deos ; verdade he que
 de muitos tempos de não alney se satis-
 faz com hum instante de amo ; mas tu

G iv

des-

desperdiças tão descompassadamente •
teu querer , que te não ficará cabedal
nem para hum instante ; minuto de pa-
ga em dívida de annos ou há de trazer
a moeda muito fina , ou há de levar re-
pudiada a moeda ; he cousa rara fazer-
se em hum momento o que sempre se
póde lavrar em toda huma vida , e por
isso acontece poucas vezes por cousa
rara.

He a vontade huma potencia tão no-
bre , que nunca póde estar ociosa , por-
que na occupação mostra o valor; amar
a Deos foy o destino desta potencia , ali-
li como em centro proprio vive o que
ama , no mais como he affecto bafta-
do , padece o que quer ; não podendo
pois estar a vontade suspensa , ama o
homem ou a Deos como illustrado , ou a
si como cego , ou a outrem como louco;
amar a Deos por todas as razões he bom,
amar a outrem he máo , amarse a si he
peyor ; quem ama engana-se com ou-
trem , e he hum engano , que não póde
durar muito ; quem se ama , engana-se
comigo , e he huma cegueira , que sem-
pre prevalece : amando a outrem o tem-
po

po me dá a conhecer o mal que amo, amando-me a mim nunca me parece que amo mal; amor alheio qualquer desconfiança basta a acaballo; amor proprio, como não tem quem lhe pague mal, não ha destruillo; finalmente amar he tormento, e amarte he mimo: da dor não ha quem se não despida podendo, do mimo não ha quem possa despedirse; às violencias da mágoa estalaõ firmezas de bronze, às docuras da lisonja se conservaõ duraçoens de vidro, com que em amar, e amarte tens, ò Narciso, mais certo o perigo no que te amas. Sabes, ò homem, o que podes amar em ti? O que amares a Deos, se te vires transformado neste amor, ama-te nelle, com tanto que estimes o fogo, e desprezes o lenho, hás de quererte só para querer, que isso he querer a Deos, não hásde quererte só para quererte, que isso he amarte a ti, põe teu todo por teu retrato, põe suas feições por tua copia, olha-te a ti, e olha a Deos, e se não escolhes como racional, fica como bruto.

Disse, ò Narciso, como em teu amor proprio não podias padecer ingratidão, e já

e já me retrato, porque tudo o que amas em ti, em ti te foje; amas tua belleza, e essa, deixando-te em sua cáveira hum desengano, desapparece: amas tua vida, e tua vida corre de tua lisonja para sua morte; amas teu gosto, e elle voa quando chegas a perdello: amas teu descanço, e foje a embaraçar-se com seu susto; amas teu corpo, e elle deixa-te por sua sepultura, com que tudo, ô homem, que em ti amas, te paga mal, e ainda assim te amas; se amar perfeições ingratas era loucura, o que será amar imperfeições desagradecidas. Sabes, ô homem, que te amas, o como podes segurar tuas commo- didades? Fazendo por salvarte, busca o Ceo por amor de ti, já que o não queres buscar por amor de Deos, e verás como se pode buscar o Ceo por amor próprio; se amas teu descanço, no Ceo não se trabalha, se amas teu gosto, no Ceo não ha pezar, se amas teu regalo, o Ceo he delicia; se amas tua nobreza, no Ceo es Rey, se amas tua fermosura, no Ceo es luz, se amas tua discricão, no Ceo es sabio, se amas tua vida, no Ceo es eterno; faze pois, ô homem, por ir aqui
Ceo,

Ceo, que ahí segurarás para tua fortuna quanto puderás desejar para teu amor. Callou o Rio, desceu a aye, e disse.

Ay infeliz,

Que a ti te pierdes, por quererte a ti!

Engañado Narciso,

Para que escondes, di,

Entre luzir, y arder

El fuego, que consume sin luzir?

Essa llama, que abraza

Tu pecho femiril,

Si es lisonja al nacer,

Dissimulada muerte es al vivir.

Ay infeliz,

Que a ti te pierdes, por quererte a ti!

Si en ti perdido estás,

En ti te busca vil,

Porque; si allí te pierdes,

Podrá ser, podrá ser, te halles allí.

*Bus-
ca-te
emteu
pó,e a-
char-
te-bas*

Miras-te a los crystales,

Y no adviertes aquí

Que tu en ellos te mientes,

(mentir.

Que ellos en ti no pueden, no

Ay infeliz,

Que

Que a ti te pierdes, por quererte a ti!
 Ageno affecto busque
 Tu affecto en esta lid,
 Porque de propio culto
 Huye la adoracion hasta el Gétil.
El Dios del amor Narciso
 La Deidad del Cafir,
 Quando a si Dios se ama,
 Tambien buscò que amar fuera
 Ay infeliz, (de si)
 Que a ti te pierdes por amor de ti!

C A P I T U L O IX.

Em que desenganada a alma se resolve a deixar o Bosque simbolo do Mundo; procuraõ detella as suas lisonjas na voz do Caçador; vence seus enganos com o favor das inspirações, significadas nos avisos das Pastorais.

Desenganada tantas vezes a Peregrina o ficou huma, e assim despedindo-se do Bosque sem saudades, io buscava a sahida do Bosque. Ficay, dizia, labyrintho de enganos, que mayor ha a sede, que

tenho de deixarvos, do que a que me trouxe a vertos ; ficay , Divindades Só o falsas, que ainda não valendo para ^{desen-} hum engano, quereis ser para huma ^{gano} adoraçao , ficay por Idolos de sacri- ^{tira a alma,} ficios cegos , que eu já levanto os ^{do M}fumos , e só posso perdoarvos no es- do. carmento quanto me aventuraastes no perigo ; dizia a Peregrina , e não parava sem que Caçadoras , e Nynfas baftassem a detella , mas sahio-lhe o Caçador ao encontro , que com sonora , e lastimosa voz procurava obrigalla , dizendo.

Pàra, Nynfa , a mis vozes, *O Ma-
do en-
gana
a al-
ma cõ
lison-
jas.*
Porque tu piê ligero
Si corre por el ayre ,
Descâce (ay infelice!) por el fuego.
Aqui desceraõ do Olympo as Pasto-
ras, cujas distintas vozes assim con-
tradisseraõ as do Caçador.

Pastor. Corre , Nynfa, al Olympo ,
Que su Numen sereno
Te obliga con las llamas ,
Y aquí solo te engaña con los
, de los que te yelen: *al o se*

OPRA

Ca-

110 *Obras da Madre Soror*

Caçador. A mis lamentos tristes
Se suspendan tus buelos,
Tengan-te mis suspiros,
Porque amor aprisiona con el
viento.

Pastor. De sus suspiros huyé,
Porque si a su lamento
Dà por remedio el ayre,
Que le quede en el ayre esse
remedio.

Caçador. Pàra à mi llanto , Diofa ,
Porque pare su exceso ,
Que sintiendo anegarme ,
Solo siento (ay dolor !) que a
ti te anego .

Pastor. Huye , Dea segura ,
Y tu cothurno tierno
El riesgo temaa solo ,
Quando pare a temer en ese
riesgo .

Caçador. Escucha , que no puedes ,
Si en mi llanto se ha puesto
Obstaculo a tu planta ,
Monte de imundacion , y mar
de incendio .

Pastor. No escuches sus palabras ,
Que esos vanos concetos ,
Eosos

Estos acientos locos,
Quando nacen finezas , mue-
ren eccos.

Caçador. Si huyes de mi , tyranna ,
Corra a mi tu despecho ,
Tan fuera estoy de mi ,
Que en mi de mi puedes estar
màs lexos.

Pastor. Huye, que es falsedad
De su alebozo pecho ,
Pues nunca en si està màs ,
Que quando en si parece que
està menos.

Caçador. Plegue al Cielo, enemiga ,
Que en tu cothurno terfo
Prueve el Aspid lo dulce ,
Porque pare al dolor quien
huye al riego.

Pastor. No hade tocar el Aspid
De tu planta lo bello ,
Que no engañan las flores
A quien puede apelar a los lu-
zeros.

Caçador. Salga Amor a buscarte
En apressados buelos ;
Mas ay que no te alcança
El, ó Nynfa, bolardo, ni corri-
endo.

Pas-

112 Obras de Madre Soror

Pastor. Que te figura Cupido
El lance no rezelo,
Porque en su amor, ó Nynfa,
Tiene mas de suspiro, que de
aliento.

Caçador. Adonde vas, espera,
Sin coraçon, pues tengo
Por triunfo de mis flechas
La que ca ha sido Imperio de
tu pecho.

Pastor. Es engaño, no pares,
Que tu coraçon cierto
Bolviò, Nynfa, a ser tuyo
Solo en querer dexar de ser
ageno.

Caçador. Las rosas te aprisionen,
Mas ay, que es devaneo,
Si no es que tu esquives
No tiene en tu esquives, ó
Nynfa, zelos.

Pastor. No temas los espinos
En su rigor sangrientos,
Que quien no puede al alma,
No importa, Nynfa, no que
hiera el cuerpo.

Caçador. Pues ya que tu cruedad
No cede a mas extremos,

Gu-

Cubra el Cielo sus luces,
Que ver ingratitud no quiere
el Cielo.

Tempestad pavoreza

Forme horrores funestos,
Y empeñadas las iras,
Sean los rayos el menor estruendo.

A las lluvias más lagrymas formen *O Ma-*
Mis suspiros cansados los viéros, *do ex-*
Mis rabiozas passiones los rayos, *canta*
Mis gemidos ruidozos los truenos; *com-*
Mis confuzos assombros las nubes, *trans-*
Mi affligido semblante los seños, *forma-*
Mis mortales tristezas las som-
bras, *sus*

Mi esperança perdida los riesgos.

Mis voces impacientes los silvos,
Mis lamentos sentidos los ecos,
Mis despechos crueles las furias,
Mis bramidos rabiozos los eu-
ros.

Truenos, rayos, y lluvias,
Nubes, sombras, y seños,
Ecos, vientos, y silvos;
Euros, furias, y riesgos,

H

A sus

A sus ojos formad una noche,
 Infundid un horror en su pecho,
 Componed un temblor a sus vozes,
 Arrojad a sus plantas amiyelos.

A estas vozes se embaraçaraõ as luzes,
 desatáraõ os rayos, responderaõ os ventos, e finalmente se formou huma tormenta taõ desfeita, que parecia querer o Ceo sepultar a terra nos abyssos. Era o astuto Caçador grande Mago, e valeu-se contra o desamor do encanto, quando não pode fazer o encanto do amor; perdeu a Peregrina o tino, porque perdeu a luz, e vendados seus olhos nella sombra a deixaremos até novo Capítulo.

C A P I T U L O X.

Em que vacilante a alma nas sombras do Mundo penetra o Ceo com sua orisão, e alumeadas com bum rayo de Luz em suas escuridades fabe do Bosque seguindo a Christo.

B Uscava a Peregrina do Bosque a sahida, e só topava horrores, não sentia o rayo, que a ameaçava, só sentia che-

chegar aonde morria ; lembrou-se ^{Re-}
do Olympo para o remedio , vendo-^{corre}
se só no Boique para o desengano , a al-
e fazendo memoria das misericórdia ^{ma ao}
dias de sua Divindade , quiz obrigal- ^{Ceo}
las rogando-as ; porque lhe sabia as ^{em}
condições ; levantou a voz a per-^{sua}
suadir piedades , e orou assim. ^{aflic-}
^{gaq.}

Deidad del Olympo ,
Que escuchas mis ansias ,
Attiende fiel ,
Y no pido me valgas , que Dios ^{Ome-}
Es lo mismo escuchar que valer ; ^{lbor}
Oyeme , ^{modo}
Que buscando las luces ceguè. ^{de}
A tu pecho suspiros arrojo cásados , ^{per-}
Y quedame fe ^{sua} ^{dir a}
Que a quel ayre , q̄ buela por luces , ^{Deos}
En tu pecho se llegue a entender , ^{he-o-}
Oyeme , ^{ran-}
Que buscando las luces ceguè. ^{do.}
(confusa
En las sombras opacas perdida , y
Infeliz que häre ?
Pues palpando los vagos horrores ,
Solo veo que no puedo ver.
H ii Oye-

116. *Obras da Madre Soror*

Oyeme, que buscando las luces ceguè.

Que buscando las luces ceguè.
Señor de las luces, Dueño de los rayos

Te llego a entender,

Solo un viso, que pido a tu luz,
Es un Sol, que conduce a mi bien.

Oyeme,

Que buscando las luces ceguè,
Si amor en tu pecho respira dichoso,

Su aliento me dæs, (aytés,

Que a quel fuego, que prende en los
En las sombras bien puede prender.

Oyeme,

Que buscando las luces ceguè.
De triste gemido, de tierno lamento

No hiziste desden,

Que el dolor, que no llega a sentir,
Es dolor, que no llega a temer.

Oyeme,

Que buscando las luces ceguè.
Su esfera luziente corra la cortina,

Dezembocese,

Y socorra la Estrella a la flor,
Pues retrata su gala a su fer.

Oyeme,

Que buscando las luces ceguè.
Orta vez escucha, ò Numen Divino,

Af-

Attiende otra vez ,

Y si acoges a la que no mira ,

No desdeñas a la que no ve ,

Oyeme ,

Que buscando las luces cegue .

Aqui se arrojou do mais elevado do *Pode-*
Olymbo hum rayo de luz , que des- res das
 terrou as sombras , serenou o Ceo , *Ora-*
ressuscitou o dia , mostrando à Pere- *ção.*
 grina no Bosque aquelle Pastor , que
 no primeiro caminho a desviou del- *Soc-*
 le , se bem com a mesma cautela , corre
 porque sendo-lhe guia para a sahi- *Deos*
 da do Bosque , nunca lhe deu ros- *a al-*
 to ; alvoraçada a Peregrina , e dese- *maem*
 josa de saber quem era o Pastor , já *suas*
 de duas vezes olhado , e de nenhу *escu-*
 ma visto , elle lhe respondeu ao pen- *rida-*
 famento assim . *des.*

Yo soy , Peregrina hermosa ,

Zela-

Yo soy , humana belleza ,

nos , e

El Señor de las llamas por zelos ,

ama-

y amores ,

nos ,

El Señor de las luces por solio ,

y Estrellas .

Yo soy , beldad ignorante ,

Yo soy , ó muger suspensa ,

H iii

El

El Señor de la tierra por plantas , y
flores,

El Señor de los mares por gracias ,
y perlas.

Yo soy , animada flor ,

Yo soy , vacilante Dea ,

El Señor de los vivientes por almas ,
y vidas ,

El Señor de mortales por hombres ,
y fieras .

Yo soy , querida dudosa ,

Yo soy , desterrada bella ,

El Señor de las pazes por Iris , y
rosas ,

El Señor de las lides por tiros , y
flechas .

Yo soy , ó racional Nynfa ,

Soy , Peregrina fénienta ,

El Señor de las dichas por Cielos , y
glorias ,

La Deidad del Cafir por Astros , y
Esferas .

Soy el Dios del Olymbo supremo ,

Y el Pastor del Vergel , porque se-
pas

Que soy Dios a escuzar tu dolor ,

Y soy hombre a sentir tu terneza .

Al clamor que llegado a mi oido,
El socorro tan prompto te muestra,
Que entre quexa, y remedio se duda
Si es primero el remedio, ó la quexa.

Al Olympo subieron tus voces,
Y una lluvia arrojé de su Esfera,
Que el amor, q̄ diò flecha a mi pecho,
A tus ojos no quiere dar venda.

Tras las luces al suelo me arrojo,
Duplicando sus gracias serenas,
Porque dar el remedio es poder,
Y auxiliar al remedio es fineza.
Si deseas mirar de mis ojos
La escondida ignorada belleza,
Al Vergel tu cothurno destina,
Que entre flores se muestran Estrel-
las.

As vozes do Divino Numen eleváraõ tanto a attenção da Peregrina , que correndo a ellas , naõ advertio o que pizava quando já respirava fóra do Bosque ; callou o Pastor , furtando aos olhos , e ouvidos da Peregrina sua voz , e sua pessoa , porque em callando aquella , se não vio esta ; achando-se a Peregrina naquelle caminho de asperezas , que primeiro a conduzia ao Vergel do Pastor , de quem por

H iv abre-

abreviar a saudade, começo a jornada. Se houver quem desta conte na segunda parte desta historia, descobrirá o Ver-gel no Paraíso.

A Autora não teve tempo de compor a segunda parte.



A ES

A E S P O S A
D O S
C A N T A R E S.
D O E N C , A D E A M O R .

A Dolece de amor la Esposa,
Porque fue de verdad su passion,
Que el amor quando dexa la vida,
Vida si puede ser, mas no amor.
Ansi explica sus ansias ardientes,
Ansi expreme su fino dolor,
Attencion, que se quexa, mas ay,
Que no cabe el affecto en la voz!

Febre.

Ardiente fiebre de amor,
Que toda el alma arrebatas,
Que dexas para la vida,
Si consumes toda el alma?
Ay que me abrazas,

In-

122 Obras da Madre Soror

Intenso ardor, fuego activo,
Incendio de dulces ascuas,
Si te basta una centella,
Porque avivas una llama?

Ay que me abrazas.

En ti, dulcissimo fuego,
El alma, y vida batallan,
Que no puede la que vive
Al ardor de la que ama.

Ay que me abrazas.

Aplaca, amoroso incendio,
Cesse tu violencia blanda,
Si quieres matar, yá muero,
Si quieres herir, yá matas.

Ay que me abrazas.

Yá soy ardor, yá soy fuego,
Dime, violencia tyrrana,
Que deixas para las piedras,
Si amenaças a las flamas?

Ay que me abrazas.

Toda essencia del amor

Parece fuego, que exhalas,
Si basta de amor el nombre,
Que hará del amor el alma?

Ay que me abrazas.

Ayre que ardo,

Flores que muero,

Que me abrazo agua.

Aqua

Agua que abraza el fuego,
Mas ay que el fuego no aplaca,
Porque lagrymas de amor
O son perlas, ò son brazas.
Ay que me abrazan,
Que son incendos fuertes
Lagrymas blandas.

Ayre , que muero al calor ,
Mas mis suspiros le traygan ,
No deva a vuestras piedades
Lo que he podido a mis ansias.

Ay que me abraza ,
Porque el ayre en el fuego
Sopla las llamas.

Flores , que muero de amor ,
Tened , que abrazo al tomarlas ,
Porque siempre a los incendios
Dan materia las fragrancias.

Ay que me matan ,
Que contra un pecho herido
Un jasmin basta.

Dor.

Dolor de amor ,
Si dexas la vida ,
No tienes valor.

224 *Obras da Madre Soror*

El dolor de una ardiente sayeta
Mi pecho passó,
Mas tan dulce, que diera la vida
Por el dolor.

El dolor de una flecha suave
Mi aliento robó,
Si ansi son los ahogos, no quiero
Respiracion.

El dolor de un incendio brillante
Mi pecho abrazó,
Tan suave, que ni por las luces
Diera el ardor.

El dolor de una herida amorosa
Mi afecto llevó,
Si ansi son los rigores, dexarlos
Será rigor.

Al dolor de una llaga incurable
Mi pecho gemió,
Mas yo diera por este suspiro,
Toda la voz.

Por amor de un dolor amoroso
Mi vida suffrió.

Que el amor solo puede suffrirse
Por el amor.

Si tan dulcemente matas,
Dolor de amor quando hieres,
Quiero bolver a la vida
Para bolver a la muerte.

Hie-

Hiereme , hiere ,
Porque no vive quien ,
De amor no muere .

Buelve , dolor , amatarme ,
Apura la flecha ardiente ,
Que quien ama de una vez ,
Puede morir de dòs veces .

Hiereme , hiere ,
Porque no vive quien ,
De amor no muere .

A prieta , dulce dolor ,
No afloxe tu valor fuerte ,
Porque es rigor a quien ama ,
Lo que piedad , a quien teme .

Hiereme , hiere ,
Porque no vive , quien ,
De amor no muere .

Hasta el aliento menor ,
Querido dolor , no dexes ,
Que respirar es affrenta ,
Adonde espirar es fuerte .

Hiereme , hiere ,
Porque no vive , quien ,
De amor no muere .

Ati , suave dolor
Voto la vida contente ,
Que quien ama , lo que vive ,
Vive mal , en lo que quiere . Hie-

126. *Obras de Madre Soror*

Hiereme , hiere ,
Porque no vive quien
De amor no muere.

Desmayos.

Dulce desmayo de amor,
Si aprietas un poco más ,
Podrás matar.

Podrás , podrás.

Podrás , suave deliquio ,
Toda la vida llevar ,
Porque morir es lo menos ,
Adonde amar es lo más.

Podrás , podrás.

Podrás , dulcissimo incendio ,
Toda el alma arrebatar ,
Que ardor , que al alma no llega ,
Si es mortal , no es immortal.

Podrás , podrás.

Suffocar todo el aliento ,
Podrás , dulcissimo a fan ,
Que rezervar un suspiro
Es hazer cargo de un ay.

Podrás , amorosa fuerça ,

Podrás , amorosa fuerça ,
Todo el acuerdo quitar ,

Que

Que hasta la memoria en ti
Se convierte en voluntad.

Podrás, podrás.

Podrás, querida violencia,
Todo el coraçon passar,
Que adonde un alma se hiere,
De un coraçon que se hará?
Podrás, podrás.

Podrás, dulce parassismo,
Todo el amor transformar,
Porque adonde está el amor,
Nada, sino amor está.
Podrás, podrás.

Podrás herir, podrás vencer, podrás ma-

Si eres amor, podrás, podrás.

Ay que me muero de amores,
Flores,

Ay ansias amorosas,
Rosas,

Ay amantes tributos,
Frutos,

Que desmayo de amores,
Dadme manzanas, traedme rosas

Cogedme flores,

Dulcissimo desfimiento,

Ardor de este pecho herido,

Come

Como llevas el sentido
 Si dexas el sentimiento?
 Ay que sin vida lamento!

Serranas,
 Dadme manzanas,
 Pastores,
 Cogedme flores.

Dime pues, blando homicida,
 Responde, amorosa calma,
 Si hieres solo en el alma,
 Como arriesgas el la vida?
 Ay que muero de la herida!

Serranas,
 Dadme manzanas.
 Pastores,
 Cogedme flores.

Si amor, ó dulce tormento,
 Es aliento superior,
 Quando dexas el amor,
 Como llevas el aliento?
 Ya siento amor, ya no siento.

Serranas,
 Dadme manzanas,
 Pastores,
 Cogedme flores.

Dime pues, dolor esquivo,
 Porque tu respuesta espero,

Si eres vida , como muero ,
Si eres muerte , como vivo ?
Ay que muero , y no apereibo !

Serranas ,

Dadme mançanas ,

Pastores ,

Cogedme flores .

En vòs los Zefyros

Traygan instantaneos

Con rosas coloridas

Jasmines diafanos .

Tened , que desmayo ,

De mi Amado simbolos

Rubicundo , y candido .

Corra en passo liquido

A tus pulsos languidos

De myrrha odorifera

Unguento aromatico .

Tened , que desmayo ,

Pues respira ambares

El que vierte balsamos .

Los claveles , Principes

Deste verde ambito ,

Curen salutiferos

Tus deliquios palidos .

Tened , que desmayo ,

I

Pues

Pues veo en las purpuras
A sus golpes tragicos.

A tu fas purissima,
De la luz escandalo,
Rocien aljofares
Por remedio valido.

Tened, que desmayo,
Que en sus sienes unicas
Hay tan finos àtomos.

Filomenas muzicas
Del nido de un àlamo
Respondan a tus lagrymas
Con sus dulces canticos.

Tened, que desmayo,
Que a mis quexas intimas
Son alivios fatuos.

Mosquetas, y angelicas
Sin mirar obstantulos,
Y otras plantas floridas
Te previenen thalamo.

Tened, que desmayo,
Pues por esse vinculo
Gimo en este paramo.

Rosas, mançanas, flores,
Si sois amores,

Tened, tened,
Que si desmayo de amores,

Mas

Màs amores para que?
Para que?

Myrrhas, nardos, olores,
Si sois amores,
Tened, tened,
Que, si adolesco de amores,
Màs amores para que?
Para que?

Gracias, luces, primores,
Si sois amores,
Tened, tened;
Si estoy herida de amores,
Màs amores para que?
Para que?

Campos, Vales, Pastores,
Si dais amores,
Tened, tened,
Si estoy moriendo de amores,
Màs amores para que?
Para que?

Gemidos.

Ternissimo suspiro,
Rompe por las prisiones del silencio,
Y si aliento te falta,
En esos ayres beberás alientos.

Busca mi Amado auzente,
 Y al llegar a su assiento,
 Si te deideña el ayre,
 Dile, suspiro, que te busque el fuego.

A su pecho te arroja,
 Y buelve a verme luego,
 Porque, si en mi no estoy,
 Quiero saber que estoy dentro en su pecho.

Dile, suspiro mio,
 Si te sale al encuentro,
 Porque esconde las luces,
 Quando dexa (ay rigor!) a los incendios?

Dile que peno, y lloro,
 Mas que tanto le quiero,
 Que entre extremos, y vida
 A la vida darè porlos extremos.

Dile que amor me mata,
 Mas tan fina al intento,
 Que quando muero, y amo,
 Amo, suspiro mio, en lo que muero

Dile, porque es verdad
 Que en tan seguros riesgos
 Por lo que peno solo
 Diera, suspiro mio, lo que peno.

Entre afecto, y dolor

Di que me abrazo, y quemo,

Y matarme el dolor

Es desayre, suspiro, del afecto.

Di que tanto le amo,

Que es mi ardor tan intenso,

Que, si tuviera amor más,

Me muriera al pezar de querer me-
nos.

Dile, suspiro amante,

En mi dolor severo

Que, si a su centro huye,

Pare en mi coraçón, que es su centro.

Dile que tierna llamo,

Y me responde el viento,

Pues buscando sus voces,

Encuentra (ay infelice!) con mis
ecccós.

Dile que amante clamo,

Si en este fino empeño

No alcanço una palabra

Quando, ay amor, suspiro por un
verbo.

Dile que a sus aromas

Arrojo mis alientos,

Y al buscar las fragrancias

Bebo los ayres, los olores pierdo.

Dile, aunque cerca estè,
 Que lexos le contemclo,
 Si un àtomo que a parte,
 Aunque tan cerca estè, se está tan
 lexos.

Dile que quando fina
 En mi llanto me anego,
 Le busco en estes mares
 Quando sé que se esconde en eses
 Cielos.

Di que la peña dura
 Se parte a mi lamento,
 Si las peñas se quiebran,
 A que aguarda, suspiro, di, su pecho?

Pero suspiro para,
 Recoge tus excesos,
 Que el aliento no llega
 A dó puede llegar el sentimiento.

Ay de mi, ay,
 Que sin aliento me veo
 Suspirar por suspirar!

En tu ausencia, Amado mio,
 Dura guerra en blanda paz,
 Muero en soledad, y amor,
 Si hay con amor soledad.

Ay de mi, ay,
 Que te busco en el afecto,
 Y me quedo en el afan !

Los

Los suspiros tras el Alma

Te buscan, mas viendo estan,
Quando un Alma no te obliga,
Como hade obligarte un ay?

Ay de mi, ay,

Que el suspiro puede menos,
Y el Alma no puede mas!

Escucha, que de amor muero

Quando otra muerte me das,
Si hede morir de tu auzencia,
Muera de mi enfermedad.

Ay de mi, ay,

Muero de amor, si te quedas,
Y de dolor, si te vas!

Buelve, buelve, porque acabo,
De tus piedades que haras,
Si es muerte vivir sin ti,
Morir sin ti que sera?

Ay de mi, ay,

Que flechar un pecho herido
Es crudeldad sobre crudeldad!

Ay de mi, ay,

Que sin aliento me veo
Suspirar por suspirar!

Immortal hermosura,

Que solo tu podrás,
Siendo Lilio, clavel, jasmim, rosa,
Ser immortal. Adon-

Adonde estás,

Que te suspiro, y no te puedo hal-
lar?

Deidad, y hombre tambien,

Que solo en ti veran,

Siendo hombre, siendo amante, sien-
do herido,

El ser Deidad.

Adonde estás,

Que te suspiro, y no te puedo hal-
lar?

Libertad de mi Alma,

Que solo a ti tu tendrás,

Siendo amor, siendo afecto, siendo
laço,

Ser libertad.

Adonde estás,

Que te suspiro, y no te puedo hal-
lar?

Y el aliento, que busca tus gracias,

Fenece yà.

Sede de amor.

Arded, coraçon,

Coraçon, arded,

Que por más que beba,

No aplaco la sed,

Con

Con sed de mayor calor
De amor al pecho attendi,
Y luego fuego bebi,
Porque era la fuente amor.
Tanto ardor, y tanto ardor
Pudo duplicar la sed.

Arded, coraçon,
Coraçon, arded.

Esta fuente de amor pura,
Que su Deidad acreedita,
Bien se ve que es infinita,
Pues a mi sed no se apura.
Si en su Divina dulçura
Al fuego creciò la sed.

Arded, coraçon,
Coraçon, arded.

Por mysteriozos favores
Desta fuente los raudales
A la vista son corales,
A la essencia son amores;
Si en virtud de sus árdores
Al beber creciò la sed.

Arded, coraçon,
Coraçon, arded.

Por esta fuente querida
En tan amoroña calma
Bien pudiera toda el Alma

Em-

Empeñar toda la vida;
 Si amor, que en ella convida,
 Offrece fuego a la sed.

Arded, coraçon,
 Coraçon, arded.

Esta fuente, que en derecho

A la fe de amor segura,
 No es hija de piedra dura,
 Hija fue de blando pecho.

Amor, que correr la hà hecho,
 Fuego le offrece a la sed.

Arded, coraçon,
 Coraçon, arded.

Esta pues fuente suave

Sabe amor sin más sabor,
 Mas a que sabe el amor
 Solo el mismo amor lo sabe.
 Si en su corriente no cabe
 Más de amor en tanta sed.

Arded, coraçon,
 Coraçon, arded.

Esta fuente por verdad,

Si dezais conocerla,
 No corre, no perla a perla,
 Corre piedad a piedad;
 Si su ardiente calidad
 Haze mayor vuestra sed.

Arded , coraçon ,
Coraçon , arded .

Muero , fuente , al pretenderte ,
Y tambien muero al hallarte ;
De sed muero al dezearte ,
Y de amor muero al beberse .
Si al tenerte , y al no tenerte
Muero de amor , ardo en sed .

Arded , coraçon ,
Coraçon , arded .

Sono.

A la sombra de un Dios me dormi ,
Y en tal suspension
Quien havrà , que se atreva a inquietarme
A la sombra de un Dios ?
El rumor del Amor solo escuchó ,
Mas en tal sazon
Es estruendo , que llama a quietudes
De amor el rumor .
A fragrancias de flores no sople
El ayre velòs ,
Que el amor me respira en su aliento
Fragrancias de flor .
Ni la vos Ruisenor confiente
Mi rezelo hoy ,

Oh

Oh que dulce se está quien desdeña
 Voz de Ruiñor?
 Al temor, que me dexa mi aliento,
 No respiro, no,
 Que en mi misma mis propios aientos
 Me dexan temor.
 A la sombra del Sol me dormí,
 Si amor me inclinó,
 Que he dormido bien puedo afirmar
 A la sombra del Sol.
 Silencio, silencio, aves,
 Callen vuestras voces hoy,
 Que duermo para la vida
 Despierta para el amor.
 Dexenme dormir,
 No me acuerden, no.
 Blandos Zefyros, sociego
 En vuestro aiento veloz,
 Que no es bien se atreva el ayre
 Quando le opprime el ardor.
 Dexenme dormir,
 No me acuerden, no.
 Passito, passito, afectos,
 Quedo, que advertiros voy
 Que a los silencios del Alma
 No hade osar ni el coraçon.
 Dexenme dormir,
 No me acuerden, no.

Ar.

Ardientes suspiros , passo ,
Advertid que vozes sois ,
Y si calla el pensamiento ,
Como puede osar la voz ?

Dexenme dormir ,
No me acuerden , no .

Callad , que duermo segura ,
Y aunque sin sentido estoy ,
Yo diera toda la vida
Por toda la suspension .

Dexenme dormir ,
No me acuerden , no .

Silencio , aves , silencio , fieras , filécio , ríos ,
Silécio , ayres , silécio , flores , filécio , amor ,
No gima fiera , no llore fuente , no can-
te Nynfa ,

No sople viento , no mueva hoja , no
aliente flor ,

Que de amor en los silencios
Así el silencio es rumor .

Retrato de Christo Menino.

Lobrego tiempo , mas de Sol vestido ,
Hora nocturna , mas de luz armada ,
Por objecto me offrece a una peña ,
De aspecto dura , mas de entrañas bláda .

De

De sus senos intrinsecos
 Se vomitan sin macula
 No yà las sombras lobregas ,
 Mas las luces diafanas.

Estudiendo en los claros brillantes ,
 Que a la noche las sombras espantan,
 Oygo una quexa de harmonia dulce ,
 Una ternéza de dulçura amarga.

Miro al secreto concavo ,
 Y advierto nò por fabula
 Que sus asperos intentos
 Rompen amantes lagrymas.

El tierno llanto en mis oidos quiebra ,
 Yà que a mis attenciones se adelanta ,
 Viendo una noche de esplendores vida ,
 Viendo una peña de ternezas alma .

Alli el Amor purissimo
 Era en finezas candidas
 De las lagrymas Tantalo ,
 Si de las luces Aguila .

En contrarios afectos absorto
 Miro uniendo la gloria en el ansia ,
 Que al compàs de harmonia celeste
 El llanto corre , quando el viento pàra .

Queda el coraçon tremulo ,
 Porque es de accion fantastica
 Mesclar melodias canticos
 Con doloridas lastimas .

A

A la espelunca más adentro miro,
Y porque bruta concha se repara,
Quando a mirarla voy madre de perla,
Ay amor, la miré madre de gracia!

Hospèda el seno incognito
En sus entrañas asperas
A la belleza única,
Nò a la rudeza satyra.

Miro al Amor, admiro un Niño digo,
De los Cielos idèa soberana,
Este Niño, este Amor aquí vivia,
Este Amor, este Niño aqui matava.

Quedè al mirarle extatico,
Que haze su beldad maxima
Los incendios vivificos,
Y las acciones languidas.

Retratar su belleza quiziera,
Pero yelo en la luz, tiemblo en la llama;
Quien hade darme a los colores vivos,
Quando a las sombras son las luces par-
das?

Mas si obscuros hyperboles
Nò son finezas validas,
Pintenle affectos candidos
En amorosa clausula.

Retrato.

Por el Amor pinto al Niño,

Y a justicia lo tendrán,

Que el Amor por el amor

Solo se hace debuxar.

Dame Amor para la frente

Los rayos de su Deidad,

Y cupo tanto de luz

En tan poco de crystal.

En las cejas puzo el arco,

Vibrando flechas estan

Muchos poderes de herir

En pocas fuerças de edad.

El fuego pone en los ojos,

Que nacen para abrazar,

Con todo el fuego de un Dios

Fuego de Dios que será?

Para las mexillas bellas

El Amor todo se da,

Que un Cupidito de flores

Se debuxa en cada qual.

A la boquita graciosa

Diò su purpura Real,

Esta boca es muy pequeña

Para tanta Magestad.

Su niñes puzo en las manos,

Que es niño Amor claro está,

Y estan sus manos en leche,
Si hade estar su cuerpo en pan.

Sus plantas dos flores bellas,
La flor del amor seran,
Medidas un poco menos,
Miradas un poco mas.

Su desnudez el amor

Para vestido le traz,
Porque estaba el niño solo,
Cubierto de su beldad.

Su llanto , pero su llanto

Pide otro assunto capaz,
Llanto de Dios , que Divino !
Llanto de amor , que leal !

Prante.

Sus ojos , que en dulce paz

Nos trayen contra venenos ,
Lloran perlas, quando menos ,
Y finezas, quando mas ;
Perlas , y amor al compaz
Corren en finos ardores ,
Y mesclando los primores
Son , si quereis conocerlas ,
Los amores como perlas
Y las perlas como amores.

K

Por-

146. Obras da Madre Soror

Porque las perlas , que en ello ,
Mostraron su amante tino ,
Toman al amor lo fino ,
Y dan al amor lo bello .
Echò la fineza el sello ,
En fe de tanto valor ,
Ansi hallareis en rigor ,
Yendo por milagro a verla ,
En cada amor una perla ;
Y en cada perla un amor .

Con que era el Niño constante
En este llanto amorozo
Por los amores preciozo ,
Y por las perlas amante .
Mudar pudo en un instante ,
Que es de milagros compendio ,
Quedando en este dispendio
Fatal injuria del oro
Los amores un thesoro ,
Y las perlas un incendio .

Las flores , que adolecian ,
Y de calor enfermavan ,
En las perlas se abrasavan ,
Y en los amores vivian .
Como las perlas se vian ,
Sayetas al derramarse ,
Como amores al gustarse .

Qual

Qual nectar suelen tenerse,
Ellos pudieron beberse,
Ellas pudieron amarse.

El Niño, que tierno amava,
Y sed de extremos tenía,
Lo que por su amor vertía,
Por su fineza agottava,
Y quando incendios gustava.
En lagrymas superiores,
Añelando mas ardores,
Dixo sentiendo correrlas:
Ya sois muchas para perlas,
Aun sois pocas para amores.

Este es su llanto Divino,
Mas este dolor fatal,
Ni a los crystales del llanto
Se ha podido retratar.)

A que nasce, y por quien llora
Solo me falta explicar,
Nasce a morir ; que fineza !
Llora por ti , que cruidad !

Retrato de Christo homem.

Por un valle de rosas , y de amores ,
Delicias de Amalthea primorosas ,
Adonde por contactos superiores ,

Abjurando inconstancias amorofas,
 Los amores dexaron de ser flores,
 Y las flores dexaron de ser rosas,
 Un Joven baxa de belleza , y talle,
 Que es flor del campo , si lilio del valle.

Graves los passos, movimiento ayrozo,
 Passos de Magestad, si con desbelos,
 Y el Zefyro ha bolado de embidiozo,
 Por nò mirar el ayre de los Cielos ;
 Las señas deste pues Numen hermozo
 Te doy , por soccorrer a tus anelos ,
 Entre hombres el más bello, no te assombres :

Porque el es Hombre Dios , los de más
 hombres..

Con ayre a las espaldas esparcido ,
 El hermozo cabello ensortijado ,
 La color de avellana se ha vestido ,
 Y los rayos del Sol ha desdeñado ,
 El Joven, que de amor antes herido ,
 En un solo cabello fue llagado ,
 Bien pudiera, (ay prodigio siempre bello!)
 Bien pudiera herir solo en un cabello.

Un alba de açucenas prevenida ,
 De mosquetas un dia luz elada ,
 De jasmin un Aurora florecida ,
 En su frente se ve por extremada ,

Flo-

Flores por quien la Estrella más luzida,
 Troco luces por hojas arrojadas,
 Lo que flores pedíó contra rigores,
 Sin duda se acordó de aqueñas flores.

Que el amor era fuerte qual la muerte,
 Dixo bien quien su ardor así compara,
 Pues amor de sus cejas, Divo fuerte,
 Por arcos hermosíssimos dispara,
 Guerreros Iris son, si bien se advierte,
 Blandos flecheros, si se repara,
 Mortal sois, ó dulcissima homicida,
 Que a merecer tal muerte, no hay tal vida.

Verdes los ojos graves, quando bellos,
 Esperanças de fé, porque constantes,
 Si del amor los ojos no son ellos,
 Quede ciego el amor como de antes.
 Ojos, en quien la Esposa, sus cabellos
 Aliñó para flechas penetrantes,
 Pensamientos de amor, como os alejo,
 Si os podeis alinear a tal espejo.

Candido, y rubieundo es el Amado
 En su busca dizia amor profundo,
 Ya que la fas del Joven ha mostrado
 Ser candido el Amado, y Rubicundo,
 Rosas aquien el Mundo ha señalado,
 Con sus mexillas, son coza del Mundo,
 Rosas de Jericó muy embidiosas,
 Que no son de la tierra, tales rosas. La

La bocca de dulcuras cifra cierta,
 Como dizia un alma enamorada
 Original de gracias, quando abierta,
 Retrato de Rubi, quando cerrada,
 Silencio que la voz de amor despierta,
 Voz que a la suspension llama admirada,
 Clavel, que sin segundo en sus primores
 De la myrrha primera, esparce olores.

Finos thefros son sus manos bellas,
 A las piedras preciosas figuradas,
 Hechas yà de jasmines, yà de Estrellas,
 Quando a menos sentido comparadas,
 Quan liberales son lo digan ellias,
 Manos a repartir nunca cerradas,
 Manos de autor, y lo de más es llano,
 Que nò darà el amor, que estè en su mano?

Los pies, candidas flores, si advertidos,
 Y pies de ciervo son, si contemplados,
 Ligeros si a finezas omittidos,
 Tardos quando à castigos destinados,
 Fuego veloz, si llaman sus sentidos,
 E lada flor, si irritan sus cuidados,
 Ansi quando se enoja, ansi se ama,
 Que para rayo, quando buela llama.

De texida violeta es el vestido,
 Sin la méscla admittir de otras colores,
 Y el Joven, que de flores le ha texido,
 Todo

Todo fragancias es , es todo olores ;
Los unguentos , que ha vertido ,
En el campo produzen nuevas flores ;
Tal su fragancia es , que en dulce calma ,
A sus olores corre , toda el Alma .

De aljofar coronada la cabeca ,
Que la Aurora le diò con el desvelo ,
Quando a puertas llamando la ferneza ,
Con la nieve le pagan el anelo ;
Dando amor por estraño en su entereza
A fineza de ardor , laurel de yelo ,
Dudando en sus cabellos de contino
Entre el oro , y la perla , qual es mas fino .

Este pues es el Joven es tremado ,
A quien un Alma fina andò buscando ,
Este por quien andaba su cuidado
De Judea a las Nymphas preguntando ;
Este solo el amante quando amado ,
Si ansi fuese el amado , quando amando ;
O tú , que fu belleza aqui apercibes ,
Si no mueres de amor , para que vives ?

Retrato de Christo morto.

Pinto de amor el cazo dolorido ,
Que es mirar por amor , amor herido ,
De la luz el assombro mas llorado ,

Que es ver al mismo Sol todo manchado,
 De la flor a la offensa más sentida ,
 Que es mirar la belleza escurecida ,
 Aqui tierra lamento
 Muerto Amor flor pizada ,
 Sol sangriento ,
 Lagrymas fieles ,
 Rojos claveles ,
 Rosas cruentas ,
 Flores sangrientas ,
 Luzes de urnas ,
 Sombras nocturnas ,
 Me den colores ,
 Que retrato el dolor de los dolores ;
 Pinto de un Joven la belleza herida ,
 Que compriò su fineza con su vida ,
 Pues solo en tal extremo su fineza
 Atreverse podia a su belleza .
 Un monte en su tragedia se bañava ,
 Quando con su tragedia se blandava ;
 Que a terneza provoca
 Fiero error, dura peña, firme roca.
 Muertos sentidos ,
 Roncos gemidos ,
 Tiernos clamores ,
 Finos dolores ,
 Perennes llantos ,

Maria de Cervantes

Duros quebrantos
En este assunto
Son exequias de Amor quando defunto,
El monte, que esperanças se vestia,
Ya todo de rigores se teñia
Y la crudelidad, que en rayo le ha mudado,
Por lo verde le diò lo colorado;
Dexando al Joven su passion furiosa,
Mortaja de clavel, urna de rosa;
Y alumbra a su figura
Ciega luz, triste Sol, Estrella escura.
Blandos lamentos,
Tardos alientos,
Quexas sentidas,
Vozes heridas,
Eccos cansados,
Pues que del trato,
Corran la cortina a este retrato.
Bañado en sangre, es verdad,
Dexando en tanta porfia,
Las flores con compaňia,
Las venas con soledad;
Y porque su affecto dà
Esta sangre en sus ardores,
Como en subidos favores;
La sangre de Amor bebieron;
Todas las flores crecieron,
Crecieron a ser amores.

Pur-

Purpura cubre fatal
 De su cabello el thezoro,
 Que a tantas luces de oro,
 Tanta sombra de coral.
 En este rigor mortal,
 Siendo tan claro el farol,
 Contra el hermoso arrebol,
 Mandando Amor se desangre,
 Pudo una lluvia de sangre
 Matar los rayos del Sol.

Tanta rosa deshojada,
 Tanto clavel esparcido,
 Tanto coral derretido,
 Tanta purpura arrojada.
 Hizo de su frente elada
 Un compuesto de dolor,
 Y como en este rigor
 La fineza se acrisola,
 Sola con su frente sola,
 Frente a frente vence Amor.

Las ojas despedaçava
 La crueldad , que se admirò,
 Quien a Cupido quebrò
 Los arcos , con que flechava.
 Al rigor , que mal tratava,
 Rendidas armas son hechas,
 En tempestades deshechas.

Quebrados Iris se vieron,
Si hasta los arcos hirieron,
Que perdonaran sus flechas?

Los ojos, que el Cielo assombra,
Su bellissimo arrebol,
Parecen noches de Sol,
Parecen dias de sombra;
Y como el Amor se nombra,
Luz de sus ojos sin par,
Una amorir, otra a estar,
Entre acabar, entre andar
Era el Amor a encender,
Era la muerte a pagar.

En sus mexillas, que odiofa,
Affrentò mano cruel,
Està llorando el clavel,
Los ultrajes de la rosa,
Y viendo su pompa hermosa,
Impossible a conocerse,
Ya capaz de enternecerse,
Tanto llorò, llorò tanto,
Que, siendo de sangre el llanto,
Pudo el llanto convertirse.

La bocca, en quien se ha advertido,
De las gracias un traslado,
Oy se vè clavel pizado,
Si ayer fue Rubi partido.

Amor,

126 *Obras de Madre Soror*

Amor, que de verla herido
Està, su vida atropella,
Como de la bocca bella
Pendiente su aliento mira,
Si antes por ella respira,
Aora espira por ella.

El pecho a la sin rason,
Tan passado, que sospecho,
Que por la herida del pecho,
Enseñava el coraçon;
Y como en el por rason,
El Amor aposentaba,
Quien al coraçon miraba,
Que en el pecho se attendia,
Hallo que el Amor vivia,
Quando el Joven acababa.

Atrevimientos tyrantos
Passaron sus manos bellas,
Quien nò tocò las Estrellas,
Como ha tocado sus manos?
Mas decretos soberanos
Las dexaron trespassar,
Pues tan hechas son a dar
Manos de grandeza llenas,
Que la sangre de las venas
No supieron rezervar.

Tan-

Tanto el cuerpo demudavan
Los rigores , que en el vian ,
Que las heridas creyan ,
Quando el herido dudavan .
Tanto le desfiguravan
Rigores de tal renombre ,
Que para que mas assombre ,
Alli dudava el sentido ,
Si era un hombre , como herido ,
Si una herida como hombre .

En sus pies la ardiente ira
De dos llagas abre bocca ,
Suaves a quien las toca ,
Sangrientas a quien las mira .
Su dulçura no retira ,
Tanta apparencia cruel ,
Y dixo un Alma fiel :
Oy son flores coloradas ,
Y mañana seran miel .

Ansi en el monte arrojado
Estava el Joven herido ,
Todo de rosas vestido ,
Y de espinos coronado .
Muerto , si no sepultado ,
Le hizo epitafio el dolor ,
Que en la hoja de una flor
Escreviò breve epizodio :

Aqui

Aqui mataron por odio
A quien muriò por amor.

Retrato de Christo Resuscitado.

Una Aurora de perlas dichosa,
De jasmines un Alva risueña,
De açucenas mañana suave,
Crepúsculo de aljofar, y mosquetas.

Nos descubre de un Joven la gala,
Que al Amor se parece en la seña,
Pero trae en sus manos las llagas,
Aunque trae en sus ojos las flechas.

Retratar su belleza presumo
Por la misma mañana serena,
Porque luz, que diò vista a sus gracias,
Solo sirve pincel a sus prendas.

El Sol en sus cabellos naciendo

Và con presteza,
Y daria sus luces el Sol
Por esta Estrella.

Tanta luz muerta,
Que serenan dos mares
En sus tormentas.

Los albores desta Alva nevada,

Su frente tersa,
Mas adonde su frente es el Alva,
Ella es la negra.

So-

Solo por verla,
A los mares se arrojan,
En frente desta.

Son sus ojos el dia lucido,
Porque amanesca,
Que sin luces de sus ojos el dia
La noche fuera.
Tal Sol encierran,
Que enxugar pueden llantos
De Magdalenas.

Sus mexillas las flores hermosas,
Que alli se enseñan,
Y las rosas con todas disputan
La preferencia.
Flores tan bellas,
Que las busca pizadas
Quien las viò enteras.

De la riza del Alva su bocca
Se vè compuesta,
Siendo alli de claveles el Alva,
No de açucenas.
Y aqui se encuentran,
Por este mar de gracias
El pez, y perlas.

Sus alientos los ayres suaves,
Que esta Alva estraña,
Y alli beben las flores los vientos
Por ayres della.

Flores cautela,
 Porque sopla en su aliento
 De Amor la fuerça.
 Del llanto de la Aurora, sus manos,
 Nos hazen señas,
 Que de perlas sus manos hermosas
 Parecen hechas.
 Si quereis verlas,
 Echad por esos trigos,
 Y conoecedlas.
 El Amor, que en esta Alva se mira,
 Su pecho era,
 Porque guarda en su pecho este Joven
 De Amor las flechas.
 Para más su prueba
 El que toca su pecho,
 La fe protesta.
 Desta aurora dichosa los yelos
 Sus plantas tiernas,
 E allí offrece el amor en crystales
 De coral nectar.
 A' Magdalena
 Le dize que no toque,
 Si abeber llega.
 Son su gala las luces alegres
 Desta Alva attenta,
 Y entre todas las luces, su gala
 La gala lleva;

Luz

Luz tan suprema,
Que a los ojos del sueño,
Rompe la venda.

A Samaritana.

Era la hora, en que el Fenix,
De la Esfera Celestial,
Que es cada dia milagro,
No prodigo cada edad.

El que luminozo, y raro,
De todo el Mundo ala faz
Haze gala de morir,
Viendo que no hade acabar.

El que singular, y Divo,
Renace para inmortal,
Sin mas aroma que el ambar,
Sin mas fuego que el crystal.

El que se esconde, y se muestra,
Ya inmortal, y ya mortal,
Siendo su cuna los montes,
Y siendo su esquife el mar.

La hora digo, en que el Sol
En su ardiente fiebre està,
Con el dilirio de hetir,
Sia nascer para matar.

- Quando muchos de sus rayos
 Huyendo grosseros van ,
 Porque hay hora , en que tambien,
 Se huye de la beldad.
- Quando la flor calurosa ,
 Porque se siente affrentar ,
 Pide al Zefyro suspiros ,
 Que a una flor le basta un ay.
- Quando la fria Açucena ,
 Por no llegarse a quemar ,
 Haze al incendio de un Dios ,
 Sombra de su castidad.
- Quando sonolenta el ave ,
 Aunque a despertarla van ,
 No canta de amor , porque ,
 Quien duérme no sabe amar.
- Quando sediento el Pastor ,
 Que con su ganado va ,
 Dexando el Sol por la fuente ,
 Trueca el oro por crystal.
- Quando a su sociego azido
 Convida el que tiene pan ,
 A Orfeo para dormir ,
 Y Zefyro para velar.
- Quando la Dama más pura ,
 Que el Aurora hade imbibiar
 Suda aljofar por la frente ,
 Que recoje en su cambray.

A esta hora pues camina
 Para el poço de Sicar
 Con un cantaro una joven,
 E inconstancia al barro dà.

Como Gongora diré
 Ser esta perla Oriental
 La arrecada de su aldea,
 Sinò lo es de su beldad.

Quien la encuentra, y la conoce,
 Con razon puede notar
 Que alma de cantaro lleva,
 Si alma de cantaro traye.

Coronado el cantarillo
 Todo de açucenas vâ,
 Porque en el poço compitan
 Las flores con el crystal.

Y Diana de offendida
 Quizo el cantaro quebrar,
 Viendo flores de pureza,
 Donde flores de amor hay.

Ella traye verde faya
 Con vivo color de mar,
 Y deste mar, deste campo
 La perla, y la flor ferá.
 Un jiboncillo de grana,
 Que dexa a medio abrochar;

Que no admitte la prision
 Pecho, donde hay libertad.
 Con una cinta de nacar
 Quizo el cabello apertar,
 Qual sus pensamientos libre,
 Negro qual su ceguedad;
 Un volante sobre ellos,
 Al Ayre dexa bolar,
 Que no sirve a la modestia,
 Quien sirve a la vanidad.
 Al cuello colares finos,
 Que el pecho cayendo yan,
 Si en pecho dé siete amores,
 Puede haver fino coral.
 Blanco cuero el pie le aprieta,
 Que no sabe que hade andar,
 Lo que vâ de tierra al Cielo,
 Y de Divino a mortal.
 De su traje a su hermozura,
 Aora intento passar,
 Porque al retratar la concha,
 Me llama la perla ya.
 De azavache los cabellos,
 Mas tan hermosos estan,
 Que aun hay mina, que su oro
 Por este azavache dâ.

La frente, que un Dios en frente
Luego encuentra, en el afan,
Si llegó madre de perlas,
Madre de luz bolverà.

En las cejas ya se vè
Que de ayer a hoy seran,
Si en Samaria arcos de guerra,
En Sicar arcos de paz.

Negros los ojos de quien
El Amor cautivo vâ,
Y negros que hazen esclavos,
Siendo par, no tienen par.

Hermosos, pero traviesos,
En esto duda nò hay,
Que ojos, que miran a siete,
No tienen mas gravedad.

De la nariz ya se sabe
Ser en perfeccion cabal,
Destinada a las fragrancias,
Que la primer myrrha dâ.

La bocca rubi, mas nò,
Que donde hay perlas, hay coral,
Por pequena hâ sido menos,
Si por bella hâ sido más.

Entre rosada, y trigueña,
La color graciosa estâ;

Que ni siempre la hermosura,
En blanco se hade quedar.

Las manos, que al guante ignoran,
Adrede se enseñaran,
Porque son manos tan bellas,
Que la palma han de llevar.
El cuerpo con tanto brio,
Que al ayre ha hecho parar,
Y tiene en traje de Aldea,
Gallardia de Ciudad.

Ansi al fin de su camino,
Llegò, como al de su mal,
Para Aldeana muy Nynfa,
Muy muger para Deidad.

Llega al poco, y mira en el,
Sentado sobre el boccal,
Un Numen, un Sol, un Cielo,
Poco he dicho, porque es más.
Mira un hombre, digo un Dios,
Ansi lo hede confessar,
E a no dizirlo su ser,
Lo dixerá su beldad.

Morado el grave vestido,
Y en este color darà,
Presuncion a la violeta,
Como a la rosa pezar,

Rúbio , y ayrozo el cabello ;
A la Nazarena vâ ,
Mas pensamientos de un Dios
No se pueden retratar .
Las cejas son tan hermosas ,
Cordon de la libertad ,
Que amor en cada cordon
A mil Almas puede atar .
De la frente en frente el tiempo
Canta lo que ha de llorar ,
Que ha de tener dos Coronas
De opprobrio , y de Magestad .
En los ojos unir supo
Lo verde a lo Celestial ,
Hiriendo de amor son flechas ,
Mirando de amor , piedad .
La nariz , que se suppone
Ser de perfeccion igual ,
Dezafiando lo bello ,
Ya partiendo el Sol està .
Myrrha destilan sus labios ,
Gracias esparciendo van ,
Bocca al fin , que con un ~~fat~~
Hizo Cielo , tierra , y mar .
En lo brillante , y lo bello ,
De su luminosa faz ,

Entre jasmines , y rosas

El Sol empieça a rayar.

Dos açucenas las manos,

Quien las contempla dirà,

Que todo el poder Divino

En dós flores llega a estar.

Los pies tosca alparca cubren,

Y tan velozes seran,

Que midan en siete Passos

Del amor la inmensidad.

Todo el hermozo compuesto

Es de tanta Magestad,

Que lo humano , a lo Divino ,

Sirve de poco disfraz.

Ansi que llegó Fotina ,

Agua le pide a su afan ,

Es mucho que quien la cria ,

La llegue a necessitar.

Ella con seño le mira ,

Mas luego le hade dexar ,

Que a las puertas de esse seño

El amor batiendo està.

Que le ojò con seño digo ,

Por su traje le inculcar ,

Sobre el rencor de Samaria

Las señales de Juda.

Ansi

Ansi le dize , se admira
De que pretenda llevar ,
Para la sed de Judea ,
De Samaria la piedad .

El agua le difficulta ,
Ah Fotina adonde estás ,
Que una sed de agua le niegas ,
A quien el Alma has de dar !

Y arrepentida , y amante ,
Oy mismo le offrecerás ,
Si en tu pecho todo el fuego ,
En tus ojos todo el mar .

Si supieras , Jesus dixo ,
Quien te ruega esse raudal ,
A quien el agua te pide ,
Agua havias dc rogar .

Que agua viva tengo yo ,
Siendo de tal calidad ,
Que para siempre la fed ,
De una vez llega a matar .

Dáme de essa agua responde ,
Por escuzarme el afan
De venir por el calor ,
A demandar el crystal .
Aqui Jesus le decifra ,
Desta agua el raro caudal ,

Que

Que yo dizir no sabré,
 Y el solo explicar podrá.
 Ella, que oyendo le admira,
 Tan dulce, y tan efficaz,
 Ya por Profeta le tiene,
 Que es lo que llega a alcançar.
 A sus dudas le propone,
 Que todas a la Ley van,
 Y como es Sol, a las nubes
 Pudo luego desterrar.
 De allí passa a descobrirle,
 Sus tratos, y liviandad,
 Y ya le sospecha un Dios,
 Pues mira más que un mortal.
 Ser el Messias le dice,
 Al instante le cree tal,
 Y en un instante hazer supo
 Fe para una eternidad.
 Ardiente fayeta amor,
 Vá quitando del Carcáz,
 Y apunta un tiro de fuego
 Aun pecho de pedernal.
 Con que aquí passó Fotina,
 Tal es del amor la edad,
 Muchos siglos de querer,
 En pocas horas de amar.

Je-

Jesús con dulce sociego

A Fotina en blanda fragua,

Quanto le ha pedido en agua,

Ya le va pagando en fuego.

Con que por esta agua luego,

Le dà fineza , y ardor ,

Y trueca tan superior

Excede , si hay conocerla ,

Lo que vā de agua a perla

Lo que vā de sede a amor.

Alli mudada , y capaz ,

A muchos dexò por uno ,

Porque es amor de ninguno ,

A quel , que es amor de más.

Luego con fuerça effiaz

Siente el amor verdadero ,

Antes solo lizongero ,

Entre tantos dividido ,

Que en un coraçon partido ,

No cabe un amor entero.

Agua fria iba a buscar ,

Quando agua viva encontrò ,

Con que la culpa mató ,

Si la sed iba a matar.

De alli no intenta passar ,

Y el Cielo le haze festin ,

Y tan inflamada al fin

En

En su amor se llega a ver,
 Que al poço llegó muger,
 Y salió del Serafin.

Ansi Fotina quedó,
 Y Jesùs quizo llevar,
 Entre tantas maravillas
 Este milagro de más.

Despedíò-se á la estacion,
 Menos luminosa ya,
 En que el Topazio del Cielo
 En plata se iba a engastar.

Si quien ama se despide,
 Que quando amor sabe atar,
 Aunque el cuerpo se separe,
 El coraçon no sé vâ.

A dar del Messias náevas
 Diò la buelta a su Ciudad,
 Adonde entrò perla fina,
 Saliendo impuro crystal.

Hizole acclamar de muchos,
 Y ella con los demás
 Buelve a verle, y adorárle,
 Que en amor quietud nô hay.
 Hasta que corriendo el tiempo,
 Que nunca parado está,
 Diò por su Amante la vida,
 Que es lo más , que pudo dar.

Este

Este el decantado cazo,
Que eterna memoria dà,
En el poço de Jacob
A la Raquel de Sicar.

Un peregrino en calor,
De Fotina agua queria,
Y quanto en agua pedia,
Yba pagando en amor.
Prende en Fotina el ardor,
Deviendo el fuego a ja fed,
Tan abrazada se vè,
Por más que en llanto desagua,
Que dixo mirando al agua:
Arded, coraçon, arded.

V I L H A N C I C O para a Circuncisaõ,

A Y que dolor,
Llorando Maria,
Herido el Amor.
Piedras partidas,
Almas heridas,
Ayes quebrados,
Eccos cansados,
Finos tormentos,

Du-

Duros lamentos.

Todo rigor,

Llorando María,

Herido el Amor.

En los braços de su Madre

Herido el Amor se vió,

Y las heridas de uno

Ya son penales de dós.

De la que siente al que suffre,

Ventaja el dolor llevó,

Que a las heridas del Alma,

Ceden las del coraçon.

Partido el dolor está,

Mas entero te foffrió,

Que ni para la fineza,

Admitte la distincion.

Blando llanto a duro golpe,

Para remedio corrío,

Pero como hade curar

Las heridas el dolor?

Cessen perlas, y rubies;

Mas nó pueden cessar, nó,

Que quien Hora es la fineza,

Y quien suffre es el Amor.

Ay que dolor,

Llorando María,

Herido el Amor.

Piedras partidas, &c.

Ay que dolor,

Que no se ama el Mundo

El Amor!

Ay que cuidado,

Que en la tierra el Amor,

Nó es amado!

Ay que gemido,

Que del Alma el Amor!

Nó es querido!

Ay el Amor no es amado,

Porque en tanta estimacion,

Llega a resistir un Alma,

Toda la fuerça de un Dios!

Ay que sois piedras los hombres,

Mas ay, que piedras nó sois,

Que donde una piedra arde,

Se reziste un coraçon!

Ay que son nieve las Almas,

Mas nó son de nieve; nó,

Que estas rezisten al fuego,

Y aquella se rinde al Sol!

Ay que la vanidad lleva

Todo el afecto veloz,

Y dan los hombres al ayre,

Lo que niegan al Amor!

Ay

Ay que Amor está solo,
 Porque el Mundo le dexó,
 Y siendo el Amor tan uno,
 No ay para seguirle dós !

Ay que dolor,
 Que no se ama en el Mundo,
 El Amor !

Mundo ingrato, Alma, dura,
 Rinde-te al Amor,
 Que a su valor,
 El bronze se apura,
 La Estrella se piza,
 La flor se eterniza,
 La peña se hende,
 La nieve se encende,
 Se yela el ardor,
 Rinde-te al Amor.

Aunque seas de nieve, y de fuego,
 De Estrella, de peña, de bronce, de flor,

Rinde-te,
 Y si quieres rendirte,
 Mira-le,

Rinde-te a tu cabello,
 Porque no es bien,
 Que, siendo de Amor laço,
 Sin preza esté,
 Rinde-te,

Y si quieres rendirte,
Mira-le.

A su frente te rinde,
Y advierte que,
Por mas que huyas te quedas,
En frente del.

Rinde-te,

Y si quieres rendirte,
Mira-le.

En sus cejas te hiere,
Que en tal poder
De sus cejas sus arcos,
Hizo esta vez.

Rinde-te,

Y si quieres rendirte,
Mira-le.

A sus ojos te entrega,
Que en tanta fe,
Podrà ser que en sus ojos
Por niña estés.

Rinde-te,

Y si quieres rendirte,
Mira-le.

Rinde-te, a sus mexillas,
Porque tambien
Sin espinas la rosa
Puede prender.

M

Rin-

Rinde-te,
Y si quieres rendirte,
Mira-le.

A su bocca te rinde,
Deuda fiel,
Porque a su aliento deves,
Todo tu ser.

Rinde-te,
Y si quieres rendirte,
Mira-le.

Coraçon, de que es tanto infociego?
Fuego.

Que te assusta entre tanto desmayo?
Rayo.

Que te mata en fortuna dehecha?
Flecha.

Ya sabido se está tu dolor,
Fuego, rayo, saeta es amor.

Que rezelas, que alientas tan tardo?
Dardo.

Que te alcança entre tanto retiro?
Tiro.

Que te duele, que nada te hallaga?
Llaga.

Entendido se está tu penar,
Dardo, tiro, herida es amar.

Coraçon que a gemir te condena?
Pena.

Que te anega en un mar de quebranto?
Llanto.

Que te explica, que oirte no hay?
Ay.

Entendido se está tu temer,
Pena, llanto, suspiro, es querer.

Que appetecen tus penas forçosas?
Rosas.

Que dez eas en tantos dolores?
Flores.

Que quizieras en tiernos tributos?
Frutos.

Ya sabido se está tu dolor,
Que flor, rosa, mançana, es amor.

Frutos, rosas, flores,
Ays, llanto, pena,

Lлага, dardo, tiro,
Que ferá, que ferá coraçon?

Es amor, es amor, es amor.
Y si no es amor,

Y si no es querer,
Yo no sé lo que puede ser.

Un coraçon, que abrazado,
Al fuego de amor se vé,

Y muere de muchas veces,

Porque quizo de una vez,
Que hade ser, que hade ser?
Arder, arder.

Que harà, si de amor herido
En tan ardiente querer,
Si ayre pide, el ay es fuego,
Si agua pide, el llanto es sed,
Que hade ser, que hade ser?

Arder, arder.

Si la herida es penetrante,
Y tan penetrante, que,
Por la herida el mismo amor,
Si nó se cura, se vé,
Que hade ser, que hade ser?

Arder, arder.

Que hade hacer, si muere, y vive,
Que en uno, y otro bayben,
Quando muere como amante,
Resfuscita como fe,
Que hade ser, que hade ser?

Arder, arder.

Coraçon, que en las llamas se abraza,

Que hade hazer?

Morir, penar, arder.

Que harà, que harà?

Morir, arder, penar.

Que hade hazer?

Morir, penar, arder.

AO

AO SANTISSIMO SACRAMENTO.

Fineza de amor oy sale,
 A infinita tu grandeza,
 Pues que vales, ó fineza,
 Esso mismo, que Dios vale.
 Tu cantidad sobresale,
 A nò caber en progressos,
 El mayor de los successos,
 Como hade explicar la voz,
 Sabe, ó excesso de Dios,
 Que eres Dios de los excessos.

Poder, y amor un gran banquete hizieron
 Para el hombre, de entre ambos còbidado,
 Y quando el mismo Cielo suspendieron,
 Que al supremo combite fue llamado,
 A un bocado no más le resumieron,
 Mas oh valor inmenso del bocado!
 Oh grandeza fatal al Mundo assombre,
 Que el mismo Dios bocado fue del hòbre!

Christo no Horto.

Fina sangre, que en virtud,
 Correr de tu ro rigor;
 Pareces dolor de amot,
 Y quexa de ingratitude.

M ill

Ya

Ya sé que nó paras tu,
 Entre flores inferiores,
 Tus raudales superiores,
 Passan a mayores palmas,
 Que quien corre por las Almas,
 No descansa entre las flores.

Prizaõ de Christo.

Dezidme adonde os llevais,
 Armada gente en rigor,
 Si está prezo por amor,
 Quien por odio aprender vais?
 Tan à prissa caminais,
 Para al Juiz le entregar.
 Hombre que me hazes temblar,
 Tu temeridad notando,
 Mira que el que estas juzgando,
 Es el que te hade juzgar.

A bofetada.

Mano, que contra Dios te levantaste,
 Mano, que contra el Cielo te atrebiste,
 Para mano con alma, mucho erraste,
 Para mano sin alma, mucho heriste,
 De la esfera del Sol horror baxaste,

Si

Si a la esfera del Sol rayo subiste,
 Sabe, ò mano cruel, porque te assombre,
 Que hieres rostro de Dios, con mano de
 hombre.
 O' golpe cuya crudelade,
 Al mismo Cielo pasmò;
 Si eres mucha injuria a un hombre,
 Que injuria fuiste a tin' Dios!

A Christo no tribunal de Herodes,

No habla, aunque se le offerece,
 Porque Christo en esta junta,
 No responde a quien pregunta,
 Mas responde a quien merece.

Aos açoites:

Tu nó te sientes, nó, ó piedra dura,
 Por eso lo que tocas, nó has sentido,
 Pero mi coraçon mas duro ha fido,
 Pues sentirlo, sintiendo, no procura:
 Essa sangre, que amor de amante pura,
 Corriendo por tu ser endurecido,
 Tu dureza ablandar no ha perteridido,
 Mi coraçon labrar solo procura;
 Ah coraçon labrare al instante,
 Que es sangre de cordero, y tu diamante,
 Ecce

Ecce Homo.

Eis el hombre; cruel pueblo tirano,
 Contra quien tu rigor no has suspendido
 Tan herido a la fuerça de tu mano,
 Que una herida parece a nō un herido.
 Passadó de dolor tan inhumano,
 Desnudo, desangrado, escarnecido,
 Si es Dios, como te atrebes a offenderte?
 Si es hombre, q mas quieres, q ansi verle?

Corona de espinbos.

Esta Corona, a que inclinas,
 Sñor, tus sienes hermosas,
 Para el amor fue de rosas,
 Para el odio fue de espinas,
 Y en finezas tan Divinas,
 En Corona tan punsante,
 Que estimas mas es constante,
 Por guardar de amor la ley,
 Que la que tienes por Rey,
 La que tienes por amante.

Esas sienes hermosas,
 Que con tratos indignos,
 Qy coronas de espinos,

Oy

Oy salpicaes de rosas,
 Digna Grinalda dellas,
 No fuera el Sol, la Luna, y las Estrellas.

A lavar as mãos Pilatos.

Mal juez à tu impiedad,
 Essa acción nó la defragoa,
 Para que buscas el agua,
 Si desprecias la verdad?

*Ao encontro da Senhora na rua da
 amargurá.*

Bien os pudiera escuzar,
 Ay, ojos tanto quebranto,
 El raudal de vuestro llanto,
 Pues os pudiera cegar.
 Mas si dolor de matar,
 Hizo nó mortal la herida,
 Uno, y otro es homicida,
 Más tirano en tal conquista,
 El llanto por dexar vista,
 El dolor por dexar vida.

Ave

A Verónica.

Para las tintas, el Cielo todo es pizado,
 Para las cores, amor todo es ferido,
 Para las sombras, el Sol se ha eclipsado,
 Para las luces, la fe se ha prevenido,
 Para el lienço, el afecto se ha fiado,
 Para el pincel, a la gloria se ha subido
 Para el custo, retrato ya me assusto,
 Todo un Dios se vendió, só para el custo.

A Cruz.

O' Leño Sacro, o' Cruz incompetida,
 O' dulce planta vitorioza palma,
 Quien te pudiera introducir por Alma,
 Ya que te puede merecer por vida.

A Christo na Cruz.

El cuerpo todo en purpura bañado,
 El aliento a la angustia suspendido,
 El pecho a los deliquios todo clado,
 El coraçon de amor todo acendido,
 Coraçon, pecho, cuerpo desangrado,
 Pecho, coraçon, cuerpo todo herido,
 Así Christo en la Cruz, amargo dia,
 Bien amava, ay dolor, y mal vivia.

De

De carmin las madexas coronadas,
El semblante dē nacares teñido,
Las manos de claveles ocupadas,
El pecho dē corales guarnecido,
Las plantas de rubies salpiçadas,
Todo el cuerpo de purpura vestido,
Ansi Christo en la Cruz, ay Dios, estava,
Porque todo en su sangre se bañava.

A Lança,

Aguardá tu tyrannia,
Lança errada a toda luz,
Pues vas herir a Jesus,
Y das el golpe en Maria.
Grande tu cruidad seria,
En el lance, que apercibo,
Quando en dolor tan esquivo,
Fuese tu rigor incierto,
Por herir un cuerpo muerto,
Passando un coraçon vivo.

Mas ya sé que en tanta calma,
Intenta tu tyrannia,
Hallar el Alma en Maria,
Por ser deste cuerpo el Alma.
Tu cruidad lleva la palma,
Si a mi dolor no se esconde.

Pon

Por más que rompas adonde,
 El sentimiento se olvida,
 Que de esse cuerpo la herida,
 Aquella Alma corresponde.

Nunca tu rigor se olvida,
 Si hazer fabe tu rigor,
 De una herida sin dolor,
 Un dolor, que es como herida.
 En la occazion offrecida,
 De atormentar no cansada,
 Que fuioste tu quando alcada,
 Ya mi sientimiento alcança,
 A quien te recibe lança
 A quien te mira lançada.

Que importa que tu rigor,
 O' lança en tanto despecho,
 Nó duela em mí muerto pecho,
 Si duele en mí vivo amor.
 Por esto en esto dolor,
 Cruel la razón te Hama,
 Quando la piedad infama,
 De tu rigor tierhamente,
 Pues de donde nó se siente,
 Vas adonde bien se ama.

Alientas tú sin razones,
 Porque tu rigor desangre,
 Un cuerpo ébni poca sangre,
 Pero con dos corações.

Mas

Mas si a la crueldad te impones,
Quando la crueldad profieres,
Advierte, porque nó erres,
En esse golpe, que tratas,
Que hieres onde nó matas,
Y matas onde nó hieres.

Passa ayrado tu furor,
Sin reparar advertido,
Que contra un pecho rendido,
Eres sobrado rigor.
Y de tu dureza amor
Se quexa con fentimiento,
Mas ya sé que en esse intento,
Dás de tu poder indicio,
Pues que sobre un sacrificio,
Hiziste un Sacramento.

El furor inimigo,
Que mi dolor repara,
Pára pára.

O' Lança, si te obligo,
Pues hiere tu despecho,
Hombre Dios, vivo amor, defunto
pecho,

Y nó es capaz de herida,
Vivo amor, muerto pecho, immortal
vida.

A Chrif-

A Christo morto.

O' tranze , cuyo dolor
 A todo dolor excede ,
 Yo nó sé como ser puede ,
 Explicarse tu rigor .
 Y solo pudo el amor ,
 Que uno , y otro pecho heria ,
 Dizirlo ; mas nó haria ,
 Que solo dixerá tanto ,
 El mar de sangre , y de llanto ,
 De Jesus , y de Maria .

A vida à vossa morte tan unida ,
 Quero Senhor en vinculo tan forte ,
 Que pela morte só respire a vida ,
 Ja que foy minha vida vossa morte ,
 Tan reciproca sim , y extremecida ,
 Tan vinculada pois , y de tal sorte ,
 Que vossa dor , Senhor , en fina calma ,
 Fique na minha vida , por minha Alma .

En ninguna accion te he visto ,
 Muerte cruel tan impia ,
 Como en dexar a Maria ,
 Quando te atreyes a Christo .

Si esta piedra de lagrymas transumpto ,
 Te muestra el mismo amor , como enser-
 rado

Nó te assustes al verle sepultado,
Que amor es inmortal, aunque defunto..

Soledade de N. Senhora.

En tiernas soledades dividido,
Un coraçon amante firmemente,
Los lexos de la vista enternecido,
Fia de la memoria tiernamente;
A las piedras obliga su gemido,
Que la misma dureza se desmente,
Con alma lo sintieron coza es cierta,
Que a unica soledad, no ay piedra muerta.

La vida se llevava dividida,
Porque la media vida le quedava;
Mas mal digo, dexó toda la vida,
Que la mitad del Alma nó llevava:
Llevó por alma amor en despedida,
Quando el Alma al amor se la dexava,
Mas todo le diré tiernas verdades,
En dizir que llevava saudades.

Coraçon de dolor llevar nó ignora,
Y coraçon de amor dexar ordena,
Por voluntad se dexa en lo que adora,
Por fineza se lleva en lo que pena,
En dexarse al affecto se atezora,
En llevarse a la magoa se condena,

En-

Entre amor, y dolor nō hade haver quexa,
Pues se parte a sentir, y amor se dexa.

El coraçon pues dexa sepultado,
Que asegura su amor finezas tantas,
Y la piedra le dixo en tierno estado,
Ah coraçon, y como te quebrantas,
Si me miras unido, y separado,
Responda el coraçon, de que te espantas,
Mas q̄ piedra a fer buelves, piedra siento,
Pues de sentir estás, sin sentimiento.

Lo que apezados passos apartava,
A tiernos sentimientos bien ouvia;
Porque con la memoria vinculava,
Lo que con la violencia dividia.
Cerca por voluntad en lo que amava
Lexos por sin razon en lo que huia,
Mas tanto dexa aqui tierno quebranto
Como se hade apartar, si dexa tanto.

Con los ojos bolvia al monumento,
A quien manda suspiros por despojos,
Mas el amor aqui por mas tormento,
Con liga de crystal venda los ojos,
La tierna amante en tanto sentimiento,
Espejo quizo hazer de sus enojos,
Mas no lo pudo hazer, q̄ en tal conquista
Mas de llanto dexó, menos de vista.

Ter-

Ternissimos suspiros dedicava,
Quando cansados ayes reprimia,
Por ver lo que queria suspirava,
Suspirando no ver lo que queria,
La vida en los alientos embiava,
Adonde toda el Alma le assistia,
Y dizia suspensa en triste calma
Que se vaya la vida, tras el Alma.

La tierra con dos mares va regando,
Y como de amor llora padeciendo,
Entre fuego, entre agua està dudando,
Si se abraza, ó se anega no sabiendo,
El incendio por agua va notando,
El llanto por el fuego va advirtiendo,
Y tanto llanto daván sus pezares,
Que quien por tierra fue, bolviò por mares.

Resurreição.

Con el Sol, con la Aurora, y el Alba,
Madrugava a salir del Sepulcro,
El Señor.

Y a su vista por noche quedavan,
La luz del Aurora, la riza del Alva,

Los rayos del Sol.

Eslos finco Rubins hermozos,
Que ayer dolor fueron, y bý son resplendor,
A rigores del odio se lavran,
A finezas se guardan del amor.

Apparecimento do Senhor à Magdalena.

Hortelano enamorado,
 Que en la soledad del huerto,
 A quien te buscava muerto,
 Te muestras ressuscitado.
 Que bien tu amante cuidado,
 Ha dado al amor assumpto,
 De uno, y otro aplauzo junto,
 Al dulce favor altivo,
 Pues pagas con un bien vivo,
 Despues de un bien defunto.

A nossa Senhora.

Eres Estrella? nó, que más brillante,
 Eres Rosa? menos, que más florida,
 Eres diamante? nó, que más constante,
 Eres Sol? pero nó, que más luzida,
 Eres Flor? esso nó, que más fragante,
 Eres Cielo? mas nó, que más subida,
 Eres Perla? nó, tibio capricho,
 Eres Maria? sí, todo lo he dicho.
 Si de la tierra las hermosas flores,
 Y del mar las arenas inconstantes,
 Los atomos del ayre boladores,

Del

Del Cielo las Estrellas rutilantes,
Si hizieran lenguas para tus loores,
Aun nó pudieran fer lenguas bastantes,
Como pues hade ozar sola la mia,
Hablar en tus loores , ò Maria?

As lagrymas de David.

Mudando amante cuidado,
Llora David su dolor ,
Anegado de un ardor ,
Y de otro ardor ya negado.
En el affecto passado ,
Y en el prezente querer ,
Tal su llanto vino a ser ,
O' gran valor del llorar ,
Que uno amor pudo anegar ,
Y otro amor pudo incender.

Ao cego, que pedio vista a Christo.

Supplicava vista un ciego ,
Al amor , que era Jesus ,
Si el ciego tuviera luz ,
Al amor pidiera fuego .
Viendo el amor su infociego ,
En el rigor padecido ,

Por su ser compadecido,
 Le dio vista, gran favor,
 En que sanó por amor,
 Quando enfermó por Cupido.

Una piedra que fria se llorava,
 Porque el rayo de amor appetecia,
 Piedra siendo al despegó, que la elevava,
 Alma siendo al dolor, que la partia,
 Mirando que al amor vista rogava,
 Enfermo, que a la sombra solo via,
 Anciozo le gritó, dos veces ciego,
 Para que pides luz, àonde ay fuego?

A N. P. S. Francisco.

De amor ao felicissimo reclamo ,
 Entreguei o vivente sentimiento ,
 Que resoluto sim pelo que amo ,
 O que respiro dei , dou o que alento ,
 Por Alma me ficou , assim a chamo ,
 Transformado no amor o seu tormento ,
 Com que posso dizer com Paulo divo ,
 O amor vive em mim , eu ja naõ vivo .

Acende más q a Cedros incumbrados ;
 Que a las mismas Estrellas llevantadas ,
 Más que a todos los hombres acendrados ,
 Más que a las perfecciones elevadas ,

Más

Màs alla de los divos illustrados,
Màs que a las mismas gracias sublimadas,
Entre los Serafines , y Querubes,
Tente Francisco , mira, aonde subes.

Los que este sayal vestis,
Ponderad bien su valor ,
Pues que con el pudo un hombre ,
Equivocarse con un Dios.

V I L H A N C I C O. à Magdalena.

Todo el mar en las perlas, que vierte,
Todo el campo al olor, que derrama,
Todo el Sol en cabellos, que enjuja ,
Todo el ayre en suspiros, que exala ,
Es mucho ,
Es nada ,

Quando Maria offrece ,
Y quando Christo paga .

Aquellos puros lúzeros ,
Que desde su Cielo baxan ,
A ser Estrellas corrientes ,
No siendo Estrellas erradas .

Que son ?

Son lagrymas ,

N iii

Don-

Donde Maria arde,

Donde Christo se baña.

Aquellas perlas vertidas,

Que por flores despeñadas,

Quando se miran ser perlas,

Quando se piensan son ascuas.

Que son?

Son lagrymas,

Para Christo delicias,

Para Maria ancias.

Aquellos puros Jasmines,

Que el llanto, que declaran,

Mirando-se como flores,

Se precian de constancias.

Que son?

Son lagrymas,

Que entonces mas se logran,

Quando mas se derraman.

Aquellas lindas Auroras,

Que en aljofar dezatadas,

En hilo de oro aprisionan

El Aljofar, que derraman,

Que son?

Son lagrymas,

Si para Christo perlas,

A Maria triaca.

Todo el mar en las perlas que vierte, &c.

SIG-

Alma de Maria, alma de Maria,
Alma de Maria, alma de Maria,
Alma de Maria, alma de Maria,
Alma de Maria, alma de Maria.

SIGNIFICACÕES DAS Flores moralizadas.

Rosa graça.

A Bela Rosa Emperatriz das flores,
Mimo do Roxinol, do Cravo amores,
Aqui por graça passa,
E já em fér formosa estava graça,
Porém em outra allude,
Porque tambem he graça em ter virtude,
Que he suave receita,
Feita em rozado em perolas desfeita,
E a virtude graça superior,
Siquis divina he do Deos de amor,
Com quem as outras graças,
Quando apparecem luz, fogem fumaças.

Cravo estimação.

He o Cravo prezado,
Do campo Adonis, Princepe do prado,
N iv Da

Da Dama em dita summa,
 Joya do peito, da cabeça pluma,
 A mais nobre das flores,
 Se vermelho rubi, matiz se en cores;
 Mas com pouca demora,
 Se a ave o canta, logo a fonte o chora,
 Emblema da ventura, que se nega,
 Porque he Crayo, que murcha, e que não
 préga,
 Sendo a mais exaltada,
 Se antes flor bella, logo flor pizada.

Jasmin perigo.

O Jasmin he perigo, aqui se veja,
 Mas que flor haverá, que o não seja?
 He bello na candura,
 E tem muito perigo a formosura;
 He flor muy delicada,
 Circunstancia, que a faz mais arriscada,
 Prezumido de Estrella o notaráo,
 E tambem tem perigo a prezunçāo.
 O' tu Jasmin com alma,
 Que a vida passas nesta tibia calma,
 Tem cuidado contigo,
 Porque tudo na vida he hum perigo.

Acto

Açucena pureza.

Dos campos a Diana,
A candida Açucena soberana,
Taõ pura lhe compete,
Que na terra a do Ceo, invejas mete,
E do Sol no ardor,
Se teme neve, quando nasce flor,
A pureza em tal fé,
He o crystal aonde Deos se vê,
Porém taõ delicada como admiro,
Que se vê empoada em hum suspiro,
Sê tu como o Arminho em tal sahida,
Que só por não mancharse perde a vida.

Violas recato.

A Viola he recato,
Que deixa perceberse pelo olfato,
Nas folhas escondida,
He só pela fragancia conhecida,
Dando liçaõ à Dama,
Que só se deixa ver na boa fama,
Aos cantares se atreve especiosa,
Dizendo negra sou, porém formosa,
He de muita virtude,

Tam-

Tambem à Alma santa nisto allude,
Dando a todos exemplo esta flor pura,
De recato , virtude , e fermosura.

Mosqueta cuidado.

He cuidado a Mosqueta branca flor,
Porque o cuidado faz perder a cor ,
Com espinhos defende seus arminhos ,
E já em ter cuidados tinha espinhos ;
Tem entranhas de ouro ,
E que mayor cuidado que hum thesouro ,
Mas a maõ do que a olha ,
Alli logo lhe rouba o ouro , e folha ;
Assim he o thesouro do avarento ,
Que a morte lhe arrebata em hum mo-
mento ,
E de cuidar naõ trata ,
Que he maior o que a culpa lhe arrebata .

Caxia inveja.

A Caxia invejosa
Compete nos espinhos com a Rosa ,
Logo que assim me informa ,
Com a Perpetua no tamanho , e forma ,
Na arvore exaltada ,

Se

Se poz como a Mosqueta levantada,
E nesta emulação,
Retrata dos mortaes a condição,
O dano da inyeja,
Pois que no Ceo se vio, no Ceo se veja,
Adonde, que me assombra,
O que subio luzeiro, cahio sombra.

Lagacaõ verdade.

He flor entre os espinhos offendida,
Porque sempre a verdade he perseguida,
Lá nos campos o achaõ retirado,
Que a verdade naõ anda em povoado;
Suas flores de Flora saõ argueiros,
Assim as contas daõ os verdadeiros;
Em cada folha o coraçaõ descobre
O que he leal o coraçaõ naõ cobre,
Em fresco, e secco dá fragancia summa,
Porq a verdade em todo o tempo he huma,
O virtude Divina,
Duas vezes no Mundo peregrina.

Goivo thesouro.

He o Goivo thesouro,
Que em sua cor parece feito de ouro,
E pa-

E para que o creas,
 Como este metal anda em cadeas,
 Em seu ser o naõ erra,
 Porque he filho do Sol, e mais da terra;
 Os thesouros mayores,
 Tambem desapparecem como flores,
 Por serem bens da terra limitada,
 Que hoje saõ muito, e à manhã saõ nada;
 Naõ assim os do Ceo, que em tal demora,
 A Eternidade tem em huma Aurora.

Perpetua Constancia.

He a Perpetua digna de louvor,
 Pois soube ser perpetua, sendo flor.
 Inveja a Rosa sua condiçao,
 Que não tem a belleza duraçao,
 E a flor da fermosura,
 A de mais galla, he de menos dura.
 Sendo como a Perpetua a dama fina,
 Diamante no valor, no ser bonita;
 Que sustenta brilhante,
 Em sexo fragil, coraçao constante,
 Qual nos mostraraõ tantas Virgens bellas,
 Se perpetuas do Ceo, da terra Estrellas.

Nar-

Narcizo gentileza.

Tem o Narcizo tanta gentileza,
 Que na fonte o rendeo sua belleza,
 E hoje, porque o conte,
 Ha Narcizo do espelho , e naõ da fonte ,
 Homem, que sem conselho ,
 Como dama te alinhas ao espelho ,
 Olha bem que só toca neste espaço ,
 O crystal à mulher, a ti o aço ,
 Abraça o que te he proprio ,
 Que ser homem , e flor está improprio ,
 Se es bello procede de tal arte ,
 Que quem te vê Narcizo , te olhe Marte.

Junquilho soberba.

Junquilho hum Sol pequeno se affigura ,
 E sempre foy soberba a formosura ,
 Se às flores se avezinha ,
 Naõ dobra o junco nem à flor Rainha ,
 Naõ se inclina ao Cravo Rey por ley ,
 Que o soberbo naõ tem roque, nem Rey ,
 Sempre sóbe direito às luzes bellas
 Porque quer conversar com as Estrellas
 Porém ao murcharse vê com dor ,

Que

Que he só huma flor, como outra flor,
 Para o soberbo o dezengano tomem,
 Que ao fim hum homem he como outro
 homem.

Jacinto sentimento.

Foy Jacinto hum menino superior,
 A quem Apollo converteo em flor,
 E já na sua esfera,
 Quando menino foy, tambem flor era,
 Saye vestido de azul, e se prezume,
 Que o tingio Apollo em seu ciume,
 Já sinto, diz a flor, mostra tormento,
 E he de perder o ser seu sentimento,
 O' vòs flores com alma,
 Senti perder o ser em triste calma,
 Porque o ser perde em miscravel fruto
 Todo o que homem nasce, e vive bruto.

Papoila prezunçao.

A Papoila formosa,
 Das boninas da campo he a rosa,
 E nesta imitaçao,
 As outras lhe chamáraõ prezunçao,
 Pòrem à Rosa allude,

Que

Que senão he no ser, he na virtude,
 Refrigera o affogo,
 Que tem alma de neve em cor de fogo,
 He flor galena em fim,
 E das receitas faz o seu jardim,
 Porém da Rosa aqui muito mais preza,
 Imitar a virtude, que a belleza.

Campainhas voz.

A' Campainha aqui dou nome tal,
 Porque retrata em si a de metal,
 Sinos, e campainhas, como ouvimos,
 São vozes, a que todos acudimos,
 E como bem se crê,
 Na Missa, e na Igreja he voz de fé,
 No campanario, quando chama aos seus,
 Ao Divino louvor, he voz de Deos,
 Mas em diversos modos,
 Quando as horas dá, he voz de todos,
 E em melhor relogio não ignoras,
 Que Deos te está chamando a todas horas.

Esporas velocidade.

Pelo nome a Espora persuade,
 Que signifique aqui velocidade,

Mas

Mas com pouco primor,
 O Aço duro na mimosa flor ;
 E passando aos usos superiores ,
 Deixa tu as do aço , e as de flores ,
 Pica tua Alma para que se mude ,
 A correr os caminhos da virtude ,
 Donde rasgado o veo ,
 Chegue apressada desde a terra ao Ceo ,
 Que as ligeirezas, que no Mundo vemos ,
 Voos sem azas saõ velas sem remos.

Flor Adonis vingança.

Flor Adonis he branca , e desmayada ,
 Na vingança de Marte desangrada ,
 Nesta purpura deo às Rosas cor ,
 Hum Adonis deixando em cada flor ,
 Ficando (medo nos ciumes cobres)
 As flores ricas, quando as veas pobres ,
 Era Adonis ; porém callo fiel ,
 Por naõ manchar com Venus o papel ;
 Mas só direy, que o que quizer ventura ,
 Fuja de Venus na belleza impura ,
 Ame no Ceo donde a Alma aspira ,
 Ou do Marte Divino tema a ira .

Suf-

Suspiros Ar.

Os Suspiros no ar haõ de ficar,
Que suspiros da terra saõ só ar,
Os que vaõ ao Ceo em doce affogo,
Quando começaõ ar, acabaõ fogo;
Saõ pois estas boninas,
A taõ grande elemento pequeninas,
Varias em cor se vem em seus retiros,
Que diversas paixões tem em suspiros;
As que vestem de azul, em melhor lume,
Deixemo-las no Ceo, naõ no ciame,
Voem os corações, que se bem olhas,
Verás que corações saõ suas folhas.

Novelos embrulhadas

Os novelos, ou geldes embrulhadas
Porém em simplez flor naõ ha meadas,
E o que taõ branco for,
Fiado de cambray he pela cor,
Livre-nos Deos de enredos,
Que atè na dobradoura causaõ medos,
Donde se ha embarago,
Por naõ querer soffrello corta o aço;
Sem laços, nem enredos caminhamos,

O

Por-

Obras da Madre Soror

Porque à razaõ o fio naõ cortemos,
Passos torcidos naõ , q̄ ainda que estreito,
O caminho do Ceo he muy direito.

Flor triste ingrata.

Da flor triste se trata,
E já he triste flor em ser ingrata,
Foge do Sol a quem deveo o ser,
Ingrata , e ignorante vem a ser,
Porque ignorante he, se bem se apura,
O que os olhos fecham à formosura,
Naõ abres ao Sol ingrata flor,
Assim a alma cerra o peccador,
Por mais que Deos o chama ,
Clama em dezerto, porque a penhas ama,
Naõ ouvem, porque são surdas,
Nem podem responder, porq̄ estão mudas.

Mal-mequeres desconfiança.

O Mal-mequer desconfiança val ,
Porque esta logo diz, querem-me mal ,
De amor humano he,
Que naõ ha confiança em pouca fé ,
He fé de idolatria ,
Que inféis forma, quando amantes erâ ,
E o

É o Ídolo que implora,
Hoje derruba, quando hontem adora,
Sendo da criatura o amor tal,
Que nelle vem a acharse o querer mal,
E por certo se tem,
Acharse só em Deos o querer bem.

Madre Sylva desdem de Freira.

Desdens de Freiras asperos arminhos,
Para o Ceo flores saõ, se ao Mundo espi-
nhos,
Quando mais desdenhosas,
Cercadas de esquivanças ficaõ Rosas;
Estas pois Madres Sylvas,
Catholicas Dianas, flores vivas,
Saõ de Deos os amores,
Cuidado; naõ olheiſ para estas flores,
Temey o forte lume,
Que he ciume de Deos sobre ciume,
Para os quaes sem desmayo,
Se hum homem tem punhal, hum Deus,
tem rayo.

Flor de martirios paixaõ.

Paixaõ humana he do homem indigna,
Que à alma racional tira a Divina;
O ii Pois

Pois antes de creada,
 Jà no mente de Deos se vio formada,
 Naõ hade ter o homem Superior,
 Nem a paixaõ do odio, nem do amor,
 Senaõ aquella digo em breve exordio,
 Que abraçou o amor, e fez o odio.
 Quando em hũ monte em flores desigual,
 Se achou o bem-mequer, e o querer mal,
 Busca tu entre as flores,
 Cravos de sangue sim, chágas de amores.

Angelica saudade.

Saudade na Angelica se encerra,
 Saudade do Ceo, e naõ da terra,
 Que seu nome negára,
 Se Angelica da terra se lembrára;
 Em tudo lembrá ao Ceo sua doçura,
 Em nome, em cor, fragancia formosura,
 O' suave memoria,
 Saudade da gloria,
 Adonde enternecidá,
 A vida morre por sahir da vida,
 Mas trocarse podia com verdade,
 Só pelo Ceo do Ceo a saudade.

Girasol oraçao.

O fino Girasol de Febo amores,
Gigante do jardim, Agua das flores,
O que na mesma hora,
Enxuga ao Sol lagrymas da Aurora,
Quando segue feliz,
O coche de Topazio, e Rubiz,
Por emblema da alma o notaraõ,
Que segue o Sol Divino em oraçao,
E em tarefa ditosa,
Amante busca, quando amante goza,
Porque he a oraçao a chave do ouro,
Que do peito de Deos abre o thesouro.

Lyrio memoria.

O Lyrio para gloria,
De outro Lyrio melhor he a memoria,
Quando diz do Impyrio,
A flor dos campos sou, do valle Lyrio,
Invenções do amor,
Que retrata a hum Deos em huma flor.
E tu se em doce trato,
Estimas essa flor pelo retrato,
Estima de tua alma a dignidade,

Q iv

Que

Que a semelhança tem da Divindade ;
 Flor de tal condiçāo ,
 Que tem do mesmo Deos a duraçāo .

Amor perfeito amor de Deos.

Amor de Deos se explica nesta flor ,
 Porque o de Deos he só perfeito amor ,
 Do outro o tibio lume ,
 O apaga a mudança , ou o ciúme .
 He mentira de fogo ,
 Relampago veloz , que passa logo ,
 Mas ha occasião ,
 Em que arrebenta o rayo no trovaõ ,
 Só o amor Divino he sem defeito ,
 E por isso se diz amor perfeito ,
 Amor de Deos , e basta para a fé .
 Que em ser amor de Deos diz o que he .

Margarita perolas.

A Margarita perolas indica ,
 Perém só em o nome as significa ,
 Mayor nome naõ tome ,
 Quem no seu ser desmente ao nome ,
 E he pouco pondunor ,
 Perola se dizer , quem vive flor ,

Sé

Sê tu em tuas obras preciozo,
Logo terás o titulo lustrozo,
Naõ rezistas, e acode,
A quem o melhor nome darte pôde,
Que he perigo, e naõ medra,
Ter em vida de flor, alma de pedra.

Chagas cruidade.

Chagas saõ cruidade de mão dura,
Mas se forem de amor seraõ doçura;
As do campo saõ destas arremedo,
Mas como flores saõ naõ metem medo.
Sobem nas trepadeiras de alta rama,
Que o aggravo inda em flor ac Ceo clama.
As dores bem soffridas,
Rosas chegaõ a ser, e naõ feridas,
Que em graças superiores,
O que hontem chagas saõ, hoje saõ flores.
E ainda percebi,
Trocarse huma ferida em hum Rubi.

Reynunculo patarata.

Muita folha ao Reynunculo se olha,
Que tem a patarata muita folha,
Sem cheiro de virtude.

E tambem, nisto à patarata allude,
 E eu já reparey por derradeiro,
 Singeleza naõ ter sendo Estrangeiro,
 Mas he que em tanto mal,
 As raizes deitou em Portugal.

E tu à Portuguez,
 Pois tua alma ao crystal igual se fez,
 Naõ sejas qual Reynunculo dobrado,
 Ou toma sua cor por afrontado.

Tulipa invençao.

A Tulipa entre as suas a primeira,
 Allude à invençao por estrangeira;
 Quando estes sem fer justo,
 Nos vendem invenções a muito custo.
 Na Tulipa o conheço,
 Porque flor, q naõ cheira, naõ tem preço;
 A dama aqui me chama,
 Que huma flor he o mesmo q huma dama;
 E esta por mais bella, que se creya,
 Senaõ cheira a virtude, fica feya.
 Leve pois na fragancia que respira,
 Do Templo incenso, naõ da flor mentira.

Gies-

Giesta dezesperação.

Significa a Giesta pela cor,
Dezesperado Mayo nesta flor,
Em a causa naõ cayo,
Porque já nos Jasmims teve hum desmayo.
Mas alcançó subtil,
Saõ ciumes de Flora com Abril,
Que dezespere embora a flor sem alma,
Mas o que a alma tem, por mayor palma.
Se tudo lhe levar hum golpe agudo,
Olhe que tem a Deos, e nelle tudo,
Naõ dezespere pois em tal bonança,
Quem tem a todo hum Deos por esperança.





SIGNIFICACOES DAS
Frutas moralizadas em estyle

Linda flagello.

Romã Imperio.

A Romã he Imperio,
E não o significa sem mysterio,
Pois para todos abre seu thesouro,
Repartindo Rubins em caixa de ouro,
Que hum Rey em altos modos,
Naõ nasceo para si, mas para todos;
Esta fruta excellente,
O triste alegra, sara ao doente,
Refresca o calorozo,
A nenhum dá pezar, a todos gozo,
E a Coroa merece em tal concordia,
Quem para todos he misericordia.

Morangos disvelta.
O Morango he disvello,
Queló em madrugar põe seu anhelo, E

E ainda que poco cresce,
 He a primeira fruta, que apparece,
 Nasce de humilde planta ,
 E com a primazia se levanta,
 Vence quem no descanço não atura ,
 Que he máy a diligencia da ventura ,
 O preguiçozo quando em fello erra ,
 He huma tetra inutil para a terra ;
 E nem para o Ceo he trato de alcorça ,
 Porque o Reyno do Ceo padece força .

Amoras amores.

Amoras saõ amores ,
 E amores firmes , que não mostraõ flores ,
 Ouvi o seu reclamo ,
 Porque logo em nascendo dizem amo ,
 Sempre derramaõ sangue em branda lida ,
 Porque não há amores sem ferida ,
 Causaõ melancolia com doçura ,
 Que amor nos gostos o pezar mistura ,
 Só no do Ceo amor sem descaminhos ,
 Se acha mel sem ferraõ , flor sem espinhos ,
 Sol sem eclypses , Lua sem mingoante ,
 Dia sem noite , Estrella sem errante .

O
Gin

Ginjas saude.

He a Ginja-saude,
 Porque para os enfermos tem virtude;
 He gorda, e corada,
 Por isso na saude figurada,
 He a doente; e sao regalo pleno,
 Manná das frutas, mimó de Galeno,
 Para curas ~~the~~ buscaõ os caroços,
 Porque dos bons se estimaõ ate os ossos,
 E destes na virtude que produz,
 Se adora a cinza, quando acaba a luz,
 Que o virtuozo para mayor gloria,
 Jaz no sepulcro, e vive na memoria.

Cerejas innocencia.

A menina cereja he tão mimosa,
 Que sem chorar faz bicos graciosa,
 He na innocencia aqui significada,
 Por fruta dos meninos mais amada,
 Vela-heis das meninas nas orelhas,
 De Rubins arrecadas por vermelhas;
 Logo em apparecendo,
 Nas innocentes mãos as vaõ metendo,
 O' candida innocencia,

Com

Com quem quer a malicia competencia,
Sendo da vida no vital caminho,
A huma a Rosa, à outra o espinho.

Figos doçura.

He o Figo doçura,
E na gentileza se se apura,
A Mercurio dos Deoses Enviado,
Por seu doce eleger, foy dedicado;
Saõ brandos, e suaves,
E por taes perseguidos pelas aves;
Em diverso sentido,
Quando o bom naõ ha sido perseguido,
Sendo ainda que injustos,
Os trabalhos, as perolas dos justos,
Margaritas, que o Mundo, que as fomenta,
Na dureza da concha lhe apprezenta.

Damascos mentira.

O Damasco he mentira,
Sedas promette, quando cascas tira,
Logo em sahindo do pomar ameno,
Se vay fingindo pecego pequeno,
Reimozo da virtude se retira,
Porque naõ ha virtude com mentira,
Por

Obras da Madre Soror

Por indigesto o tire,
Que o que mente, só fabulas digire,
Mas com tudo regala ao goftallo,
Que muitos na mentira tem regallo,
O' verdade fiel candida , e pura ,
Que ainda quando amargas, tens docura?

Melancias caridade.

As Melancias caridade saõ ,
Que vem matar a sede no Veraõ ,
E sem mais beberete ,
A ricos, e a pobres dá sorvete ,
Na boca do febrente o ardor cura ,
Que liquido crystal contra a secatura
Quando lhe põe final he huma Cruz ,
Aonde a caridade sempre luz ,
O' obras generosas ,
As das quatorze pedras preciosas ,
Quem vos naõ usa tem em tal desmedra ,
Em corpo racional , alma de pedra .

Melaõ sabedoria.

He o grave Melaõ sabedoria ,
Pelas letras que cria ,
He doce , se se apura ,
Que naõ ha ser diferento sem docura ;

Mas

Mas eu o hey ponderado,
Que mais sabio se está por ser callado.
O que sabe callar em hum banquete,
Assegura valor, fiz promette,
Aonde a gula, e vinho se dezata,
Arta prudencia tem quem a voz ata.
Mal falla quem diz sempre com o louco,
E sempre falla bem, quem falla pouco.

Uvas alegria.

Uvas saõ alegria,
Gostado seu licor sem demazia,
Que de outta sorte em tanto maleficio,
Quem virtude buscar achará vicio,
Quando em taõ vil intento,
Pelo vinho trocar o entendimento.
Tambem alegra a Uva ponderada,
No alto fim para que foy creada,
O tu que a desfrutas,
Bem lhe podes chamar Deosa das frutas,
E em sentido não vago,
Contempla hum Deos de amor em cada
bago,

Maçã discordia.

A Maçã he discordia acontecendo,
O que hum jardim, e hum monte estaõ
yendo,

E o

224 Obras da Madre Soror

E o mostraõ de improviso ,
Pariz no Ida , Adaõ no Paraíso ,
E outro motivo o faz ,
Que adonde ha chocalheiros, naõ ha paz ,
Culpa que nella achada ,
Faz huma lingoa o mesmo q huma espada ,
Quando Deos que a desterra ,
Para darnos a paz desceo à terra ,
E alli com a gloria a traz profundo ,
Porque achou ser a paz gloria do Mundo .

Amendoas esperanças.

He a Amendoa esperança em seu reverde ,
Põe muito em madurar , e nasce verde ,
Com o primeiro ser que flores lança ,
Se fica largo tempo em esperança ,
O que a gosta , com tres cascas lida ,
Tanto custaõ as posses desta vida :
Logo perde a blandura ,
Que esperança da terra sempre he dura ,
E taõ vans que Platão lhe tem chamado ,
Sonhos de hum acordado ,
Só a do Ceo o ser segura alcança ,
Adonde he Deos a posse da esperança .

Fris

Frutas novas mocidade.

As Frutas novas dizem mocidade,
 Porque todos saõ novos nessa idade,
 Logo desapparecem,
 E nisso à mocidade se parecem,
 Porque a muitos succede cada hora,
 Antes de ver o Sol ficar na Aurora,
 E alli no melhor,
 Ficar o tronco quando cahe a flor,
 E em breve passa tempo,
 Se lhe perdoa a morte naõ o tempo,
 Naõ faças caso de taõ leve folha,
 Que he flor, q ou se murcha, ou se desfolha,

Peras Ira.

Pyrum, ou Pera he fogo, o fogo Ira,
 Que isto de ser amor soa a mentira,
 Porque em mayor affogo,
 Vista com o amor he neve o fogo,
 A' Pera fogo diz titulo tal,
 Porque ambos fórmâ tem piramidal,
 Seu nome em grego de quem mençao fiz,
 Se derivou de Pir, que fogo diz,
 Porém cá nesta esfera,
 Livra-te tu da Ira, e naõ da Pera,

P

Que

Que he sadia ; e a Ira fulminante.
Dará a morte a mil em hum instante.

Pecego guerra.

He o Pecego guerra sem engano ,
Pois fórmā tem de coraçāo humano ,
Os Persas nos escudos mais prezados ,
Os davaō por diviza aos mil Soldados .
Seu caroço diz Lidas ,
Que nasce todo cheyo de feridas ,
O quē sangue derrama he mais illustre ,
Que he Soldado sem sangue , aço sem lustre ,
Tu coraçāo humano , que assim cresces ,
E na fórmā ao Pecego pareces ,
Sabe q̄ ainda triunfante em outra gloria ,
Só vencendo-te a ti terás vitoria .

Ameixas inconstancia.

A inconstancia na Ameixa bem se alcança ,
Porque dizer amey suppõe mudança ,
He palavra sem fé ,
Que diz amor , que foy , e naō que he ;
Huma florinha a cobre , com que fica ,
Porque a flor inconstancia significa ,
Sempre andaō mudadas ,
Velas-heis já presentes , já passadas ,

Po-

Porém virtude tem,
Porque em moças, e em velhas fazem bem,
E se pôde passar à variedade,
A quem sustenta firme a caridade,

Marmelo união.

O Marmelo união aqui se toma,
Porque as entranhas tem cheas de goma,
E a goma se se apura,
O dividido une com brandura,
Nos doces sua massa conhecida,
Entre todas se vê a mais unida,
Tem cheiro, tem sabor, dezenfastia,
Porque a união muitos bens cria,
Que he nobre, e superior,
Por ser filha da paz, e do amor,
Amor de Deos aonde a paz se encerra,
Porque a ser de outro amor, seria guerra.

Sorvas conversão.

As Sorvas conversão,
Porque amargas primeiro, e duras saão,
Assim do peccador a alma impura,
Antes de convertida amarga, e dura:
Da árvore mudadas
Brandas se vaõ fazendo, e regaladas,

Do homem o coraçāo , se pedra era ,
 Quando se muda se converte em cera ,
 O' alta converſāo de Deos segredo ,
 Diamante, que se acha em hum penedo ,
 E tal valor encerra ,
 Que excede aos que Estrellas saõ da terra.

Laranja formosura.

A Laranja he belleza , e o segura ,
 Quem vê de hum Laranjal a formosura ,
 Vem cercadas de espinhos como as Rosas ,
 Que sempre saõ esquivas a formosas .
 Em tudo a formosura dá tributo ,
 He bella em flor , em folha , em ser , em fruto ,
 Parece de ouro , e mente ,
 Que a belleza da terra he apparente ,
 E por esta terreste hireis à China ,
 Quando hum passo naõ daes pela Divina ,
 O' quantas vezes erra ,
 Quem conhecendo o Ceo , namora a terra .

Limaō vontade.

He vontade o Limaō ,
 Que este nome lhe dá atradiçāo ,
 O ser contra a peçonha se ha notado ,
 Como Barreira diz no seu tratado ,
Por-

Porque a boa vontade quando a sonha,
 Logo armada se vê contra a peçonha,
 Todo o anno na arvore se está,
 Que quem dá com vontade sempre dá.
 Seja exemplo o de Deos, e sem estudo,
 Que a si mesmo se deo para dar tudo,
 Que o verdadeiro amor , e até o louco,
 Quando tudo, não dá , sempre dá pouco.

Lima nobreza.

A Lima diz nobreza , e he sabido ,
 Que a muitos nobres deo o appellido ;
 Entre as frutas de espinho a mais prezada ,
 Que sempre a fidalguia he estimada .
 Seu gosto a agro , e doce reduzio ,
 E Fidalgo sem agros quem o vio ?
 Nenhum della se queixa por sadia ,
 Esta he a verdadeira fidalguia ,
 Fazer a todos bem , com gosto igual ,
 Porque harto villaõ he o que faz mal ,
 E o grande o superior ,
 Quando affaga o pequeno , está mayor .

Toranja esquivança.

He Toranja esquivança ,
 Por isso muito pouca a que se alcança ,
 P iii. For-

Fôrmosa entre os espinhos se segura,
 Que a esquivança he guarda à formosura,
 Poucas vezes se vê pura, e altiva,
 Porque naõ apparece a que he esquiva.
 Assim as damas sejaõ,
 Pouco se deixem ver, e pouco vejaõ,
 Pois saõ perolas vivas,
 Que em sahindo da concha vaõ cativas,
 Na esquivança ficaõ mais brilhantes,
 Que ornadas de esmeraldas, e diamantes.

Cidra ciume.

He ciumes a Cidra,
 E indo á dizer ciumes disse Hidra,
 Que o ciume he serpente,
 Que espedaça seu louco padecente,
 Dalhe hum cento de amor o appellido,
 Que o ciume he amor, mas mal soffrido;
 Vê-se cheyà de espinhos, e amarella,
 Que piques, e disvellos vaõ por ella,
 Jà do forno no lume,
 Sidrach foy zello, senaõ foy ciume,
 Troquem pois os amantes, e haja poucos,
 Pelo zello de Deos, ciumes loucos.

Avelans leviandade

Leviandade Avelans,
 Não direy dellas podres dellas sans,
 Sua arvore ligeira como o vento,
 Toda vem ao primeiro moyimento,
 Muitas não tem miolo como a cana,
 Que nuaca tem miolo a que he leviana.
 Tem gosto, e não tem pezo,
 Que este he da loucura o contrapezo,
 Do sizo faça a dama a sua palma,
 Ou ficará por Avelã com alma,
 Dé bom cheiro de fama esclarecida,
 Para que assim pareça flor com vida.

Medronho retiro

O Medronho he retiro bem cuidado,
 Que está sempre no mato retirado,
 Adonde vive certo,
 Coral dos Faunos, braza do Dezerto,
 E quando dahi sahe que se não veda,
 Juntamente regalla, e embebeda,
 O que o Ermo deixar sem exercicio,
 Quando virtude vay, ficará vicio,
 Porque a solidaõ he relicario,
 Que guarda o solitario,

Se a deixar sem causas superiores,
Murcharáo as virtudes com as flores.

Tamaras Doutrina.

A Tamara na palma diz doutrina,
Porque direita á terra não se inclina.
Que a palmeira a impulsos superiores,
Por buscar as Estrellas, deixa as flores,
E do Mundo na guerra,
Quem quer subir ao Céo despreza a terra,
Mas ay do que não mede por grosseiro,
O que vay de huma flor a hum luzeiro,
E na escolha agreste,
Olha o verde com queixa do Celeste,
Quando em toda a campina,
Hum dezengano he cada bonina.

Bolotas gostos da vida.

Da vida os gostos nas Bolotas vaõ,
Que humas amargas, outras doces saõ,
Destas immundos brutos se sustentaõ,
A quem os peccadores reprezentaõ,
Outra a todos convida,
Mas sempre em dura casca vay metida,
E às vezes nesta posse,
A amarga gosta o que busca a doce;

Gof-

Gosto da vida que nunca he fiel,
 Nelle encontra azibar quem busca mel,
 E em perigos mayores,
 Aspides piza, passeando flores.

Peros firmeza.

Nos Peros a firmeza se assegura,
 Porque entre as frutas he a que mais dura,
 São tezos, e constantes,
 Melhor que para fruta, que para amantes;
 Menos o Verdeal taõ frio logo,
 Que se ao fogo chega apaga o fogo,
 Assim os tibios são,
 Que daõ a Deos as brazas em carvaõ,
 E aonde quer affectos por perfume,
 Encontra a cinza, quando busca o lume,
 Não assim o que ama,
 Que só com hú alento accende a chamma.

Nesperas espéras.

Nas Nesperas espéras estou vendo,
 E ellas no seu nome o vaõ dizendo,
 E toda a fruta espéra vem a ser,
 Que tempo espéra para amadurecer,
 As arvores espéraõ pelo fruto,
 Que em tâto pomo de ouro lhe he tributo.

As flores pela Aurora,
 Que se primeiro as ri, depois as chora,
 O homem pelos bens que não alcança,
 Em azas verdes voão na esperança,
 Mas pois he creature de outra esfera,
 Senão he pelo Ceo, que he o que espéra?

Camarinhas humildade.

As Camarinhas saõ, pelo retrato,
 As perolas do mato,
 Mas com tal humildade,
 Que nas do mar não buscaõ igualdade,
 Antes logo em sahindo das mantilhas,
 Dizem humildes ser das Urzes filhas,
 Poucas vezes se offerece,
 Confessar o que he quem mais parece,
 Que em tempo semelhante,
 O que nem he crystal, diz q̄ he diamante,
 Só o humilde só,
 Ainda que seja ouro, se diz pó.

Murtinhos dor.

Dizem q̄ a murtta he dor, seu fruto, e folha,
 Esta dor não encontra quem a olha,
 Pois he em tal tributo,
 Linda em flor, fresca em rama, doce em
 fruto,

Os antigos no mais festivo dia,
A levavaõ nas mãos por alegria,
Com que fica esta dor naõ conhecida,
Na Murteira escondida,
Que a que naõ dezaffoga exterior,
He de todas as dores a mayor;
E só se Deos a olha em caso tal,
Acaba bem, quando começa mal.

Tremoços chocalhisse.

Tremoços chocalhisse naõ me espanta,
Que em nascendo chocalhaõ sobre a plâta,
Naõ furtão por ligeiros,
Que sempre leves saõ os chocalheiros,
Por pouco preço os compra a golodice,
Porque anda muy barata à chocalhisse,
Porém aqui repara,
Que tambem houve vez que custou cara,
Teu segredo em teu peito esteja quedo,
Que se o passas de ti naõ he segredo,
Sansão quando o rompeo te persuade,
Sem olhos, sem valor, sem liberdade.

Azeitonas Paz.

As Azeitonas pazes significaõ,
E já desde o Diluvio as prognosticaõ,
Quan-

Quando sua Oliveira nunca agreste,
 Em ramo verde trouxe paz celeste,
 Depois que em tanto affogo,
 Brotou castigo de agua, ira de fogo,
 Tanto crystal subio sobre a flor bella,
 Que ficou por peanha da Estrella,
 Tu que o estrago vés, que a culpa faz,
 Poem-te com Deos em paz,
 Porque quem do seu Iris louco zomba,
 O Diluvio terá sem ver a Pomba.

Castanhas restauração.

Restauraçāo em as Castanhas figo,
 Assim Barreira o diz, eu naō o digo,
 Sua arvore cortada se repara,
 Que huma mata produz só de huma vara,
 Com que nesta extençāo,
 Se lhe deve chamar restauração,
 He forte o Castanheiro a toda a sorte,
 Que sempre o que restaura hade ser forte,
 Naō só o que na terra leva a palma,
 Mas quem restaura a alma,
 Que hade constante ter sem embaração,
 Com coraçāo de cera, peito de aço.

Nos

Noz Virtude.

Pela Noz a virtude aqui se entende,
O seu nome a defende,
Porque a virtude he nô, que naõ dezata,
Quando o homem a Deos por amor ata,
Mais unido que o Gordio decantado,
Que senaõ foy desfeito, foy cortado;
Dura, e aspera a Noz, quando se avista,
Assim a penitencia logo vista,
Porém ao gostar seus frutos sós,
He suave, e saboroza como a Noz,
Rompey sua carranca,
Que entre espinhos tambem a flor se arranca.

Junfa pobreza.

A Junfa naõ se preza,
Em cor, em ser, em preço diz pobreza,
Entre todas as frutas desprezada,
Porque nunca a pobreza he estimada,
Só huma pelle a cobre,
Tem muy poucos vestidos o q̄ he pobre,
Nunca em mesa se assenta,
Mal faz quem ao pobre naõ sustenta,
Mais misero se está,
Ainda que o que pede, o que naõ dá, E

E à mayor compaixaõ nos persuade,
Que a pobreza da forte a da vontade.

Pinbões descanço.

O Pinheiro diz morte, pois cortado,
Naõ torna, nem o homem que ha passado:
Descanço saõ seus frutos, como alcanço,
Porque o fruto da morte he o descanço,
Que na gloria escondida,
Começa a vida, quando acaba a vida,
Mas já purificada,
Como a Pinha ao fogo preparada,
Cujo incendio vibrante,
Primeiro a faz Rubim, depois diamante,
E se morte he caminho para a forte,
Pódes temer a culpa, e naõ a morte.



SIG

ଶ୍ରୀମତୀ ପାତ୍ନୀ କଣ୍ଠରୀଜୀ ପାତ୍ନୀ କଣ୍ଠରୀଜୀ ପାତ୍ନୀ କଣ୍ଠରୀଜୀ
ଶ୍ରୀମତୀ ପାତ୍ନୀ କଣ୍ଠରୀଜୀ ପାତ୍ନୀ କଣ୍ଠରୀଜୀ ପାତ୍ନୀ କଣ୍ଠରୀଜୀ

SIGNIFICAC, ÕES DAS Ervas aromaticas moralizadas.

Mangerona prazer.

A Mangerona com fragancias bellas,
Convida o ar a perfumarse nellas,
Dá prazer o seu trato,
Que manda ao coraçao pelo olfato,
Por isso o significa,
Mas quem prazer no Mundo solicita,
Hade achallo enganozo,
Que acaba pranto, se começa gozo,
He flor, que se desfolha,
E flor, que naõ dá fruto, senaõ folha,
Q' prazeres do Ceo puras verdades,
Solidos bens, queridas saudades.

Salva salvação.

A Salva peregrina
He salvação, seu nome no lo ensina,
Nem

240. *Obras da Madre Soror*

Nem bella, nem viçoza se afigura,
Que o vicio vive mais na formosura,
He Abelha, que fere no melhor,
A' planta deixa, e só pica a flor.
Tem a salva poderes,
Para fazer fecundas as estereis,
E quem haver mais almas facilita,
Nome de salvaçāo se lhe permitta,
Que a salvaçāo em gloriofas palmas,
O seu unico emprego saõ as Almas.

Mangericaō igualdade.

He do Mangericaō,
A igualdade toda a perfeiçāo,
A maõ que o tosquia lha procura,
E tambem sua esferica figura,
O mesmo nos offerece,
Igual ao Sol, e à tempestade cresce,
Sua pompa fragante,
Quem estiver no mal, e bem constante,
Crescerá nas virtudes felizmente,
Ceo sem nublados, agua sem enchente,
O' paz serena, verdadeiro sizo,
Que faz de hum coraçāo hum Paraíso.

Ale-

Alecrim ciume.

Dizem do Alecrim gregos Autores,
 Que foy hum Jovem, q̄ morreu de amores,
 Foy esta mutaçāo maravilhosa,
 Hum rayo ardente de paixaõ ciosa;
 Amor, que assim encanta,
 Matou o homem, e deo vida á planta,
 He activo, e fogozo,
 Que saõ condições proprias de hum cioso;
 Brotā em flores azuis os seus queixumes,
 A esse foraõ Ceos, e naõ ciumes,
 Trocando o coraçāo, que tal encerra,
 Pelo zelo do Ceo, zelos da terra.

Alfazema Baptizado.

De donde entra a Alfazema com cuidado,
 A poucos dias sahe o baptizado,
 Por isso se lhe applica,
 Este nome, que graça significa,
 He escudo mil vezes da faude,
 Tal he sua virtude,
 Seus grāos em odoriferos ardores,
 Exhalao fumos, que respiraõ flores,
 Taes as fraganeias saõ de quem enlaça,
 As virtudes na graça,

Q

O que

O que virtudes tem, ter graça estude,
Que he luz sem Sol, sem graça huma vir-
tude.

Ervâ Cidreira alivio.

Serve a Ervâ Cidreira nos conffitos,
De corações afflitos,
Hora em perolas seja destillada,
Ou já em esmeraldas applicada,
Triaga preciosa sempre fica,
Que alivio significa,
He suave, e amena,
Ciume à flor, amor à Filomena,
Tomou da Cidra o nome, e condições,
E appellido fez destes brazões,
Que tanto lustre tem,
Porque a mayor nobreza he fazer bem.

Murta dor.

A Murta com lavores graciozos,
Faz caza às flores nos Jardins formozos,
A dor nelka figuraõ,
Pela que tem do pouço que lhe duraõ,
Tambem humas filhas tão mimosas,
Que gastão mais melindres do q' as Rosas,
E este de muitas mais he o engano,
O que quer ser carinho ficar dano,

Quan-

Quando fora melhor,
 Ficar em beneficio o que he rigor,
 O' cegueira de amior sempre vendado,
 De Deos desviaõ, o que Deos lhe ha dado.

Tomilho prezunçao.

O Tomilho he louzaõ,
 Exorifo naõ ha sem prezunçao,
 Em campo horta , jardim hade achársse,
 Que hum prezumido a todos quer mortar se,
 Lá entra nas cozinhas viciozo ,
 Sempre hum affeminado foy golozo ,
 Veste modas de plumas superiores ,
 Ave das Ervas, que enamora as flores ,
 Mais deve a Deos o q mais prendas tem ,
 E deve só olhar donde lhe vem ,
 Para trocar assim o prezumido ,
 O ser louco , por ser agradecido.

Rosmaninho pranto.

O Rosmaninho he pranto ,
 Que orna as Igrejas no mayor quebranto ,
 As flores roxas, que no mato cria ,
 Antipodas fab de alegria ,

Q ii

Tem

Obras da Madre Soror

244 Tem a folha mais secca do que amena,
Que a hum triste o desfigura a sua pena,
Assiste na função mais dolorosa,
Adonde atè a pedra está chorosa,
E quando as pedras daõ este tributo,
O' vivente que alli se mostra enxuto,
Tua dureza, ò homem te dezalma,
Pedra pareces, quando a pedra alma.

Erva Limaõ vontade tibia.

O Limaõ seus espinhos solicita,
Contra huma Erva, que seu nome imita,
Que o nobre sempre teve por disgraça,
Encontrar em hum humilde a sua graça,
Como que a natureza,
Só poderá dar dotes à nobreza,
Esta Erva por pura lealdade,
Quiz tambem do Limaõ ter a vontade,
Mas foy vontade tibia, e imperfeita,
Porque era contrafeita;
Esta vontade pois ao Mundo demos,
E a mais nobre, para Deos guardemos.

Celidonia roubo.

A Celidonia furta à camoeza,
A fragancia, direy, naõ a belleza ,

Poc

Por isso he roubo o seu significado,
 De que murmura o prado;
 He pouco conhecida,
 Que huma ladra escondida,
 Faz melhor dos seus lances a traiçao,
 A cara encolhe, quando estende a maõ,
 He rasteira da terra,
 Mais longe está do Ceo o que mais erra,
 O vicio, o de furtar, baixo, e cobarde,
 Que só em peitos viz teu fogo arde.

Neveda amor errado.

He a Neveda fria,
 Mais fragante na noite, que no dia,
 Por influencia sua,
 Aborrecer o Sol, e amar a Lua,
 Nisto he amor errado,
 Como nos diz o seu significado;
 A Lua, e o Mundo se parecem
 Nas inconstancias, q ambos nos offerecem,
 E quem deixar por elle o Sol Divino,
 Da Neveda fará o dezatino,
 Pouco sé lembra dos enganos seus,
 Quem ama o Mundo, e dezama a Deus.

Trevo Thesouro.

He o Trevo thesouro ,
 Porque se touca com plumagens de ouro ,
 Seu cheiro em odoriferos primores ,
 Quer apostar fragancias com as flores ;
 Que a vaidade louca da riqueza ,
 Lá se remonta ao folio da nobreza .
 Mas de tão alto monte ,
 Se sobe Apollo , baixará Faetonte ,
 Com vinganças da Rosa ,
 Que de soberba tal , está iroza ,
 Abate o Trevo humilde a prezunçāo ,
 Que hade tornar teu ouro em carvão .

Marcella disvello.

A Marcella dourada ,
 He empenho de certa madrugada ,
 E por isso he disvello ,
 A manhã do Báptista hade dizello ;
 Reparte em muitas partes seus cabellos ,
 Que estes são de huma dama os disvellos ,
 E são cabellos louros ,
 De que a vangloria faz os seus thesouros ,
 Os que são pensamentos figurados ,
 Mereciaão melhor outros cuidados ,

Que

Que tão loucos inventos,
Desdourão na figura os pensamentos.

Ervas doce paciencia;

Regalla a Erva doce doux sentidos,
Gosto , e olfato traz favor recidos ,
He das Ervas mais nobres a primeira ,
E com tudo lhe chamaõ confeteira ,
He continua em dar gosto ,
A quem lhe dà disgosto ,
Quando se vê pizada , e opprimida ,
Que esta he a virtude mais sobida ;
Sua docura mostra em troca tal ,
Que he muy suave quem dá bem por mal ,
Frutos da paciencia quando he alta ,
Pois quanto mais se humilha , mais se exalta .

Nardo devoçao;

Foy o Nardo fragante ,
Da Magdalena sacrificio amante ,
Quando em luzida fervoroza acçaõ ,
O derrama licor , e fez unçaõ ,
Sem duvida he memoria ,
O seu significado desta gloria ,
He Nardo a devoçao dos virtuozos ,
Que se derrama em oleos preziosos ,

243 *Obras da Madre Soror*

Tambem he mel, e mel de taes primores,
Que as virtudes o geraõ como as flores,
Nectar suave he , cujas doçuras ,
Tiraõ da penitencia as amarguras.

Alfabo[r] segredo.

Segredo he a raiz ,
E a do Alfabo[r] melhor o diz ,
Pois guarda nella a junca o seu thesouro
Ricas fragancias , senaõ rico ouro ,
Bem por dentro da terra ,
Mas lá o vay buscar, quem lhe faz guerra ,
Para ser repartido , e quebrado ,
Assim he o segredo revelado ,
Guarda-o pois no teu peito taõ intiero ,
Como está no seu globo o luzeiro ,
Olhe a prudencia , senaõ for o medo ,
Que em passando de dous,naõ he segredo .

CLA



CLAVEL, Y ROSA.

Breve Comedia alludida a los despozorios

D E

MARIA, Y JOSEHP.

Flores, que hablan en ella.

Rosa.

Girasol.

Clavel.

Amor perfeito.

Lyrio.

Açucena.

Narcizo.

Mosqueta.

Bien me quiere.

Jasmim.

Sale la Mosqueta cantando.

Mosq. D E despozar a la Rosa
Trata el Sol, que la dio el ser,
Grande assumpcio para el Ave,
Gran dia para el Vergel.

Venid, pertended,
Que Rosa sin espinos
Es favor sin desden.

Sale la Rosa.

Ros. O' que bien, y mal me suena,
Esta voz dezigual es,
Porque al genio suena mal,
Lo que a la obediencia bien.

Mosq. Rosa bella Reyna hermoza,
Mil veces dichoso a quel,
Que entre venturas de amante
Vista purpura de Rey.

Ros. Por lo menos lleva en mi
Aquel, que ciña el laurel,
La Rosa de Jericó,
Con la palma de Cadés.

Mosq. En colmo las perfecciones,
Llevará, pues que te ven,
Toda pura, toda hermosa,
Por el vulto, y por el ser,
Si hede dizirlo en la fin,
Macuta non es in te,
Huma minina de gracia,
Si lo digo en Portuguez.

Ros. Por gusto del Rey mi Padre,
Me despózo aun que fiel,
Mas, fer adorno del Templo
Quiziera, que en el Vergel
Despezorio; mas aqui
Es la obediencia la ley.

Mosq.

Mosq. Pues yo pienso, y bien pensava,
Que aunque izenta estes
El Amor perfeto al Mundo
De ti tiene de nacer,
Y porque de tus grandezas,
No he llegado a comprehendern
La menor parte ; te pido,
Me las des a conocer,
Que como soy quieti publica
Tus bodas, ey de saber
Qual es la Nobia ; y entonces
El Novio procurare.

Ros. Aunque no es licito a alguno,
El loarle, a mi lo es,
Que como al Mundo nasci
Para prodigo, no es bien,
Que quien me mira me ignore,
Y me esconda a quien me ve.
En un campo de Esmeralda,
Terreno de Nazareth,
Que con migo es Paraizo,
Si con otros fue Vergel,
Hija de aquel, que illumina,
Con los rayos de su tren,
Quando a todo el ser ha dado,
A todo que ha dado el ser,
De aquel cuya luz hermoza,

Tan

Tan sola , y clara se ve ,
 Que la miran como una ,
 Y la adoran como en tres ,
 Hija he nascido , y tan hija ,
 Sua , que dizir podré
 Que en semejança son uno ,
 Los que son dòs en el ser ,
 Mi nombre , que significa ,
 Gracia le dezempene
 Con tantas gracias , que quando
 Si quiziesse componer ,
 Una de mis perfecciones ,
 De todas las que el Vergel
 Flores cria ; no pudieran ,
 De la Açucena la tez
 De la Violeta el olor
 Del Jasmin la candidez
 Del Lyrio la gravedad
 La hermozura del Clavel ,
 Lo celeste del Jacinto ,
 Y de la Angelica el ser ,
 O' finalmente de todas
 Lo mejor , era poner
 Un impossible à ymitarlas ,
 Porque tal mi belleza es ,
 Que al Cielo pudo dar zelos ,
 Antes de al Mundo nascer .

En

En esta conformidad,
Aqui Mosqueta me vés,
Maravilla con la flor,
Y deidad con la muger.
Por este hermozo reverde
Singular pues me crié,
Y la pacié sin susto,
Porque aunque en flores tal vez
Se esconde el Aspid, mi planta
Ha pizado sua altivez,
Y pudo una flor aqui
A una serpiente vencer,
El ayre de la lizonja,
Tambien no pudo offendér
Mi pureza, que nó osó,
Ni lo ardiente del Clavel
Ni del Zefiro el suspiro
Del Albor el rosicler,
Ni del Ruiſenor el canto,
Porque a todos enseñe,
Aquel desden, que es decoro,
Sin dexar de ser desden.
Aqui pues, adonde sube
Si a tanto puede ascender
La palmia para mi mano
Para mi frente el Laurel,
El Sol mi Padre me puza

Don-

Donde me bezan el pie,
 Reyna suya quantas flores
 Nascen a ser, y a nó ser,
 Que animadas flores son
 Quantas en este Vergel,
 Del Mundo nascen, pues vemos
 Todo humano parecer
 Qual flor en la duracion,
 Y en la belleza tambien,
 Y aun en las virtudes si
 Semejantes se nos ven,
 Y el metaforico estylo
 Siguiendo en flores, porque
 Cozas tan sagradas ay,
 Que al tocarlas hade ser
 Por sombras, ó por enigmas,
 Porque nó encuentra la fé
 Una emblema que es respeto,
 Un misterio que es pincel,
 Digo que el Divino Sol,
 Hallando ser tiempo en que,
 Ami izienta libertad,
 Puziesse dorada red,
 Para pertender mi mano,
 Convoca en este Vergel,
 A las mas illustres flores,
 Adonde entra tanto bien,

Im-

Imbidia el Cielo a la tierra,
Y el Azul que hasta aqui fue
Metafora de su gloria
Cifra de sus zelos es ;
Los Astros que luminezos,
Fueron antorchas de aquel
Pavimiento de Safiras
Rayos quizieran hazer
Viendo impossible a la Estrella
La esperanza del Clavel.
Yo que en mi folio Divino
Desde mi infancia, ó niñes
Estava como deidad,
Sin prezucion de muger
Oyendo el fatal decreto
Vacilante me assusté,
Entre el genio, y el respeto,
Entre izencion, y poder,
Mas reverente a mi Padre
Docil el si pronuncié,
Sin que en tan alta ocazon,
Quexarse pueda esta vez,
Mi izencion de mi obediencia,
•Pues aqui me sugeté,
Por agena voluntad
Cediendo el genio a la ley.
Esto affentado te digo,
An si lo escuchó a mi fe, Que

Obras de Madre Soror

Que en estas bodas augustas,
 El orbe tiene de ver,
 Del crystal lo immaculado,
 De la Açucena la tez,
 Del Sol, y Estrellas lo limpio
 Y en ellas conservaré,
 La pureza del Armiño,
 Que tan celebrada es,
 Y al Hymineo la visto,
 Sin que la disputa con el.

Mosq. Lo cierto es Rosa Divina,
 Que con tu gracia, y poder,
 Es toda la tierra un punto,

Ros. Al prado comigo vien,
 Antes que lleguen las flores.

Mosq. Mas dame licencia que
 Pues no ay boda sin pregon,
 Que te pregone otra vez.

Cant. Venid pretended,
 Que Rosa sin espinos,
 Es favor sin desden.

*Salen las flores galanes, y el Clavel
 queda retirado.*

Lyr. A' vuestras plantas ò Reyna,
 Vengo rendido esta vez,

Con

Con la dicha de esperar,

Entre el susto de temer.

Quien sois?

El Lyrio arrogante.

Aspirante a tanto bien,

Que meritos alegais?

Que mas merito que ser

El mayor entre las flores;

Ansi que todas me ven

Princepe, pues de los valles,

Si no el sagrado laurel,

Y todas estas grandezas

Sacrifico avuestros pies.

Bien està, y vos quien sois?

El Narcizo,

Que trayeis

Por merito, si llegaes

Mi Deidad a pertender?

Esta gala, y hermosura,

Porque como en mi se ve

Hermosura, y gracia, espero

Ser preferido, porque

Cierto es que ama cada uno

Su semejante.

Tened

Vos mi semejante sois?

Si Señora,

R

Ros.

- Ros.* No sabeis ,
Que yo semejante no tuve ,
Ni tengo, ni hede tener?
- Clav.* No sabe el loco Narcizo à parte
Que la Reyna unica es.
- Lyr.* Quando el que fue prezumido
Nò fue nescio?
- Bien.* Aqui se ve.
- Mosq.* Vaya-se el bobo al espejo ,
Y lindo se mire en el.
- Narc.* Corrido estoy.
- Ros.* Passarà por necedad esta vez.
Vos quien sois?
- Bien.* La flor del amor ,
- Ros.* Por merito que teneis?
- Bien.* El ser amor , porque solo
El amor merito es.
- Ros.* Con que por merecimiento
Dais al amor?
- Bien.* Estó es fe.
- Ros.* Tambien es fe ser mas fino ,
Adorar sin pertender.
- Mosq.* Oyes Mosqueta.
- Ros.* Que mandas?
Me digas quien es aquel ,
Que alli se ve retirado
De los demas.

Mosq.

- Mosq.* El Clavel ,
 Princepe, que es de la sangre ,
 Y aun aspirante a ser Rey,
Ros. Pues porque ansi se retira ?
Mosq. Yo, Señora, no lo sé ,
 Serà Galan vergoncozo ,
 Que ama sin dexarse ver.
Ros. Clavel , porque no llegais ?
Clav. Yo Señora ?
Ros. No os turbeis ,
Clav. Porque me alexa el respeto ,
 Quando me acerca la fe.
Ros. Tambien pertendeis mis nupcias ?
lav. Si Señora.
Ros. Pois nó veis
 Que implica contradicion
 Retirar , y pertender.
lav. Pertendo como el que espera ,
 No como el que oza.
Ros. Y en que la esperança alimentaes ?
lav. En los possibles , mas es
 Tan cercada de temores
 En mi humildad , que se ve
 Mäs miedo , que no esperança.
Ros. Muy poco valor teneis .
lav. Es porque he pezado el vueistro.

R ii

Ros.

260. *Obras da Madre Soror*

- Ros.* Y que meritos traeis,
Para aspirar a mi mano?
- Clav.* Solo uno traigo.
- Ros.* Y qual es?
- Clav.* Solo meresco em mirar
Que no llego a merecer.
- Ros.* Esse merito os açeto.
- Mosq.* Que discreto.
- Ros.* Que cortez.
- Clav.* Postrado os rindo las gracias,
- Ros.* Llevantad,
- Clav.* Ansi estoy bien.
- Ros.* No estais, que sois flor, que nasce
De la raiz de Jesse.
- Clav.* Tantos honores a mi!
- Bien.* Fabores haze al Clavel,
- Narc.* Es su pariente.
- Lyr.* Que importa
Si no excede a todos tres.
- Mosq.* Que soberbio el gigante solo
Hombrea con un Jozeph,
CaveI digo.
- Ros.* Illustres Flores,
Mañana en este Vergel,
Os aguardo, y advertid
Para que ansi madrugueis,
Que al que mas presto llegare

U

Un fayor tengo de hazer,
Com Magestades d' Reyna,
Y gratitud de muger.
Quiero ver en esta accion, à parte
Qual más attento se ve,
Y si se adelanta a todos,
Como en lo más, el Clavell.

- Lyr.* Yo con prisas,
Narc. Yo con alas,
Bien. Yo con ancias,
Clav. Bolare.
Tod. Si nò nos mata primero,
Desta esperança el prazer.
Ros. Pues à Dios que aqui os aguardo.
Tod. Quedamos a vuestrros pies. *Van-*
se, y la Rosa tambien.
Mesq. Yo apostarè que las flores,
Del Alba al amanecer,
Para llegar más a prisa,
Vienen corriendo en un pie,
Y yo si fuera galan,
Aunque pezasse a mí fe,
Por no dexar de dormir,
Dexara el fabor perder. *Vase.*

Sale el Clavel.

Clav. Un favor prometió la Rosa bella
 Al primero que aquí dexasse huella
 Con que yo me quede de dia a dia,
 Que ir, e bolver feria grossaria,
 Así me estoy constante,
 Por ambiciozo nō, mas por amante,
 Que es más justo se infiere
 Que sea yo quien el favor espere.
 Y no que el aguardar que buelva
 aquí
 Sea el favor el que me espere a mí.
 La escarcha, que ya empieça,
 En plata buelve el oro en mi ca-
 beça,
 El yelo me trespassa rigurozo,
 Que vive la fineza en lo costoso,
 Y ya el sueño grosero
 Me busca aunque pezado lizon-
 gero,
 Aunque amor me divela
 Duerman los ojos, que el coraçon
 vela.

R

*Reclina-se el Clavel, y sale el amor
perfeto cantando.*

Am. Despierta, despierta flor,
Que te llama el amor,
Y en traje de Abejuela
Buela.
Despierta, vivifica,
Que ya te pica,
Eya a que aguardas,
Que ya tardas en lo que no tardas.

La fuenteputa,
Ya te murmura,
La Estrella hermoza,
Verte ibozal.
Dizen las flores,
Comorduerme si tiene
amores.

No della Aurora,
Paffe la hora.

El Alva fria,
No anuncie el dia,
Y hande salir
Una a llorar, otra a reir
Despiertas! despierta flor,
Que te llama el amor!

*Vase el amor , y desperta el Clavel
assustado.*

Clav. Quien será quien me llama?
Amor perfeto es, pues dexo flama,
Corrido estoy de hallarme con so-
ciego,
Siendo ardiente su fuego,
Que aunque un instante he dado
mi pereza ,
Por un siglo lo mide la fineza.
Pero la Reyna viene, y su arrebol,
Mui de mañana me ha salido el Sol.
No hede salir a hablarla de atrevi-
do ,
*Porque no piense que el fabor le
pido ,*
Ella me mirará, si la fortuna ,
Me llevanta más alto que la Luna

*Salen Rosa , y Mosqueta de espaldas
para el Clavel.*

Mosq. Mucho tardan las flores ;
No podremos dizir que son amo-
res.

Raf.

- Rof. Mas el Clavel me admira,
Mosq. Pienso que en sus verdades no ay
mentira.
Clav. No hede salir, que fuera desatino
Demandar tal favor sin ser Divino.
Rof. Que el amor llega infiero,
Mosq. Y pues quando el amor no fue el
primero?
Bien. Aqui llego a vuestras plantas.
Rof. Ya el Alba rio de vos.
Bien. Porque?
Rof. Por lo que tardasteis,
Diziendo que sois amor.
Bien. Por el Aurora aguardé,
Para coger de su Albor
Las perlas, quize traerlas
Avuestras plantas, perdon
Aqui las teneis Señora, *saca un
bilo de perlas.*
Y fue fineza mayor
Por hacer el sacrificio,
Aventurar el fabor.
Rof. Quedad consellas.
Bien. Serà dezaire,
Rof. Serà razon,
Que perlas, que hazen grosseros,
No seran finas.

Bien.

- Bien.* O' Dios de amor paciencia te pido,
Ros. Fineza serà mayor.
- Bien.* Con todo llegue el primero,
Ros. Nò ha llegado el que tardò,
- Bien.* Fue por traeros las Perlas,
Ros. Muí mal me entendeis ; que yo,
 Estimo a la promptitud ;
 Mès que del Suo el valor.

Sale el Narciso.

- Narc.* Al Vergel dichozo entro,
 Primero en la estimacion,
 Aunque segundo en llegar.
Ros. Como an si ?
- Narc.* Por mas honor ,
 Al espejo de una fuente,
 A componer con primor,
 Mi gala , me he detenido
 Porque mas digno al candor
 De vuestras luces flegalle.
 Con que en este lance oy
 Si nò adelantè los passos
 Adelantè la atencion.
- Mosq.* Este por mirar se à si ,
 Al Cielo nò miran si .
- Ros.* Yo hermozura ados pedi ,
 Si no disvelo.

Lyr.

Lyr. Que flor tan necia como el Narciso.

Sale el Lyrio.

Lyr. Ya a vuestras plantas estoy,
Donde en un dia dos veces
Pienso me amanece el Sol.

Ros. Como esperastes por el?

Lyr. Temprano me despertó
Mi cuidado; pero como
Es mi assistencia en rigor,
En los valles, y en los montes,
Por más que me madrugó
La fineza, no he podido
Vencer los lexos veloz;
Y ansi parti con la noche,
Y he llegado con el Sol.

Ros. Partieraís al Sol de ayer
Y no os ollara el de oy

Lyr. Aun el Clavel no ha venido.

Sale el Clavel.

Clav. No hè venido, porque estoy:
Aqui quedè desde ayer
Que era mas fina atencion a la
Rosa

Pri-

Prímero que vos amé,
Os esperasse yo a vos.

Ros. En todo el Clavel se mira *à parte*
A los de más superior.
A la escarcha haveis quedado?

Clav. Esta ha sido la lición
Dél mayor amante, quando
A sus cienes Coronó
Con las perlas de Aurora.

Ros. Ella las puertas llamó,
Y vos mudo haveis quedado.

Clav. Porque reverente yo
El fabor podré esperar,
Mas no llamar el fabor,
Que la fortuna es de todos,
Y el atrevimiento no.

Bien. Yo fui el primero en llegar,

Narc. Yo el primero en la atención,

Lyr. Yo el primero en la partida,

Bien. Yo que el Bien me quiere soy;

Narc. Yo fui,

Lyr. Yo he sido,

Mosq. Y ninguno ha valido un caracol

Lyr. Mi di velo;

Narc. Mi cuidado,

Ros.

- Ros.* No hagamos definicion
Que ninguno de los tres
Lleva el fabor por honor.
- Los 3.* Porque?
- Clav.* Alentad temores.
- Ros.* Porque la hora passó
De la fineza , y ninguno
Fue primera en la occazion.
- Clav.* Segun esto yo Señora soy el di-
chozo
- Ros.* Nô sois
Porque no viene el que está ,
Y os haveis estado vos.
- Clav.* Yo proprio me condené
Pues quien el alto fabor
De vuestra mente divina
Lleva?
- Narc.* Quien le mereció ,
- Ros.* Aquella flor , que en fineza
A todas lleva la flor.
- Lyr.* Otro podrá ser mas fino ,
Mas nô podrá ser mayor.
- Narc.* Otro havrá de mas fineza ,
Pero de mas gala nô.
- Bien.* Otro Si de mayor dicha
Mas nô de mayor valor ,

Vase

Vase

Vase

Mosq.

Mosq. O' que amantes tan grosseros,
Troncos parecen, no flor.

Clav. Quien es Señora el dichoso
Saberlo quiero, porque oy
A pezar de tanta imbidia
Le venere tanto honor?

Ros. Uno de los quatro-es.

Clav. No mereciendo ser yo
Qual es de los trez?

Ros. Ninguno.

Clav. Luego podré,

Ros. Que os turbó?

Clav. Prezumir

Ros. Que si, no digo,

Clav. Ser en dicha superior

Yo quien el favor alcance.

Ros. Tambien no os digo que no.

Clav. Que es lo que explicais señora?

Ros. Que ya llevaes el favor. *Vase.*

Clav. Dicho so mil vizes quien

Sin merecer alcancó. *Vase.*

Mosq. El favor sería grande,

Mas entre dientes quedó. *Vase.*

JORNADA SEGUNDA.

Sale el Clavel.

Clav. Dicho zo Amor que imagino,
Livre de viles rezelos,
Porque no puede dar zelos
Un fogeto tan Divino.
Y aunque otro contra mi intento
Si prefiera en la occazion,
Nó lo harà su inclinacion,
Y lo harà su entendimiento.
A si que quando mi hado
Me quite el laurel dicho zo,
Nunca quedare zelozo,
Aunque quede desdichado.
Tambien como ayer aqui,
Quando el fabor alcancé
Que era rectitud pensé,
Para mi, mas no por mi.
Porque beldad de tal fer
Magestad tan soberana
Nó hade mirar como humana,
Aunque esté como muger.
Dicho zo amor sin disvelos,
Buelbo a dizir entre flores
Aunque me dexes temores
Nunca me puedes dar zelos.

Sale

Sale el Girasol.

Gir. La ignorancia desta flor
 Con admiracion oi
 Porque nunca prezumi
 Haver sin zelos amor.
 Hasta aqui nò sé aquien ama
 Mas lo que llego a entender
 Es que nò puede en querer
 Haver incendio sin llama.
 Y como del Sol candores
 Penetro en alto arrebol
 Pues soy como Girasol
 El Aguila de las flores,
 Le voy siguiendo constante
 A ver si en tal confuzion
 Si libre desta passion
 Passará siempre este amante.
 Ya estoy a sus rayos puros
 Deide donde llego indigno
 Hasta su archivo Divino
 A penetrar los futuros.

Pone-se como mirando al Sol

Clav. El Girasol a ver llego
 Que apura el Sol sin desmayos
 Y en carateres de rayos
 Lee por papel de fuego.

Can-

Canta el Girafol.

- Gir.* O' tu Febo Divino
Peregrino
Rompete a mis anhelos
Los velos
Y mire en ti brillante
Si este amante
Que oy passa sin disvelos
Tendra Zelos,
Y de quien al haverlos
Hade tenerlos:
- Clav.* Su muzica escuché
Pero lo que hâ explicado no lo sé
Ni me atrevo a inquietar su alto
empleo.
- Gir.* O Apollo Divino, que en ti veyo.
Clav. Acciones está haziendo de admini-
rado.
- Gir.* Que es lo que leyo en ti Febo fa-
grado?
- Clav.* Al Sol ya se suspende, y ya se ad-
mira.
- Gir.* Pues a la luz está como es men-
tira?
- Clav.* De la suspencion sale con espanto.
S *Gir.*

- Gir.* Como tal permitis Apollo Santo
A los Cielos se atreve amor ze-
lozo? *con furia.*
- Clav.* Al estupor divino está furioso.
- Gir.* O' zelos, ò passion que es lo que
hizistes? *Furioso*
- Que a una hija del Sol os atrevistes?
Aqui a las luces puras,
Romperé con dolor mis vestiduras
Y es tanto mi despecho
Que passaré a romper tambien el
pecho.
- A una hija del Sol, a una luz pura,
Que está quazi deidad, yes crea-
tura,
A quien mortal ninguno se halla
digno,
- Como tal permitis Febo Divino?
Sospecha obscura aqui vivos re-
zelos,
- Estremescan los exes de los Cie-
los.
- Clav.* Ya pardó su furor, ya está templa-
do.
- Gir.* Cielos, que es esto que por mí ha
passado?
- Zelos vi del Clavel contra la Rosa
Dei-

Deidad tan pura , como tan hermosa

A ver más no llegué ,
Porque en una passion me arrebate.

Clav. Aquí os vi contemplando
Vuestros raros affectos admirando,
Y merecer quiziera
Saber que visteis en la clara esfera.

Gir. Pues a tu hado escucha
Mucha es mi informacion.

Clav. Mi atencion mucha.

Canta el Girasol.

Gir. O' tu Clavel que inocente
Prezumes en tal enpeño
Ser sacrificio de amor
Sin ser víctima de zelos ;
Sabe que yo Girasol ,
Que a luz del Divino Febo
Leyo incognitos futuros
De sus arcanos secretos ,
Vi que hasde penar y zeloso
En un oculto misterio ,
Donde pagaras a perlas
Quanto has devido a sociegos ;
La paz se bolberá guerra

S ii

Y en

Obras da Madre Soror

Y en este hermozo terreno
 Seran jacintos azules
 Los que son jasmines tersos.
 Este es el fatal preludio ,
 Que fiel te reprezento ,
 Porque al avizo del Rayo ,
 Pagues la culpa del Trueno.
 Piza, piza con tiento
 Del Vergel bello
 Las lindas flores ,
 Porque si oy son amores
 Mañana seran Zelos. *Vase.*

Clav. Aguarda flor, que esta vez
 Inquietas en triste Aurora
 A los sociegos de aora
 Con las penas de despues.
 Buelve, buelve Girafol ,
 Mas ya dezapareciste ,
 Que mucho se te atreviste
 Adar atomos al Sol.

Sale la Rosa.

Ros. Aquien llamais?
Clav. Ay de mi.
Ros. Que os veyo defcolorido.
Clav. Señora
Ros. Dizid que ha sido?

Clav.

- Clav.* Hable conmigo, y sin mi,
Dexame vana locura,
Que no cabe en mis disvelos
Pensar que pueda dar zelos
Una belleza tan pura.
- Rof.* Pensativo os llego a ver.
Clav. Desperté con poco gusto.
Rof. Pues de que es vuestro disgusto?
Clav. De poder venirlo a ser.
Rof. No os entiendo, y en verdad
Mui otro os llego a advertir,
Si os atreveis a dizir
Obscuros a mi deidad.
- Clav.* Perdonadme si ante vos
Hablé incauto, ó indiscreto
Porque nò supo el respeto
De lo que supo la voz.
Si mi color con quebranto
Està, seran sus retiros
O' del ayre a los suspiros
O'ya de là Aurora al llanto.
- Rof.* Sois flor, ninguna en rigor
Dexa de mudar semblante.
- Clav.* Quando una flor es diamante
Luego dexa de ser flor,
Mas diamantes dezazerlos
Aun puede un dolor lavrando.

S iii

Que

Que estea yo tolerando à parte
Zelos, de haver de tenerlos!

Ros. Otra vez,

Clav. Passome un clavo.

Ros. Enigmas hablais coamigo
Sin mirar onde estais?

Clav. Digo,

Ros. Que dizis?

Clav. Soy vuestro esclavo. *Vase.*

Ros. Que tendrá el Clavel, que así
Con tal digusto se infiere,
Mas tenga lo que tubiere,
Que esto no me importa a mi.

Sale la Mosqueta.

Mosq. Señora hallarte conigo
Mas sola.

Ros. No advierte oy,
Que yo nunca sola estoy
Porque siempre estoy conmigo.
Quiero el Jardin pasear
Dando a las flores honor
Mis plantas, y por mayor
Suavidad mando cantar;
Q'la, no ay un page ahi?

Sa-

Sale el Jasmin.

Jasm. Aquí está el Jasmin Señora
Ros. Di al Ruiseñor sin demora,
Que venga a cantarme aquí;
Hagan sus voces suayes
Con el ayre un dulce ajunto.
Jasm. Yo voy a llamar al punto
El Orfeo de las aves. *Vase.*

Sale el Lyrio.

Lyr. Milagros vuestra beldad
Ha echo en esta estacion
Pues lo verde , y lo celeste
Hizieron pazes por vds.

Mosq. Quando huvo dama , y Jardin
Sin conceto.

Rof. Aqui me estoy
Bien hallada con las flores ,

Lyr. Illuminais su candor.

Sale. Bien me quiere.

Bien. Pizad con tiento Senora
Del Jardin lo verde by
S iv

Que embidian las esmeraldas
De las yervas el fabor.

Mosq. Requiebro de yerva, solo
Lo he visto en esta occazion.

Ros. Siempre la Mosqueta pica.

Bien. Aqui nada haze dolor.

Sale Narciso.

Narc. El firmamento, Señora,
Mirando con seño estoy,
Porque se quexa la Estrella
De la dicha de la flor.

Mosq. Este ha llegado más alto,
Porque al Cielo se subió

Ros. Eya baste de lizonjas
O'la cante Ruiseñor.

Canta dentro una voz, y va saliendo el Clavel.

Voz Pregunta a saber mejor,
El Ruiseñor entre flores
Qual viene a ser en amores
La mayor prueba de amor,

Clav. Pregunta a saber mejor
El Ruiseñor entre flores

Qual

Qual viene a ser em amiores
La mayor prueba de amor?
Esto el Ruisenor pregunta,
Ya ser mas ozado yo
Diria mi sentimiento,
Pero Señora ante vòs
Lo que nasce a ser palabra
Luego fenece temor.

Lyr. Tambien yo mi parecer diria,

Narc. Mi explicacion

No escuzaria al proemio.

Bien. Yo que Bien me quiere soy

En amor definiria

Si aqui todos por fabor

Vuestra licencia alcançamos.

Ros. Aunque libre de passion

Porque a humanos sentimientos

Aun no he visto la color;

Pues del campo la licencia

Tiene alguna distincion,

Permito que cada uno

Explique en esta occazion

Su entender.

Tod. A vuestras plantas prostrados la
permission

Agradecemos rendidos.

Ros. Llevantad.

Tod.

- 282** *Obras da Madre Soror*
- Tod.** Tan alto honor.
- Lyr.** Del amor la mayor prueba
 Dire confiado yo.
 Es que un grande , un poderozo
 Prisionero en su cordon
 Se haga por amor esclavo ,
 Quando ha nascido Señor.
 En su amorozo cariño
 Un grande, quando es amante,
 Està, como si un Gigante
 Si viesse rendido aun niño.
 Y de amor en este alíño
 Se exalta su fe serena
 Pues que su grandeza , agena
 Muestra a todo el emisferio
 Que ya no estima su imperio
 Por estimar su cadena.
- Clav.** Tal grossaria.
- Rof.** Calla ,
 Dexa que digan los dos ,
 Y tiempo queda despues
 Para la definicion.
- Mosq.** Tomò tema mui grossero ,
 Para delgado sermon.
- Narc.** Del amor la mayor prueba
 Es que uno en tal occazion
 Se dexe de amar a si
 Por amar a lo que amó. **Rim-**

Rindir tu grandeza aqui
 Es dexat tu señorío
 Mas dexar el amor mio ,
 Es más , que es dexarme ami.
 Así que poco das vi
 Si al amor proprio nó daz
 Con que yo de su carnaz
 La mayor prueba consigo
 Pues todo es menos conmigo
 Y yo conmigo soy más.

Rof. O' quanto el Narcizo precia
 Su amor propio.

Mosq. En quanto habló
 Viendose estuvo a la fuente.

Rof. Me enoja su prezuncion.

Bien. El que aventura la vida
 Por alcançar lo que amó
 En este de amor litigio
 Dá mayor prueba al amor.

El que ama , o es frenézi ,
 Amor proprio hade tener ,
 Pues si quiere, hade querer
 Lo que quiere para si.

La vida en la ardiente lid
 Hade aventurar su flama
 Por el premio desta llama
 O' su fineza dezhaze,

Pues

Pues no ama el que no haze
Por alcançar lo que ama.

- Clav.* Quien quiere para alcançar
Haze el amor interes,
A si sabe desta vez
Que es querer, mas no es amar.
Aquel que llega a adorar
Una divina belleza
Si de amor la gentileza
Busca, porque no la ofusque,
Solo en su fineza busque
El premio de su fineza.
- Tambien ò Lyrio mi voz
Te convence en esta ley
Porque no se humilla un Rey
Quando se ha rendido aun Dios,
Postrarre un Cetro veloz
A la beldad, que ve pura,
Es deuda, y passa a ventura
Sin fineza ni misterio,
Porque nada tiene imperio
Adonde està la hermozura.
- El Narcizo fue a gloriarse
De lo que es fuerça en amor
Que ya se sabe en rigor
Que quien ama no hade amar-
se.

Escu-

Escurzado era probarse
 Si amarse era cazo atrós
 Herido del niño Dios
 A si mismo, amante alguno,
 Que el amor hade ser uno
 Y ya consigo eran dós.

Ansi que ninguno aqui,
 El aplauso mereciò,
 Que el tener muchas razones,
 Nò es tener mucha razon.

Lyr. Nò me doi por convencido,

Narc. Ni oy tan poco.

Bien. Ni yo.

Rof. Y vos que dizis?

Clav. Yo digo, y lo afirmo sin temor
 Que en un amante los zelos
 Son de amor prueva mayor.

Rof. Y no sabeis que los zelos
 Son atrevimientos?

Clav. Nò, que éssos son zelos villanos,
 Hijos de affecto traidor,
 Adonde el crystal más puro
 Se enturbia en la prezuncion.
 Al fin son zelos grosseros.
 Y de aquellos hablo yo,
 Que sin llegar al respeto
 Se atreven solo al dolor.

Rof.

- 186** *Obras de Madre Sotor*
- Ros.* Y de que esse dolor nasce?
Clav. De un rezelo, que forjó
El mismo amor en si mismo
A hurto de la razon.
Y passo a lo que defiendo.
Mosq. Buena hora te dé Dios.
Clav. Del amante en las firmezas
Las constancias son porfias ,
Las finezas bizarrias ,
Las dadivas gentilezas ,
Los disvelos fortalezas ,
Los desdenes son favor ,
Todo es gloria , todo honor ,
Mas zelos , que es mi intento
Son tormento , y sin tormento
Ninguno prueba el amor.
El que no passa a penar ,
Que ama nó puede dizir
Que quien no llega a sentir
No puede llegar a amar.
En los zelos viene a estar
La pena destes disvelos
Y como en tales rezelos
Vive de amor el dolor
Solo haze prueba de amor
Aquel que prueba los zelos.

Den-

Dentro voces,

Victor, victor al Clavel

Viva que el lauro llevó.

Rof. O'lá que voces son estas

Quien haze esta aclamacion?

Sale el Jasmin.

Rof. Que es esto niño?

Jasm. Señora, el Jacinto, que se halló

Aqui cerca, y el problema

Pudo oir con atencion,

Como tan pratico que es

En sentimientos de amor

Dió por el Cavel sentencia.

Y consigo se llevó

El aplauzo de las más

Flores, y una , y otra voz

Uniformes repetieron

En esta verde estacion

Voces. Victor, victor al Clavel,

Viva que el laurel llevó.

Lyr. Y porque entre todos el

La sentencia mereció,

Narc. Porque más honor alcança?

Bien. Porque más gloria ganó?

Ve-

Vozes dentro.

Porque quien prueva los zelos
Solo haze prueva de amor.

Lyr. El ignorante Jacinto.

Narc. Dirá la atrevida flor

Mosq. Ya dixo lo que en juicio
Su conciencia le ditó
Que el Jacinto es juez recto.

Bien. Como apassionado habló.
Y aunque otra sea la sua,
Yo me quedo en mi opinion.

Mosq. Señores no ay que arguir
Contra un letrado de amor.

Clav. Princepes esta victoria
No es de tan grande esplendor
Que a voz os dexe dezaire
Ni ami dexe prezuncion,
Y ansi del divirtimiento
No agamos duelo.

Bien. Razon teneis sea vuestro el lau-
ro.

Lyr. En buen hora.

Narc. Es atencion.

Res. El laurel vuestro será,
Mas advertid desde oy,

Que

Que en mi Palacio otra vez
Por semejante passion *para el Clá-*
vel

No argumenteis, que aunque más;
yendose.

Allegure vuestra voz,
Su respeto, ó su pureza,
Adonde prezido yo,
Es opinión mui grossera
Para una hija del Sol. *Vase.*

Lyr. Bueno el Clavel ha quedado.

Mosq. Bien el triunfo es amargo,
Mas quando en celos no fuerot
Hasta los triunfos dolor? *Vase.*

Clav. O' rezelos de los celos
Que poco atentos que sois,
Pues os atreveis a dar
En el Cielo dislabor.

Y aun antes del fuego el humo
Mal soñido rebento. *Vase.*

Bien. Que diremos al Cavel?

Narc. Que los celos defendio,
Si no los tiene andó mal,
Y si los tiene, peor. *Vase.*

JORNADA TERCERA.

Salen las flores galanes, y la Rosa.

- Clav.* Viendo-os madrugar, Señora,
Alva , y Aurora se ven
Quando una a llorar de embidia
Otra a reir de placer.
- Ros.* Un sueño me ha disvelado
Porque aunque de gusto fue
Tanto para el que dispierta
Desvela el mal , como el bien.
- Clav.* A Morfeo agradecidos
Quedamos todos , en que
Os dió gusto , aunque disvelo.
Y el Jardin lo está tambien
- Lyr.* Pues que por el con tal flor
Se mira al amanecer.
- Narc.* De vuestra idea divina
Quien duda que huvo de ser
Hasta el sueño soberano ,
Con que prezumo esta vez
Que aun quando agena de vos
Como vos os dexaes ver.

Ros.

- Rof.** Porque mejor lo digaes,
El sueño revelaré
Sin que lo oculte a ninguno.
- Clav.** A todos honor hazeis.
- Rof.** Soñé que via el Cielo estremecerse
Y su maquina pura al alterarse
Ya se estava a cayerse, ó no cayerse
Ya se estaba a quebrarse, ó no que-
- brarse : obisup sup enoc
Del Dios de amor se vio luego
romperse oisqde im enas
- Porque ligero á cá quizo arrojarse
Cayendo en mi regaço muy veloz,
Con que esfera quedé de todo un
Dios.
- Clav.** Quien duda que se el amor
Dexar el Cielo se ve
Será a buscaros , y así
No era baxar el caer.
Si seran estos mis zelos? à parte
Si aqui estará su poder?
Mas no puede ser, que un Dios
Quita duda , y dexa fe.
- Bien.** Corrido amor quedará ,
Si el sueño sabe, porque
Ha echo la fantezia
Lo que el devia de hazer.

- Narc.* No es mejor throno el Império.
Lyr. Ni el Cielo mas gloria fue.
Narc. Pues yo tambien he soñado
 Y misterioso soñé
 A favor de todo el Orbe.
Ros. Si a todos nos está bien
 Sea el sueño para todos.
Narc. Ya lo refiero oístez.
 Soñé que quando ociozo yo bus-
 eava,
 Para mi espejo el agua crystalina,
 En campos de Belen alli encon-
 trava
 Una gracia fuente peregrina,
 Que a beber todo el mundo con-
 sidava
 En sus crystales si clara , y benig-
 na,
 Y yo gustando su corriente pura
 Quedava mejorado en hermozu-
 ra.
Lyr. Vuestros sueños son delicias
 Mas yo del mio quedé
 Ajado.
Ros. Tambien soñastes?
Lyr. Si, Señora , y esto fue.
 Soñando un Lirio vi de tal gran-
 deza , ii i Que

- Jesu*. Que alas Estrellas su altivez toca-
va,
Por que su pompa, lustre, y gen-
tileza,
- Quando nascia flor Astro acabava:*
Pensando con soberbia, y con ru-
deza
- Yo que a mi mismo en el alli mi-*
raya
- Yo solo, aqui me dijo entre fe-*
vero,
El Lirio soy del campo verdade-
- Mas son sueños, y de sueños
No ay hazer cazo.
- Ref.* Está bien, mas ay sueños miste-
riozos
- Que ríos avizan tal vez
Contra nuestra vanidad.
- Bien.* El mio de nupcias fue
Con que hemos soñado todos.
- Ref.* Hasta esas misteriosas
- Bien.* Unas nupcias soñé de gloria tal,
Y de pureza las miré tan llenas,
Que a su Talamo vi ser de crystal.
Siendo su aparamiento de Aqui-
cenas.

T iii

Y las

Y las luces, que allí todo era igual,
 Eran de las Estrellas mas serenas;
 Los consortes no vi, mas bien mi-
 rado

Solo el Sol pudo ser el despozado.

Nora. Estos misterios, Señora,

Sola vos aquí podreis

Con vuestra mente divina

Decifrarlos.

Ref. No podré,

Que no es justo se examine

Con curiosidad infiel

Del oculto lo sagrado

Antes de dexárte ver

Si son sueños, nada importan;

Y si no lo son, tambien;

Hasta que el tiempo los diga

En sus arcanos se estén.

Cantan dentro.

Muz. Decifrados los sueños
 Mui presto haveis de ver
 Porque ni siempre, ó si tores,
 El sueño, sueño es
Ref. De una Angelica animada
 Aquien el Sol esta vez

Ful

Fulminó con sus rayos.

Es la voz; con que ya veis,

Que a vuestros sueños el velo

Mui presto se hade romper.

Bies. La declaracion del mio,

Con ancias esperaré.

Rof. El vuestro está decifrado,

Porque mi Padre el Sol Rey

Oy manda que me despoeze

Siendo de su gusto ley;

Y bodas de tal pureza

Solo mias pueden ser,

Y como en vísperas tuyas

Misterios al parecer

Todos havemos soñado,

Yo tengo assentado en que

De mis soberanas nupcias

Hande venir a nascer

Estos futuros, que aqui

Se nos han dexado ver

En Dios de amor fuente, Lirio,

Cuyo raro oculto bien

Será embidia del los Cielos

Siendo gloria del Vergel.

Clav. Vuestros altos pensamientos

Lo acierto mas posible es

Que tan cerca esté la dicha?

- Lyr.* Que tan llegada se ve?
- Tod.* Para bien, mas no sabemos,
A quien dar el parabien.
- Clav.* O' como me temo indigno. *à parte*
- Lyr.* Como alentado me ven. *à parte*
- Narc.* En fuente soñe, no digo;
Desta agoa no beberé. *à parte*
- Bien.* Quien duda que soy el nobio,
Pues con las nppcias soñe? *à parte*
- Lyr.* Quien duda que a mi grandeza
Se hade llegar el laurel. *à parte*
- Clav.* Quien duda que todos pueden
Mejor que yo merecer.
- Lyr.* Pues yo con vuestra licencia
Voy a prevenir fiel
La assistencia a tal funcion
Entre temor y plazer. *Vase*
- Tod.* Esse intento nos aparta. *Vanse*
- Clav.* Y yo me quedo a temer.
- Ros.* Vos solo no hayais soñado?
- Clav.* Tambien, Señora, soñe,
Y estoy duocao entre sombras.
- Ros.* Y que se llegó a ofrecer
Peregrina a vuestra idea?
- Clav.* Pues lo mandaís, lo dire.
Que en un campo soñe me pas-
feava

Adon-

Adonde solo havia azules flores
Allí con sus espinos me picava
Porque estavan cercadas de rigo-

res y piqueras.

Luego un pañal vía , y guitarra
Que suave curava mis dolores
Y tan dulce la miel estaba en el
Que se estaba mas dulce que la

miel, y abajo lo que

Este mi sueño Señora;

Y aunque suave , y cruel

Ni lo temo como mal ,

Ni me alegra como bien ,

Y lo que quiso explicarme,

En su atchiva lo dexé.

Muz. Es lo que aquí te muestran
Que tus celos Olavie
Serán flores azules,
Y luego serán miel.

Ros. La Angelica ha respondido
Yo solo quiso atender ,
A su dulçura , y a la letra a parte
No di atención , esto es
Hazerme dezenteridida
Como que mal escuché
De celos , en que sinduda
Misterio deve de haver.

Cler.

Clav. Ya la oí con tanto gusto,
Que dos veces aquí fue
Alegria; una por canto
Otra, Señora, porque.

Mosq. Serán flores azules,
Y luego serán miel.

Clav. Dulce voz que a mis temores
Hast dexo dolo focegar
En el altar de mi pecho
Doy gracias a tu bondad.

Sale la Mosqueta.

Mosq. Señora estos memoriales
A tú Augusto tribunal
Embian las flores Princepes.

Rof. Pues el Clavel se los dà
Leedlos; mas a que intento
Oy peticiones me dan?

Lee el Cavel.

Clav. Suplica a vuestra belleza
El Lirio en esta ocasión
Que os acordeis, y es razon
De su honor, y su grandeza.

Rof. Bien está, venga el segundo,
Mosq. Todos de un pano serán.

Let

- Lee.* El Bien me quiere atrevido
Pide en las nupcias de honor,
Os acordeis de su amor,
Que amor no merece olvido.
- Ros.* Aquien de amor entendiesse
Podria ser memorial,
Ami no; venga el tercero.
- Mosq.* Este espejo pedirá
Para el dia.
- Ros.* Eya acabemos.
- Clav.* Ay mucho que ponderar.
- Lee.* El Narcizo, en la accion pura
Pide acordeis bien mirada,
No ser para despreciada
Tanta gala, y hermozura.
Esto se atreve a pedir.
- Ros.* A que no se atreverá un nescio?
- Clav.* Será dilirio por no dízir natural.
- Mosq.* Antes de serlo estes nobios,
Han dicho la necesidad.
- Clav.* Corridó estoy de su accion. *a parte.*
- Mosq.* Voy a conducir las mas.
Porque al Templo te acompañen.
- Vase.*
- Ros.* Y vos solo no me daes memorial?

560. Obras de Madre Soror

- Clav.* Nô, gran Señora, no
Y si tó huviera de dar,
Que os olvidasseis de mi
Pidiera en el memorial.
- Ros.* Porque peticion tan rara?
Clav. Porque se apemar llegaes
Lo que tâ de vos a mi
Impossible os ve mi afan
Con que arriesgo en la memoria
Aun mas que en la voluntad.
- Ros.* De essa fuerte en los olvidos
Las esperâncias fundaes?
- Clav.* Si Señora.
- Ros.* Pues aqui de humilde ignorante
estais,
Porque mejor en la fe
Las podieis suffentar?
- Clav.* La fe, Señora; me vale
En tanta contrariedad;
A que estando desmayado
No he llegado a estar mortal.
- Ros.* Si va por merecimiento
Quien ay que pueda esperar
En mi pertenencia.
- Clav.* Ninguno,
Mas en tal dispaciâdad
Yo prezumo que soy menos
Adonde ninguno es mas. *Ros.*

- Ros.* O' que lugar en mi pecho,
Va labrando su humildad. à parte
No se si sois más, ó menos,
Pero no llego a dudar,
Que presumir no es saber.
- Clav.* Pues yo quien soy?
Ros. Lo ignorais?
- Clav.* Un Princepe de la sangre
Conjunto a la Magestad;
E esto es que buelvo por mi,
No por vos.
- Clav.* Más me obligais,
Mas quando con vos me miro,
Aunque aqui tanto me honrais
Pareceme que estoy viendo
Un borron junto aun crystal.
- Ros.* Pedi confiança a los otros
Que tan hartos della estan.
- Clav.* Aun a faber que son dichas
En su atrevimiento van;
Más quiziera mi rezelo
Que nò su temeridad.
- Ros.* Con que mejor el estado
Os estava de excluido?
- Clav.* Si, porque antes que atrevido
Quiziera ser desdichado
Y siendo tal el objecto Yo

Yo de mi proprio homicida
 Cortaría por mi vida
 Antes que por su respeto:
 Que si acazo a la ventura
 El rostro llego a mirar
 Su fabor no hede comprar
 A costa de mi locura.

Dentro vozes , y caxas.

Vozes. Viva la Rosa, viva la hermozura
Ros. Estas vozes son trofeo,
 Con que el pueblo en este dia
 Aplaudé con alegría
 Las nupcias de su deseó.

Vozes , y caxas.

Viva la Rosa, viva Emíneo.

Sale la Mosqueta.

Mosq. Señora , el Templo gozofo
 Te aguarda ya , porque el Sol
 Solo espera tu arrebol
 Para nombrar a tu espozo.
Ros. Varios pues



Clav.

- Clav.** O' quien pudiera
Merecer gloria tan alta,
Que a las Estrellas exalta.
Ref. Venid, que a todos espera
Y alli vuestro lugar sea,
Quando la fortuna entrare,
Ni tan cerca que os reparare,
Ni tan lejos que no os vea. *Vase.*
Clav. Aunque en su voz me enageno
Dudo em mi temor fatal,
Que una Rosa Celestial,
Sea de un Clavel terreno. *Vase.*

*Descubrese una forma de Templo,
y sale Jasmin.*

- Jasm.** Al Templo del divo Sol
Vengo la Reyna a esperar. *Mirando a dentro.*
Ya llegan a duplicar
Las luces a su farol,
Entré todos el Clavel
Viene con tal Magestad
Que me parece que está
Arrebatando el Laurel.
Su gala, su bizarria
Su gravedad, su hemozura
Va

Va diciendo a la ventura:
 Oy de justicia eres mia.
 La Rosa viene tan bella
 Con tal gracia, y tal primor
 Que se desdeña de flor,
 Y aun se desprecia de Estrella.
 Ya llegan con gravedad:
 Flores animadas todas
 A ver las mayores bodas.
 Que ha de conocer la edad.

Cantan dentro, y van saliendo todos.

Muz. A despozarse la Rosa
 Oy sale de su Vergei
 Donde la dicha de uno
 Embidia de tantos es.
 Fuentes parad,
 Flores corred.

Clav. Vengo a tan justo dever:
Lyr. Vengo a tan claro farol.
Ros. Todos a saber del Sol
 El que mi espozo hade fer.
 Aunque alcanço una lealtad
 Parte.

Esti-

Estimo en esta occazion,
Que se amia la accion,
Y suya la voluntad.

Padre de la luz hermòzo.

Clav. Dominante en el farol.

Lyr. Clara deidad.

Nare. Divino Sol.

Bien. Numen el mas luminozo.

Rof. Dignate,

Mosq. Romper los velos a responder

Lyr. A explicar,

Tod. El dichozo, que hade dar
Hasta al mismo Empireo zelos.

Clav. Quien la flor de Jericó

Lyr. Quien la Rosa Celestial

Narc. Quien la Açucena entre espinas.

Bien. Quien la esperanca de Abran,

Mosq. Quien la Palma de Cades,

Rof. Quien el sellado Crystal,

Lyr. Quien la Oliva especiosa,

Narc. La espiga del mejor Pan.

Tod. Hade llevar por corona
En tanta prosperidad.

Canta dentro una voz.

Yo doy mi hija bella,
 La Flor de la Magestad,
 A aquél, que piensa ser menos,
 Quando entre todos es más.

Lyr. Dinos quien es, Sol hermozo.

Clav. Dádnos su nombre, Deidad.

Narc. Nombrale, Luzero bello,

Bien. Dinos quien es.

Tod. Quien será?

Muz. Aquél, que piensa ser menos,
 Quando entre todos es más.

Rof. Como sospecho quien es. à parte.

Tod. Dinos, ó Sol.

Sale la Açucena.

Açuc. Esperad

Que a mi me toca nombrarle
 Es la Açucena.

Rof. Escuchad, *Canta recitado*

El Sol Apollo Divino
 Cuya immensa claridad
 Es antorcha de los Cielos
 De la Tierra, y de la Mar.

Cu-

Cuyos rayos luminosos
 Alumbran de fas à fas
 Del Querube adonde vive
 Hasta el hombre adonde està.
 Numeñ Divino me manda
 Para espozo nombre ya
 A aquel si, que par no tiene;
 De la que no tiene par.
 Oid, atended, escuchad.
 No mueva la hoja,
 No aliente la flor,
 No corra el crystal.
 El dichozo a quien el Sol
 Su hija la Rosa dà,
 Es el Clavel, quando menos,
 Es un Joseph, quando más.
 Dizid, publicad
 Por flores, y Estrellas
 Por Cielos, y tierra
 Su felicidad.

Las flores galanes dizen.

Flores. Todos si por su decreto
 Estamos, aunque a-pezar
 De nuestra embidia.

- Ros.* Ninguno mejor que el Clavel me
està,
- Mosq.* Yo apostaré que este nobio
No hà dizir necedad.
- Clav.* A vuestras plantas, ò Reyna,
Teneis aquell, que serà,
Esclavo para servir,
Espozo para adorar.
- Ros.* Al decreto de mi Padre
Obligada llego a estar
Pues toda mi estimacion
Ha sido vuestra humildad:
Mi mano os doy.
- Clav.* De la mia, que tengo
El Cielo, podrán dizir.
- Açuc.* Tanto mereceis:
- Clav.* A vuestra voz anunciar
Devo mi dicha.
- Açuc.* Fue denda
Lo que en la Açucena hallais,
Pues devia la pureza
A la pureza nombrar.
- Bien.* No valio mi amor.
- Lyr.* No pude yo grande.
- Narc.* Ni yo galan.
- Açuc.* Del eletto.
- Jasm.* Del Clavel.

Ros.

Ros. Del dichozo.

Mosq. Del sin par. *Cantan*
Dezid , publicad por flores, Es-
trellas ,
Por mares , y tierra, su felicidad.

Toda A quel que piensa ser menos
lamuz. Quando entre todos es más.

F I N.



76770069

Digitized by Google

